



IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves

2018

# RELATÓRIO

**Pesquisa sobre Homens Transexuais,  
Mulheres Transexuais e Travestis da  
Região Metropolitana da Grande Vitória**

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP  
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN

RELATÓRIO FINAL |

**Pesquisa sobre  
Homens Transexuais,  
Mulheres Transexuais  
e Travestis  
da Região Metropolitana  
da Grande Vitória**

Instituto Jones dos Santos Neves  
Pesquisa sobre homens transexuais, mulheres  
transexuais e travestis da Região Metropolitana da  
Grande Vitória – Relatório final. Vitória, ES, 2018.

114p.; il. tab.

1. Transexuais. 2. Desigualdade Social. 3. Vulnerabilidade.  
4. Região Metropolitana. 5. Grande Vitória-ES. I. Pereira,  
Sandra Mara. II. Linhalis, Cicero Frechiani. III. Gonçalves,  
Thalita Matias. IV. Título.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto Jones dos Santos Neves ou da Secretaria de Estado de Economia e Planejamento do Governo do Estado do Espírito Santo.

**GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**

Paulo Cesar Hartung Gomes

**VICE-GOVERNADOR**

César Roberto Colnago

**SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP**

Regis Mattos Teixeira

**SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS – SEDH**

Andreza Rosalém Vieira (*Respondendo*)

*Coordenador Estadual de Políticas para Diversidade Sexual e de Gênero*

Marcos Vinicius da Silva Cordeiro

**SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL – SECTI**

Vanderson Alonso Leite

**FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA E INOVAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO – FAPES**

Jose Antonio Bof Buffon

**INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN**

*Diretora Presidente*

Gabriela Macedo Lacerda

*Diretoria de Estudos e Pesquisas*

Ana Carolina Giuberti

*Diretoria Administrativa e Financeira*

Andréa Figueiredo Nascimento

**AGRADECIMENTO INSTITUCIONAL**

---

Júlio César Pompeu

**COORDENAÇÃO GERAL**

---

*Coordenação de Estudos Sociais – CES*

Sandra Mara Pereira

**ELABORAÇÃO**

---

Sandra Mara Pereira

Cicero Frechiani Linhalis

Thalita Matias Gonçalves

**REVISÃO**

---

Ana Carolina Giuberti

**FOTOS**

---

Registros realizados durante campo da pesquisa

**EDITORAÇÃO**

---

Eugênio Herkenhoff

Maria de Fátima Pessoti de Oliveira

João Vitor André

Arthur Ceruti Quintanilha

**BIBLIOTECÁRIA**

---

Andreza Ferreira Tovar

# SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>2. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>4. METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>5. RESULTADOS .....</b>	<b>28</b>
<b>5.1 Identificação do(a) Entrevistado(a) .....</b>	<b>29</b>
<b>5.2 Educação .....</b>	<b>32</b>
<b>5.3 Família .....</b>	<b>42</b>
<b>5.4 Moradia .....</b>	<b>44</b>
<b>5.5 Trabalho e Renda .....</b>	<b>48</b>
<b>5.6 Saúde .....</b>	<b>55</b>
<b>5.7 Segurança .....</b>	<b>77</b>
<b>5.8 Entrevistados (as) não transicionados (as) e que fizeram a "destransição» .....</b>	<b>86</b>
<b>5.9 Entrevistadas em privação de liberdade .....</b>	<b>91</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>101</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>108</b>
<b>8. APÊNDICE.....</b>	<b>111</b>



1

# APRESENTAÇÃO



Sandra Mara Pereira<sup>1</sup>  
Cicero Frechiani Linhalis<sup>2</sup>  
Thalita Matias Gonçalves<sup>3</sup>

**E**ste relatório evidencia os resultados da pesquisa sobre homens transexuais, mulheres transexuais e travestis<sup>4</sup> na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). Questões como “Qual o perfil desses sujeitos?” “Quais as principais vulnerabilidades vivenciadas?” e “Quais as suas percepções sobre a segurança e a violência na sociedade em que vivem?”, entre outras, fizeram parte dessa pesquisa que teve como foco central gerar informações e dados estatísticos importantes sobre a população trans, com vistas a subsidiar a formulação de políticas públicas específicas para este segmento.

Essa pesquisa é resultado de uma demanda da Secretaria de Estado de Direitos Humanos (SEDH), que culminou numa parceria mais ampla firmada entre esta Secretaria, o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES)<sup>5</sup>, a partir da qual foi possível realizar **duas pesquisas inéditas** no estado do Espírito Santo, cujo objetivo central foi conhecer o perfil, as demandas e as principais vulnerabilidades das pessoas em situação de rua e das pessoas trans na RMGV.

Trata-se de **um projeto** com **dois focos** de interesse, com públicos bem distintos, o que exigiu estratégias metodológicas distintas. Embora as trajetórias iniciais da construção do desenho das duas pesquisas tragam bastante similitudes, esta apresentação concentrar-se-á nos aspectos relativos à pesquisa com as pessoas trans.

Espera-se que as informações e estatísticas geradas sejam importantes para os gestores públicos, os sujeitos pesquisados e a sociedade civil de modo mais amplo; e que possam de fato subsidiar a formulação de políticas públicas específicas (planos, projetos e ações direcionadas) para este segmento vulnerável da população do estado.

Um desafio importante foi assumido, não apenas pelo ineditismo da proposta - no âmbito do IJSN, do Governo do Estado e do próprio Espírito Santo -, mas também pela própria característica do grupo a ser pesquisado. Por se constituírem como vítimas de rejeição social em alto grau, o que se expressa algumas vezes como agressão ativa ou, ainda com maior frequência, numa recusa da sociedade a lhes prestar solidariedade ou apoio, essas

<sup>1</sup> Coordenadora da Pesquisa, Mestra em Sociologia e Especialista em Estudos e Pesquisas Governamentais da Coordenação de Estudos Sociais do IJSN.

<sup>2</sup> Bolsista da FAPES, Cientista Social que atuou como Supervisor de Campo.

<sup>3</sup> Cientista Social, Mestra em Educação e Pesquisadora da Coordenação de Estudos Sociais do IJSN.

<sup>4</sup> Ao longo deste relatório, esses três sujeitos da pesquisa serão denominados também como população trans ou pessoas trans.

<sup>5</sup> Em 09 de setembro de 2016 por meio do OF/Nº349/GAB/SEDH/2016 a Secretaria de Estado de Direitos Humanos manifestou oficialmente para a FAPES interesse no estabelecimento da parceria para a realização de pesquisa sobre pessoas em situação de rua e pessoas trans. Este foi o ato inicial da formalização da parceria, que se efetivaria com a formulação de um projeto por parte do IJSN, a análise do mesmo pela FAPES e a assinatura do termo de outorga que ocorreria cerca de dois meses e meio depois, em 24 de novembro de 2016.



pessoas facilmente agredidas e raramente defendidas, se veem, em extrema vulnerabilidade, ao que muitas reagem desenvolvendo uma "cultura de resistência" específica, com linguagens e hábitos próprios. Ou seja, tratava-se de um grupo, a princípio, pouco acessível, pela própria trajetória vivenciada.

O fator decisivo para aceitar o desafio proposto foi a afirmação de que essa também era uma demanda dos movimentos sociais, face a ausência reiterada de informações no Brasil e no Espírito Santo sobre pessoas trans. Não ter estatísticas confiáveis e informações consolidadas, sem dúvida, já é parte do processo de exclusão a que este grupo está submetido.

Ao revelarem-se a partir de lógicas diferentes dos padrões estabelecidos socialmente, as pessoas trans incomodam o *status quo*, e passam a sofrer reiteradas tentativas de invisibilização. Se por um lado, ser trans é uma condição expressa no próprio corpo ou na aparência individual, não permitindo ou reduzindo a margem para a elaboração de estratégias dissimulativas frente ao conjunto da sociedade, ampliando a margem para a construção social de estigmas diversos face a não aceitação da alteridade; por outro, a exclusão social gera um mecanismo perverso de negação dessas existências concretas, exatamente pela incapacidade da sociedade de elaborar estas "situações" ou "expressões" fora do que se estabelece como "padrão".

Nesse sentido, a conjugação do interesse governamental (capitaneado pela SEDH) à compreensão dos movimentos sociais de que esta pesquisa tinha uma relevância estratégica na construção das políticas públicas voltadas para a população trans (demanda social) foi fator decisivo para que o IJSN compreendesse a importância histórica do papel que lhe estava sendo demandado - de coordenação da referida pesquisa.

Outro elemento importante foi a sinalização, desde o início, por parte da SEDH, de que seria possível contar com a colaboração efetiva de representantes dos movimentos sociais na execução da pesquisa. Tinha-se como pressuposto que o processo deveria ser colaborativo e dialogado, tendo a participação dos movimentos sociais como algo fundamental, a ser viabilizada por meio da articulação realizada pela SEDH.

Além de reuniões com alguns atores-chaves que se dispuseram a colaborar desde o início, apresentações/reuniões interinstitucionais, foi criado um grupo de discussão (GD), voltado para a discussão sobre aspectos relativos à pesquisa sobre pessoas trans (GD Pop Trans), com a participação de representantes de movimentos sociais, técnicos dos serviços municipais da RMGV que atendem ao público da pesquisa, pesquisadores vinculados às instituições de ensino superior, técnicos da SEDH e pesquisadores do IJSN.

As discussões do GD foram extremamente ricas, subsidiando a compreensão das especificidades vivenciadas pelo grupo e a formulação do instrumento de coleta de dados. Todas as questões formuladas no questionário construído foram discutidas e avaliadas, no

sentido de atenderem não apenas a dimensão técnica, mas de buscarem captar aspectos importantes para o segmento pesquisado. O desafio era não deixar de registrar nada que fosse considerado fundamental. Buscou-se captar aspectos educacionais, trabalho, saúde, trajetória de vida, entre outras dimensões.

Obviamente, pelo caráter quantitativo<sup>6</sup> da pesquisa aqui apresentada, não foi possível aprofundar, como seria desejável, cada uma das dimensões abordadas, nem registrar com detalhes as centenas de histórias que cruzaram as investigações propostas, por meio da disponibilidade de responder aos questionários. A vida de cada um dos participantes da pesquisa certamente tem elementos para a construção de vários livros. A equipe de coleta de campo (nossos entrevistadores e articuladores de campo, em especial) teve contato com diversas narrativas profundas, com subjetividades diversas e complexas, que dificilmente poderiam ser captadas no âmbito da pesquisa proposta. Ademais, sabe-se que nenhuma pesquisa tem a possibilidade de descortinar toda a complexidade que a realidade encerra e em nenhum momento esta pretensão fez parte da pesquisa realizada.

Entretanto, certamente dimensões relevantes foram alcançadas e serão aqui compartilhadas. Mesmo numa perspectiva de análise agregada, possibilitou-se o registro da voz e das histórias de diversos sujeitos, que sempre foram silenciados de diversas formas. Espera-se que outras pesquisas possam ser empreendidas complementando as informações que não conseguimos alcançar pelos limites próprios das estratégias metodológicas adotadas. A intenção foi contribuir com a compreensão desse universo complexo e marcado por diversas vulnerabilidades<sup>7</sup>.

Fundamental deixar aqui o profundo agradecimento do IJSN a Carlos Eduardo Medeiros de Melo, Helloy Scárdua e Michelle Gama que atuaram como articuladores(as) de campo, sujeitos fundamentais para que esta pesquisa se concretizasse. Estendemos o agradecimento com a mesma intensidade ao Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (IBRAT), nas pessoas de Carlos Eduardo (citado anteriormente) e Murilo Lopes Teixeira, sempre parceiros, que participaram de todo o processo de construção do questionário nas discussões do GD Pop Trans e contribuíram muito; à Associação Capixaba de Redução de Danos (ACARD), nas pessoas de Ismenia Novais Barbosa e de Clotilde Frota Cosme (*in memoriam*) que participaram das reuniões do GD Trans e foram extremamente solícitas ao ajudarem a pensar quais mulheres trans ou travestis poderiam compor a equipe como Articuladoras de Campo; à Associação Gold - Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade, na pessoa de Deborah Sabará e toda a sua equipe que ajudaram na fase de realização das entrevistas, mobilizando as pessoas trans e abrindo suas portas para participação da

<sup>6</sup>Embora a pesquisa referida incorpore dimensões qualitativas nos métodos utilizados, configurando-se os métodos utilizados como quali-quantitativos, o foco era a produção de informações agregadas e passíveis de quantificação, a observação de regularidades no grupo estudado.

<sup>7</sup>Vale ressaltar, que o universo estudado encerra em si outros universos, como por exemplo as travestis que se encontram no sistema penitenciário em privação de liberdade. Tem uma especificidade aí que difere de qualquer outra condição vivenciada por uma pessoa trans. Portanto, falar de pessoas trans é uma aproximação teórica que não dá conta de toda a diversidade presente sob este rótulo. Generalizações são úteis, mas não devem subsumir completamente as especificidades, sob o risco de empobrecimento e reducionismo da realidade observada. Tentar-se-á manter isto em mente ao longo das análises feitas.

equipe da pesquisa nos eventos Papo Trans, das quintas-feiras do mês de agosto, na Associação Gold. De um modo mais amplo e não menos importante, registra-se também o agradecimento a todos os integrantes do GD (cujos nomes não serão citados aqui apenas para não sobrecarregar esta apresentação), cada um foi fundamental para a realização dessa pesquisa<sup>8</sup>.

Desempenharam papéis fundamentais também nessa pesquisa, em etapas diferentes, Felipe Moura Andrade e Aubrey Effgen Paixão, pessoas com as quais a equipe de pesquisa pode debater e problematizar várias dificuldades encontradas com vistas a encontrar as melhores soluções possíveis dentro dos contextos específicos compartilhados. Em ambos foi possível enxergar o desejo sincero de fazer o melhor para o grupo estudado, frente aos limites diversos que se configuravam em diferentes etapas dessa pesquisa.

Cabe ainda sinalizar um agradecimento também à Secretaria de Estado da Justiça (SEJUS), sua assessoria, diretores das unidades prisionais e suas equipes pela prontidão e solicitude que possibilitaram o acesso da equipe de pesquisadores a parte das pessoas trans que se encontravam em privação de liberdade.

O resultado que é apresentado neste relatório é fruto de intenso trabalho de estudo, de articulação e de diálogo. Espera-se que a pesquisa apresentada possa de fato ser útil para gestores públicos, para os movimentos sociais organizados e para todos que desejam se aproximar e compreender um pouco mais sobre as pessoas trans que fazem parte da população da RMGV.

Tem-se aqui concretizado um passo importante que pode viabilizar a discussão e a construção de importantes políticas públicas voltadas para as pessoas trans. Os diálogos continuam.


Boa leitura!

Coordenação da Pesquisa

<sup>8</sup> Os nomes dos participantes da pesquisa estão listados no Apêndice A.

# 2

## INTRODUÇÃO

A photograph of a woman with dark hair, wearing a black top, pointing her right index finger towards a poster on a wall. The poster is yellow and has some text and graphics, including a rainbow flag. The background shows a community space with other posters and a window.

A pesquisa buscou identificar o perfil, as vulnerabilidades, as dificuldades e as potencialidades das pessoas trans.

**E**ste relatório apresenta os procedimentos e os resultados da pesquisa realizada com os homens transexuais, as mulheres transexuais e travestis na RMGV, cujo objetivo central foi gerar informações e dados estatísticos para subsidiar a formulação de políticas públicas específicas para este segmento. Nesse sentido, buscou-se identificar as vulnerabilidades, as dificuldades e as potencialidades associadas aos sujeitos participantes deste estudo, além de identificar o perfil dos mesmos.

A transexualidade é uma dimensão identitária localizada no gênero, e se caracteriza pelos conflitos potenciais com as normas de gênero à medida que as pessoas que a vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente ao informado pelo sexo, independentemente da realização da cirurgia de transgenitalização (Bento, 2008, p.183).

A realização de estudos é fundamental para contribuir com o diagnóstico dos problemas, avaliar e acompanhar as ações, projetos e programas, bem como para propor alternativas que buscam a garantia de direitos sociais e humanos para este segmento da sociedade. Tal pesquisa é ainda mais importante no contexto do estado do Espírito Santo, uma vez que os estudos sobre a temática discutida são ainda escassos aqui. Por isso é importante estudar esse cenário e contribuir para sistematizar conhecimentos que possam servir para futuras pesquisas e políticas públicas.

Este estudo, conforme já mencionado, assume como sujeitos da pesquisa os homens transexuais, as mulheres transexuais e travestis da RMGV e realizou um total de 147 entrevistas.

Devido à falta de um consenso acerca das estimativas populacionais do segmento participante da pesquisa e a inexistência de um cadastro que permita o acesso a esse grupo, este estudo trabalhou com uma amostra não probabilística denominada como Bola de Neve que utiliza cadeias de referência, conforme será explicado de forma mais detalhada adiante no item metodologia deste relatório.

O instrumento de pesquisa utilizado no estudo, para obter as informações necessárias, foi o questionário. Logo, foram aplicados questionários com questões abertas e fechadas.

O texto que segue está estruturado em quatro partes, além desta introdução. Na próxima seção, é feita uma breve discussão teórica com os principais conceitos que norteiam a pesquisa. Na seção seguinte é descrita a metodologia utilizada. Por fim, são apresentados os resultados do material coletado, algumas análises exploratórias de cruzamentos de dados e as considerações finais do relatório.

A seção do relatório que busca apontar os resultados do material coletado está organizada em nove subseções. A primeira subseção busca exibir informações sobre o perfil da população participante da pesquisa: idade dos(as) entrevistados(as), sexo, cor/raça, identidade de gênero, estado civil e idade em que os(as) participantes se perceberam pessoas trans.

A subseção seguinte apresenta os dados referentes à escolaridade dos sujeitos deste estudo. Em linhas gerais, as perguntas visam captar se o(a) entrevistado(a) sabe ler/escrever, se ele(a) já frequentou escola ou estabelecimento de ensino, o nível de escolaridade, se já abandonou a escola, se já sofreu agressão e/ou preconceito na escola, se já frequentou curso de qualificação profissional, etc.

A terceira subseção aborda os aspectos relacionados à experiência de convivência familiar dos(as) participantes da pesquisa. Desse modo, as perguntas abordam: se o(a) entrevistado(a) mora com a família, como ele(a) avalia sua convivência familiar, se ele(a) já sofreu preconceito ou violência em sua família por ser transexual ou travesti, entre outras.

A quarta subseção visa apresentar os dados relacionados à moradia dos sujeitos deste estudo. Nesse sentido, as questões visam identificar onde o(a) entrevistado(a) nasceu; onde mora atualmente; se a moradia é própria, alugada ou cedida; há quanto tempo reside no local; quais são as pessoas que moram em seu domicílio e qual sua condição na residência (filha(o), cônjuge, parente, amiga(o), responsável).

A quinta subseção traz questões referentes à vida profissional e às perspectivas de trabalho dos(as) participantes da pesquisa. De forma resumida, as perguntas informam: se o(a) entrevistado(a) possui alguma atividade ou trabalho remunerado; quais atividades ou trabalho possui; se trabalha de carteira assinada; qual foi a sua renda no mês anterior à coleta de dados, considerando todos os trabalhos; se já sofreu transfobia no ambiente de trabalho; se recebe algum benefício, tais como Bolsa Família, aluguel social, aposentadoria, dentre outros. Ademais, esse bloco possui quatro questões voltadas exclusivamente para profissionais do sexo, que são: em qual idade começou como profissional do sexo, onde consegue clientes, quais são os locais de programa, quantos dias da semana trabalha e se divide o dinheiro da atividade com alguém.

A sexta subseção visa apresentar os resultados relacionados à saúde da população participante deste estudo: o tipo de serviço de saúde que o(a) entrevistado(a) utiliza; se já teve dificuldades para ser atendido(a) nos serviços de saúde; se o nome social e a identidade de gênero são respeitados em todas as etapas de atendimento dos serviços de saúde; se faz uso de hormônios; de que forma acessa ou acessava os hormônios; se teve problemas de saúde após iniciar o uso de hormônios; se faz uso de substâncias psicoativas; se já foi diagnosticado(a) com depressão; dentre outras. Além disso, esse bloco possui algumas questões voltadas exclusivamente para as mulheres transexuais e travestis e outras perguntas voltadas apenas para os homens transexuais, face às especificidades relativas a cada grupo

A sétima subseção deste relatório aborda questões sobre violências e segurança. De forma resumida, as perguntas buscam captar, a partir de uma escala de avaliação, o grau em que o(a) entrevistado(a) se sente seguro(a) em seu domicílio, bairro ou cidade; o grau de risco que considera sobre sofrer agressão física, verbal ou sexual causada pela transfobia. Também é abordado se o(a) entrevistado(a) já sofreu algum tipo de violência, onde ocorreu e quem foi o agressor; se já teve alguma pessoa próxima assassinada em decorrência de transfobia; se já sofreu alguma violência em abordagem policial; sugestões para melhorar os serviços de segurança, dentre outras questões.

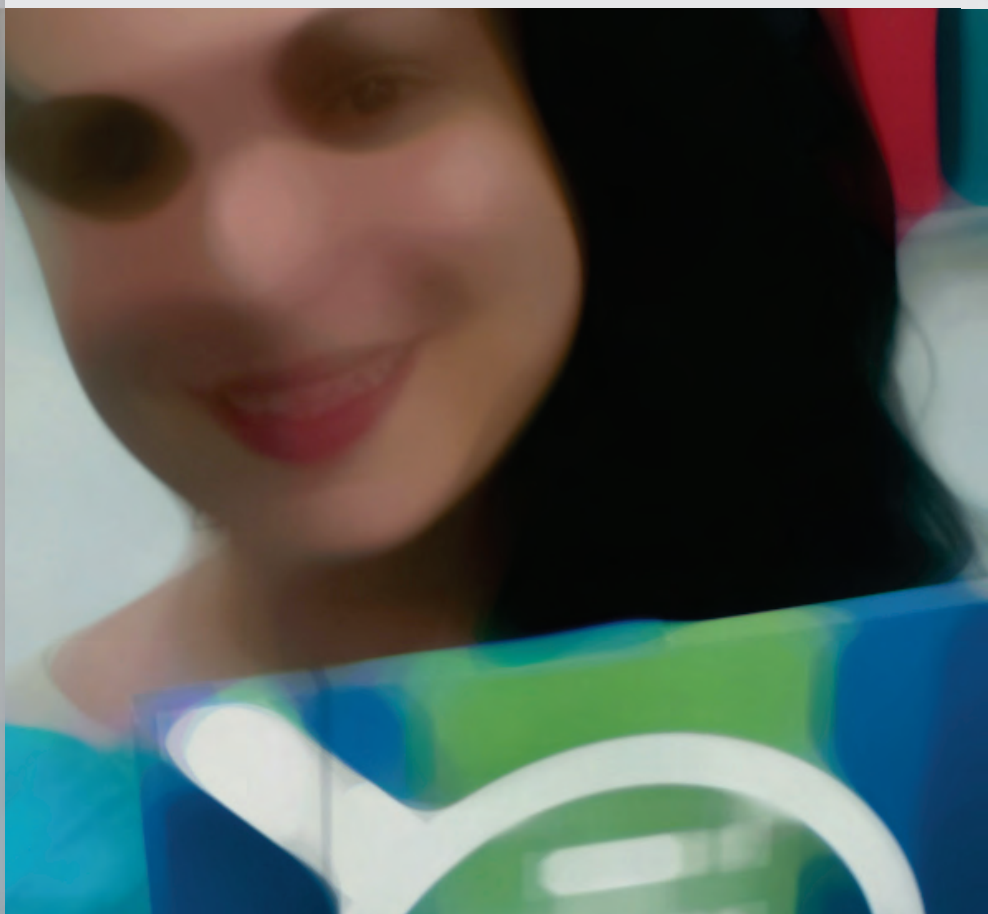
As duas últimas subseções do bloco resultados trazem um recorte sobre entrevistados(as) que guardam especificidades em relação ao conjunto da população trans: a oitava subseção apresenta os dados dos(as) entrevistados(as) “não transicionados(as)” e/ou que fizeram a “destransição”, conceitos que serão explicados adiante no item metodologia e que se referem a um grupo menor de pessoas que participaram da pesquisa; e a nona subseção diz respeito a alguns aspectos das entrevistadas em situação de privação de liberdade.

# 3

## REFERENCIAL TEÓRICO

O debate sobre a transexualidade envolve múltiplas questões e perspectivas teóricas diversas, nem sempre consensuais. A despeito dessa diversidade, está claro que a noção de identidade de gênero é uma construção sociocultural que ocorre em um campo discursivo, que precisa ser deslocada do sexo biológico, pois a pessoa trans reivindica um gênero diferente ao que lhe impõem e o quer viver para além das diferenças sexuais.

O debate sobre a transexualidade envolve múltiplas questões e perspectivas teóricas diversas, nem sempre consensuais e passíveis de provocar grandes inquietações aos leitores e estudiosos, desde o campo teórico-epistemológico ao campo propriamente político e pragmático. Esta pesquisa não tem nenhuma pretensão de sumarizar esse debate, esgotar essa discussão ou mesmo assumir de forma peremptória um ponto de vista teórico-político, até pelo contexto em que ela se constitui (vide apresentação deste relatório).



Nesse sentido, serão apontados aqui alguns pressupostos básicos assumidos pela equipe de pesquisa na construção do projeto e na realização da pesquisa, com plena consciência da complexidade envolvida, que certamente extrapola os limites que este espaço se propõe a abarcar.

Na diversidade de identidades possíveis, a transexualidade propõe uma leitura de sexo e gênero necessária para uma reflexão sobre o lugar da pessoa trans e sua construção social. Ao se declarar “sou trans” (seja ela transexual ou travesti), a pessoa sinaliza uma demarcação de identidade que busca compor e diferenciar o sujeito da fala, em um processo de (res)significação na vivência cotidiana que se dá em um contexto histórico-social de uma sociedade.

A construção da identidade ocorre no terreno das interações sociais, onde é preciso lidar com uma realidade dada, interpretá-la e assim também subjetivamente dotá-la de sentido para a formação de um mundo coerente, trazendo tal coerência para a vida cotidiana por meio da ação e do pensamento, sendo possível entender tal dinâmica nas chamadas objetivações dos processos e as significações subjetivas (BERGER e LUCKMAN, 2004, p.35). O cotidiano se mostra enquanto realidade interpretada pelas pessoas e subjetivamente assume um sentido quando conseguem estabelecer uma coerência no mundo da vida cotidiana. Desse modo, na construção da identidade, faz-se necessário denotar o processo em que o sujeito apela para recursos na realidade dada que tenham algum significado para si e que estão organizando sua prática cotidiana, em um contexto de tempo e espaço da sociedade em que vive, tratando com expectativas e idealizações que definem o pensamento e o comportamento, em um processo de compreensão de si e do seu lugar na sociedade (GIDDENS, 2002).

Embora seja possível denotar o trânsito entre os gêneros em outras culturas e outros momentos históricos (BENTO, 2008, p.17), a partir do século XVIII observa-se o discurso médico científico de diferenciação biológica entre homens e mulheres (BENTO, 2008, p.25). Ao longo do século XIX uma infinidade de estudos médicos coloca como propósito explicar os comportamentos sexuais sob a perspectiva biológica. Já no século XX, com a proeminência das ciências da psique humana (psicologia, psiquiatria e psicanálise), observa-se a associação dessas com a medicina. Nesse sentido, instaura-se um dispositivo de poder fundado na necessidade de saber, por meio da medicina, qual o sexo determinado pela natureza e, por consequência, aquele que a justiça exige e reconhece (ARÁN, 2006, p.51).

Os discursos fundados nas diferenças sexuais darão suporte, a partir de uma perspectiva científica, ao julgamento das condutas (BENTO, 2008, p.29). As diferenças sexuais seriam constatadas por meio da medicina, importante para apontar o sexo determinado pela natureza (o que faz da biologia um argumento para a explicação da ordem social embasada no discurso científico) e dando suporte à determinação do comportamento e ao julgamento das condutas, mantendo uma lógica binária que normatiza, estabelecendo um continuum entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo (ARÁN, 2006, p.50).

Como aponta Butler:

Consideremos, primeiramente, que a diferença sexual é frequentemente evocada como uma questão referente a diferenças materiais. A diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente,



uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas. Além disso, afirmar que as diferenças sexuais são indissociáveis de uma demarcação discursiva não é a mesma coisa que afirmar que o discurso causa a diferença sexual. A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. Assim, o “sexo” é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o “sexo” é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo (BUTLER, 2000, p.110).

O discurso prevaiente induz a pensar sexo/gênero enquanto aspectos naturais (re)produzidos no sistema binário (masculino/feminino), tratando aqueles que fogem a uma normativa social como pessoas desviantes ou portadoras de um distúrbio patológico<sup>9</sup>. Como resultado, uma definição de gênero do que seja um homem ou uma mulher passa pela afirmação de um padrão de identificação homem-pênis-masculino e mulher-vagina-feminino, o ser sexuado.

[...] ser “sexuado” é estar submetido a um conjunto de regulações sociais, as quais constituem uma norma que, ao mesmo tempo em que norteia uma inteligibilidade e uma coerência entre sexo, gênero, prazeres e desejos, funciona como um princípio hermenêutico de auto interpretação (BUTLER, 2003, p.143).

Entretanto, tal interpretação ignora a possibilidade da transexualidade ser uma experiência identitária, como sinaliza Bento (2003):

O gênero adquire vida através das roupas que cobrem o corpo, dos gestos, dos olhares, de uma estilística corporal e estética definida como apropriada. São estes sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo, que é basicamente instável, flexível e plástico. Essas infundáveis repetições funcionam como citações e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza.

Os aspectos que orientam o discurso científico da medicina, das ciências psíquicas e também as normas sociais que se mostram fundadas no binarismo, na heteronormatividade<sup>10</sup> e na idealização do que seria um homem ou uma mulher “de verdade” (BENTO, 2008, p.19) precisam lidar com a pessoa

<sup>9</sup> Em 1966, o endocrinologista alemão Harry Benjamin apresentaria como critério fundamental para definir a pessoa transexual a relação de abjeção com suas genitálias em sua obra “O fenômeno transexual”. Esta publicação serviu para a construção de indicadores e forneceu a base para um diagnóstico a serviço dos profissionais de saúde que definiria o “verdadeiro transexual”, que poderia acessar a cirurgia de transgenitalização estabelecida como alternativa terapêutica para a “enfermidade” de abjeção ao corpo. Criada na década de 1970, a Associação Internacional de Disforia de Gênero Harry Benjamin (atualmente chamada de Associação Profissional Mundial para a Saúde Transgênero), passou a publicar as Normas de Atenção à Saúde das Pessoas Trans e com Variabilidade de Gênero (Standards of Care – SOC, atualmente em sua sétima versão). Além da SOC, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) também publicam documentos norteadores na orientação de um diagnóstico de gênero: a APA publica o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) que trata da disforia de gênero; e a OMS publica o Código Internacional de Doenças (CID-10) que define como “transtorno de identidade de gênero”. Vale lembrar que atualmente o “próprio critério de abjeção à genitália”, de tentativa de demarcação do que seria o “verdadeiro transexual” tem sido amplamente questionado.

<sup>10</sup> “Por heteronormatividade entende-se a capacidade da heterossexualidade apresentar-se como norma, a lei que regula e determina a impossibilidade de vida fora dos seus marcos” (Bento, 2008, p.51).

transexual que reivindica uma identidade de gênero contrária a sua genitália<sup>11</sup>, o que não necessariamente significa uma mera inversão. Castel (2001, p.77), ao definir a transexualidade pelo sentimento intenso<sup>12</sup> de não-pertença ao sexo anatômico, sem por isso manifestar distúrbios delirantes e sem bases orgânicas, ressalta uma condição psíquica que foge a uma possível esquizofrenia e que não se encaixa em uma definição de condição endócrina, a exemplo da pessoa hermafrodita. Embora esta definição traga um ganho teórico nítido em relação às concepções focadas na ordem médica, vale destacar aqui que a noção de “sentimento intenso” também assume um risco de conduzir a uma tendência a afirmar um padrão de transexualidade, semelhante à noção de “verdadeiro transexual”. Qual o parâmetro para a mensuração do que se entende como intenso?

Em acordo com Bento, a transexualidade é uma:

Dimensão identitária localizada no gênero, e se caracteriza pelos conflitos potenciais (grifo nosso) com as normas de gênero à medida que as pessoas que a vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente ao informado pelo sexo, independentemente da realização da cirurgia de transgenitalização (2008, p.183).

Segundo Butler (2003, p.19), a construção política do sujeito está vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, já que este sujeito é produzido e reprimido pelas mesmas estruturas de poder que são buscadas para a emancipação. A pessoa trans pretende ser reconhecida socialmente e legalmente de acordo com o gênero ao qual se identifica e para isso aciona as normas reguladoras que materializam sexo-gênero e sobre o que é ser corpo-homem/corpo-mulher, entretanto, essas mesmas instituições alegam uma incoerência entre sexo e gênero na pessoa transexual. Pensar nas definições do ser homem ou ser mulher refletem também no entendimento do que é ser transexual/travesti, e assim nos processos de legitimação e de exclusão que vivenciam nos limites do sistema binário. Compreendendo que a identidade é performativa (e deste modo se dá por meio de processos relativos às convenções e normas sociais sobre o ser homem e ser mulher), a transexualidade e travestilidade são expressões identitárias que se compõem a partir de multiplicidades e para além de uma causalidade sexo-gênero, em uma reformulação dos corpos.

Nesse sentido, o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos, seus movimentos, será plenamente material, mas a materialidade será repensada como o efeito do poder, como o efeito mais produtivo do poder. Não se pode, de forma alguma, conceber o gênero como um constructo cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria - quer se entenda essa como o "corpo", quer como um suposto sexo. Ao invés disso, uma vez que o próprio "sexo" seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização daquela norma regulatória. O "sexo" é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o "alguém" simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2000, p.111).

<sup>11</sup> Em consonância com esta perspectiva, vale lembrar que o Supremo Tribunal Federal decidiu em 1º de março deste ano (2018) permitir que transexuais possam alterar seu nome no registro civil, em cartório, sem a necessidade de realização de cirurgia de mudança de sexo ou de decisão judicial (SUPERIOR TRIBUNAL FEDERAL, 2018).

<sup>12</sup> Vale destacar aqui que a noção de “sentimento intenso” também pode nos conduzir a uma tendência a afirmar um padrão de transexualidade, semelhante à noção de “verdadeiro transexual”.

Butler, neste sentido, problematiza a própria essencialização do sexo como algo definido materialmente, apenas pela dimensão biológica, argumentando que ele também se inscreve no campo das normas regulatórias, como efeito de poder.

A despeito da discussão apenas enunciada anteriormente, trazida aqui para ilustrar a complexidade da temática pesquisada, está claro que a noção de identidade de gênero é uma construção sociocultural que ocorre em um campo discursivo, que precisa ser deslocada do sexo biológico, pois a pessoa trans reivindica um gênero diferente ao que lhe impõem e o quer viver para além das diferenças sexuais.

Neste sentido, este trabalho teve como pressuposto que qualquer aproximação a este campo de pesquisa exige, minimamente, do pesquisador a abertura para dialogar com *masculinidades e feminilidade* que não estejam condicionadas ao órgão genital. Foi este o pressuposto básico que a equipe pesquisadora buscou como fundamento da condução de cada etapa dessa pesquisa.

# 4

## METODOLOGIA

O território de abrangência da pesquisa foi a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) e trabalhou-se com uma amostra não probabilística denominada como Bola de Neve, que utiliza cadeias de referência. A amostragem bola de neve é útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade.

A decisão metodológica assumida para a seleção dos(as) entrevistados(as) foi ter como parâmetro sempre a auto identificação.



**P**ara a realização desta pesquisa, que teve como foco os homens transexuais, as mulheres transexuais e travestis na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), além da realização de pesquisa bibliográfica sobre o tema, buscou-se também a realização de reuniões com técnicos e/ou gestores de serviços municipais que atendem ao público da pesquisa, além de pesquisadores do estado que investigam o tema e pessoas trans, como uma primeira etapa aproximativa, tanto do conceito de pessoas trans, quanto do fenômeno social em si.

Importa salientar aqui que a pesquisa sobre o tema trans traz em si um conjunto complexo de questões, tanto no campo da experiência de auto identificação, quanto no campo teórico e epistemológico que tenta analisar este campo temático. Existe um universo enorme de aspectos que permeiam a construção de uma pesquisa sobre pessoas trans, inclusive em termos de recorte do público que poderia ou deveria compor o grupo de entrevistados.

Sem a pretensão de tentar abarcar esse universo de questões mencionadas, esta pesquisa de iniciativa governamental, pelos próprios limites institucionais e temporais envolvidos em sua produção, optou por restringir seu foco nas pessoas que se auto identificassem como homem trans, mulher trans ou travesti, respeitando sempre a denominação assumida por esses sujeitos, sem assumir para si a problematização da existência ou não de limites e/ou fronteiras entre o que é ser trans, ou, para exemplificar de modo mais pragmático, mesmo se a categoria travesti poderia ser absorvida pela designação mulher trans.

A equipe pesquisadora tinha clareza que tais fronteiras ou limites, existentes ou não, dialogam com dimensões políticas e epistemológicas, com pressupostos político-teóricos, que não poderiam ser abarcadas no âmbito da pesquisa proposta.

Vale destacar, nesse sentido, que a temática trans encerra em si uma fluidez intensa e inclui, por exemplo, as pessoas que se definem como *queer*<sup>13</sup>, não-binárias, entre outras. Pessoas que realizaram uma transição entre os padrões de gênero socialmente construídos sem, entretanto, necessariamente, assumir um dos polos do binarismo, como uma estratégia de desconstrução da noção binária dos gêneros.

Contudo, frente a demanda acordada desde o início com a SEDH, decidiu-se focar a população de homens trans, mulheres trans e travestis, pelo grau de vulnerabilidade associado a estes segmentos. A decisão metodológica assumida, nesse sentido, foi ter como parâmetro **sempre** a auto identificação.

Em nenhum momento a equipe de campo foi orientada a questionar se uma determinada entrevistada era mulher trans ou uma travesti, ou se o processo de transição de gênero não estava “suficientemente” realizado para que tal pessoa pudesse ou não fazer parte do grupo de entrevistados. O critério sempre foi a auto identificação, partindo-se do pressuposto de que não caberia aos pesquisadores definir se havia ou não pessoas trans “mais verdadeiras” do que outras.

Nesse sentido, destaca-se aqui que dentre as pessoas entrevistadas, houve cinco (05) indivíduos que se auto definiram como pessoa trans, mas que, por algum motivo, não se identificam como trans nas relações sociais, seja por não terem iniciado (ainda) o processo de transição, seja por terem realizado uma “destransição”<sup>14</sup>. Embora, a experiência desses indivíduos se diferencie de modo muito significa-

<sup>13</sup> Termo proveniente do inglês, cuja tradução para o português se aproxima de “excêntrico” ou “insólito”. Refere-se a um conjunto de expressões identitárias que remetem ao não enquadramento em nenhuma identidade de gênero. Trata-se também de uma perspectiva teórica que agrupa estudos diversos, em diferentes áreas (sociologia, filosofia, estudos culturais, artes, entre outras) que têm em comum o rompimento com a essencialização ou a naturalização de sexo e de gênero, afirmando ambos como construções sociais.

<sup>14</sup> O termo “destransição” refere-se aqui ao processo de reversão das intervenções corporais anteriormente realizadas em direção à transição de gênero, sejam elas estéticas ou médicas, envolvendo assim uma nova mudança na expressão social de sua identidade de gênero, diferente da identidade trans assumida anteriormente na trajetória individual.

tivo da experiência daqueles que trazem em seu corpo a marca explícita da transição (independentemente de intervenções médicas), entendeu-se que seria importante acolher e registrar também tais situações, inclusive como uma forma de obter informações que ajudassem a compreender as dificuldades inerentes ao processo de transição de gênero. A auto declaração como pessoa trans foi o fator decisivo para incluir tais indivíduos como sujeitos da pesquisa.

A restrição dos(as) participantes da pesquisa por qualquer outro critério, além da auto declaração, conduziria a pesquisa para um caminho perigoso de padronização de um fenômeno que surge exatamente num contexto em que a padronização binária de gênero tende a gerar exclusão, sofrimentos, violências de diferentes matizes, inclusive a morte de pessoas que não se encaixam nas normas de gênero estabelecidas.

Buscou-se também, como parte da metodologia da pesquisa, a constituição do Grupo de Discussão sobre pessoas trans (GD Pop Trans), que contou com a participação de pessoas trans e militantes de movimentos sociais, técnicos dos serviços municipais da RMGV que atendem a este segmento, pesquisadores de instituições de ensino superior, técnicos da SEDH e pesquisadores do IJSN. O GD Pop Trans chegou a contar com vinte e nove (29) participantes, mas as reuniões contavam com uma média de participação em torno de quinze (15) pessoas, sendo que um grupo menor de onze (11) pessoas apresentou assiduidade elevada, com participação em praticamente todos os encontros.

Para que todos os participantes pudessem organizar suas agendas pessoais, foi definido que o GD se reuniria toda terceira quarta-feira de cada mês. Foram realizadas cinco (05) reuniões ordinárias no período de dezembro de 2016 até junho de 2017. Também ocorreram reuniões extras com subgrupos do GD para fins específicos, como por exemplo, a discussão do tema saúde, focando nas questões específicas do público da pesquisa.

O objetivo central do GD Pop Trans foi o acompanhamento e a troca de informações sobre a pesquisa, em especial, o debate de questões relevantes que deveriam ser captadas no instrumento de coleta de dados - uma entrevista estruturada em formato de questionário, com questões fechadas e abertas.

Embora os pesquisadores do IJSN tivessem uma formulação inicial do questionário, a partir de suas experiências e da pesquisa bibliográfica realizada, optou-se por uma dinâmica de debate no GD que evitasse ao máximo o direcionamento prévio. Propôs-se inicialmente a discussão de quais os blocos temáticos ou temas macros deveriam ser abordados na pesquisa (identificação básica, educação, família, moradia, trabalho, saúde, violências e segurança).

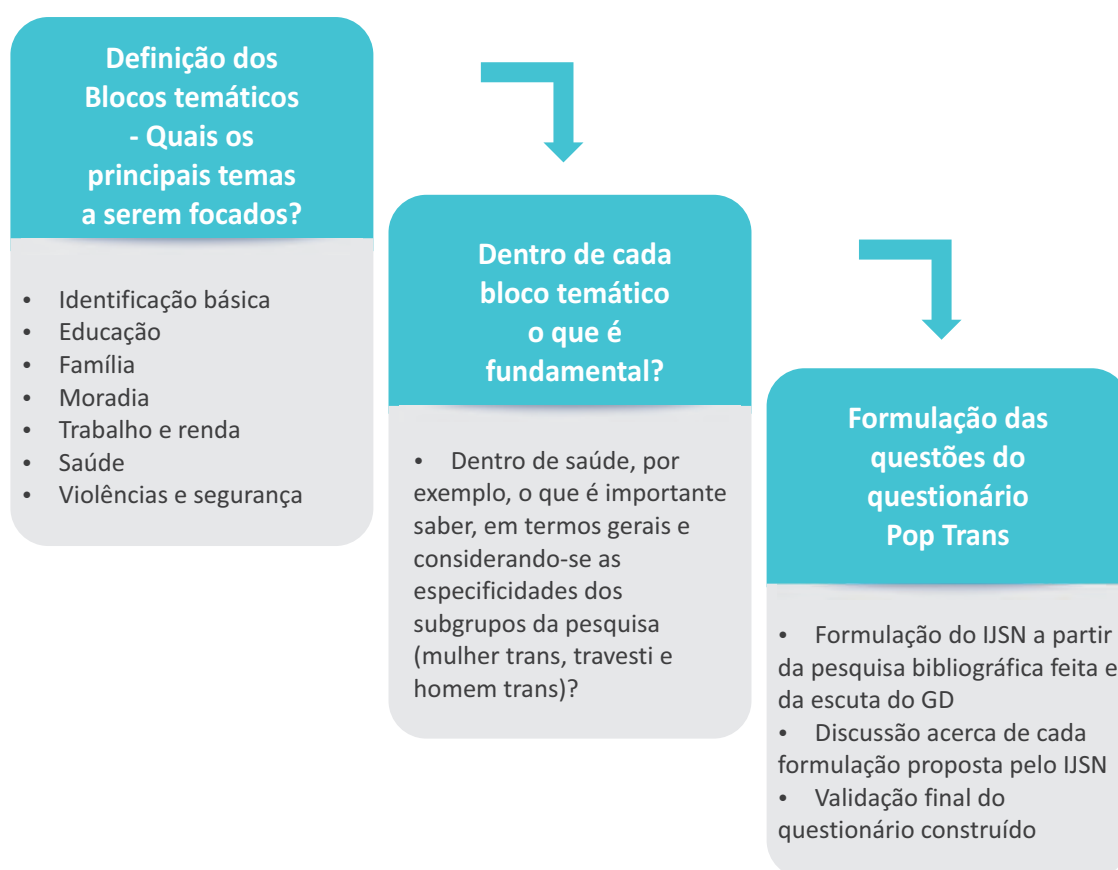
A partir da seleção dos blocos temáticos, cada um desses foi discutido, buscando identificar quais questões seriam fundamentais investigar dentro deles. Na sequência, a partir dos registros feitos do debate, a equipe do IJSN apresentava a síntese dos aspectos discutidos dentro de cada tema já em formato de perguntas e o grupo avaliava e discutia se a formulação proposta dava realmente conta de captar os aspectos sugeridos.

Vale ressaltar que a discussão dos temas e aspectos foi embasada tanto na experiência das pessoas

trans que fizeram parte do GD, quanto na percepção de todos presentes acerca da relevância da informação para a formulação de políticas públicas para o segmento em foco. Havia uma grande preocupação do grupo em adequar o instrumento de coleta de dados ao que de fato faria sentido para as pessoas que responderiam ao questionário e para a formulação das políticas.

A última reunião do GD, ocorrida no dia 01 de junho de 2017, teve como pauta a apresentação do questionário construído em sua totalidade, o que foi validado pelo conjunto dos participantes do GD. A figura 1 ilustra a sequência das discussões realizadas no âmbito do GD.

**Figura 1** | Sequência das discussões realizadas nas reuniões do GD Pop Trans



Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Após a construção do questionário, a partir das discussões no GD, foi feito um pré-teste com algumas pessoas trans. A realização desse pré-teste permitiu o aprimoramento do instrumento, com pequenos ajustes principalmente no sentido de atender ao princípio de clareza das questões.

O questionário ficou estruturado em seis blocos com questões abertas e fechadas, contemplando as seguintes temáticas: identificação do entrevistado; escolaridade/acesso à educação; família; moradia; trabalho e renda; saúde; violências e segurança. Os dados coletados a partir das questões abertas foram agrupados, após análise, em categorias. Tendo como referência os estudos de Minayo

(2004, p. 70), a palavra categoria refere-se a um conceito que abrange elementos com características semelhantes ou que se relacionam entre si. Em suas palavras:

As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa (MINAYO, 2004, p. 70).

O território de abrangência da pesquisa foi a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) e trabalhou-se com uma amostra não probabilística denominada como Bola de Neve, que utiliza cadeias de referência. A amostragem bola de neve é útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade.

Neste sentido, a opção pelo uso da Bola de Neve justificou-se pela ausência de estimativas acerca do quantitativo de pessoas trans no Espírito Santo, assim como de dados oficiais em âmbito nacional que pudessem servir de parâmetro.

Embora os serviços que realizam algum tipo de atendimento a esse público - como os serviços médicos ou de assistência - possam ter registros administrativos dos atendimentos realizados, qualquer análise que se baseasse apenas nesses registros teria limites claros de abrangência ou um viés de análise, a partir de características circunscritas, inclusive pela própria dificuldade de acesso aos serviços, reiteradamente relatada pelos movimentos sociais trans.

Assim, a inexistência de um cadastro que permitisse a identificação prévia das pessoas trans, aliada a outros fatores que dificultam o acesso a este grupo social, corroboraram para o uso da Bola de Neve como estratégia de identificação inicial dos sujeitos da pesquisa.

Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”) (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 332).

Buscou-se então a identificação do maior número possível de pessoas trans na RMGV, onde a partir de cada contato realizado com uma pessoa trans buscava-se também a indicação de outras pessoas trans, gerando um cadastro inicial a partir de um levantamento básico com nome, idade, local de moradia, identidade de gênero, contato (telefone ou e-mail) e disponibilidade em participar de uma entrevista sobre o tema. Neste sentido, a primeira parte do campo da pesquisa foi este levantamento e registro inicial realizado a partir do método Bola de Neve, que ocorreu a partir da segunda quinzena de junho de 2017, com a atuação fundamental dos(as) articuladores(as) de campo.

Os(as) Articuladores(as) de Campo, contratados(as) para atuar nessa fase da pesquisa, além de serem pessoas trans, deveriam ter como características: boa capacidade de diálogo e comunicação, iniciativa, proatividade, disponibilidade de 30 horas semanais para atuar na pesquisa, flexibilidade de horário de atuação e indicativo de compromisso com a realização da pesquisa.



Para a seleção dos(as) articuladores(as) de campo solicitou-se à Secretaria de Estado de Direitos Humanos que - em articulação com os movimentos sociais trans e/ou serviços que atuassem diretamente com pessoas trans - indicasse até nove (9) pessoas com o perfil desejado e, a partir destas indicações, a equipe da pesquisa realizou uma seleção com base em entrevistas.

Os(as) articuladores(as) selecionados(as) começaram a atuar na segunda quinzena de junho e suas atribuições principais foram:

- Contribuir com a execução da pesquisa sobre pessoas trans, compartilhando informações e conhecimentos sobre o segmento pesquisado;
- Apresentar a pesquisa aos pares: divulgar e mobilizar por diferentes canais de comunicação;
- Identificar pessoas trans, assim como os locais e horários com fluxo significativo de pessoas trans;
- Acompanhar o treinamento dos(as) bolsistas entrevistadores(as) de campo;
- Acompanhar a aplicação dos questionários.

O levantamento realizado por meio da Bola de Neve teve seu início em 19 de junho de 2017 e foi estendido até o período final da realização das entrevistas, em agosto. Foram identificadas 201 pessoas trans na RMGV, contatadas diretamente pela equipe de pesquisa. O critério de identificação (apesar da indicação inicial dos(as) articuladores(as) de campo, de amigos(as) ou conhecidos(as) a partir das cadeias de referências analisadas) sempre foi a auto declaração. Conforme salientado no início desta seção, a equipe de pesquisa buscou isentar-se de julgamentos acerca das identidades afirmadas, inclusive por entender ser esta uma dimensão complexa, que envolve múltiplas variáveis no processo de transição de gênero<sup>15</sup>.

A este quantitativo de pessoas mapeadas, pode-se incluir também um quantitativo de 11 pessoas trans participantes em diferentes etapas do processo de pesquisa, seja como entrevistadores ou articuladores de campo, seja como participantes do GD ou do treinamento, que por fazerem parte da formulação da pesquisa, não foram cogitados para responder ao questionário, mas devem ser quantificados no quadro geral de pessoas trans identificadas, somando então um total de 212 pessoas trans na RMGV.

Vale destacar que também foram identificadas 74 pessoas trans, pelo processo de indicação realizado no método Bola de Neve, mas sem a efetivação do contato com a equipe de pesquisa, por motivos diversos (indisponíveis, não contatados).

Como meios de acesso ao público mapeado, considerou-se contatos por telefone fixo e/ou celular (tanto por meio de ligações como também o uso de aplicativos de comunicação como Whatsapp), além de contato por caixas de mensagens disponíveis em redes sociais, como o Facebook.

Do total de 201 pessoas trans mapeadas e contatadas, **147 responderam ao questionário**, 18 pessoas se recusaram explicitamente a responder a pesquisa e 36 pessoas foram classificadas como *indisponíveis*.

<sup>15</sup> Acerca dessa complexidade indicamos a leitura da dissertação de mestrado “Quando os corpos trans adentram o processo transexualizador: experiências que conformam a transexualidade” (ROCON, 2018).

Na categoria “indisponíveis” entraram todas as pessoas que, após várias tentativas de contato, seja por telefone e/ou redes sociais, não demonstraram interesse, estavam ocupadas na ocasião, viajando ou com telefone desligado, em caixa postal ou cujas mensagens não foram respondidas, face a tentativa de contato da equipe de articulação e agendamento de entrevistas.

Neste sentido, registra-se *36 pessoas indisponíveis* que foram efetivamente *contatadas* e também um número significativo de 74 pessoas trans mapeadas/indicadas pelo levantamento inicial do método Bola de Neve, mas que a equipe de pesquisa efetivamente não conseguiu contatar, seja porque não atenderam as ligações ou não responderam as mensagens enviadas por diferentes canais de comunicação, ou seja, *74 pessoas trans indisponíveis cujo contato não pode ser confirmado*.

Desse modo, tem-se o registro preciso de 212 pessoas trans na RMGV e uma estimativa total de 286 pessoas trans mapeadas na RMGV, sendo que esse último número, embora seja uma aproximação factível do total de pessoas trans na região metropolitana, está sujeito a variações, não podendo ser assegurado com precisão, uma vez que inclui pessoas que podem já terem se mudado da RMGV ou mesmo migrado para outro estado ou, infelizmente, falecido e seus perfis nas redes sociais ainda permanecem ativos, ou qualquer outra situação semelhante não identificada durante o levantamento feito pelo método Bola de Neve (porque não passível de controle pela equipe pesquisadora).

A tabela 01 sumariza os resultados da primeira etapa do campo da pesquisa realizada, que correspondeu à identificação das pessoas trans:

**Tabela 1** | Quantitativo de pessoas trans mapeadas durante a realização da Pesquisa

Situação	Homens trans	Mulheres trans e travestis*	Total N° absolutos	Percentual em relação ao total de 212 pessoas mapeadas e contatadas	Percentual em relação ao total de 286 pessoas, inclusive as mapeadas mas não contatadas
Entrevistas realizadas	51	96	147	69,3%	51,4%
Recusas explícitas	1	17	18	8,5%	6,3%
Pessoas trans indisponíveis contatadas	17	19	36	17,0%	12,6%
Pessoas trans participantes em diferentes etapas do processo de pesquisa (equipe interna, participantes do GD ou do treinamento para o campo)	4	7	11	5,2%	3,8%
Total de pessoas trans identificadas – com confirmação			212	100,0%	-
Pessoas trans indisponíveis cujo contato não pode ser confirmado	6	68	74	-	25,9%
Total geral			286	-	100,0%

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da Região Metropolitana da Grande Vitória.

Elaboração: IJSN- Coordenação de Estudos Sociais (CES)

\* Nesse levantamento inicial, como incluem-se aqui a categoria das pessoas trans identificadas, mas não contatadas, optou-se por agrupar mulheres trans e travestis em uma única categoria, para evitar registros imprecisos, já que um total significativo de pessoas não foram contatadas e, portanto, não tiveram a possibilidade de se auto definirem de forma específica. Entretanto, ao longo da pesquisa e dos resultados aqui apresentados, buscou-se manter nas tabulações, em geral, separados os resultados relativos às mulheres trans e às travestis, tendo por princípio, o respeito a forma como essas pessoas preferem se identificar.

Numa segunda etapa de campo, todos os sujeitos identificados no levantamento básico a partir da Bola de Neve foram contatados para a aplicação do questionário.

Em relação ao registro de 212 pessoas trans identificadas na RMGV (mapeadas e contatadas), foi possível entrevistar 69,3% deste total. Se comparado com a estimativa de 286 pessoas trans na RMGV (incluindo os sujeitos mapeados, mas não contatadas diretamente pela equipe de pesquisa), o número de entrevistados corresponde a 51,4% deste quantitativo estimado. Em ambos os casos, a pesquisa alcançou a maioria das pessoas e os percentuais de entrevistados são bem representativos da população identificada, ou seja, os resultados apurados são significativos em relação ao conjunto da população trans da RMGV.

Ao aceitarem responder o questionário, era feito um agendamento em local e horário definidos que fossem mais convenientes ao(à) entrevistado(a) – seja na residência dele(a), seja no próprio IJSN ou em alguma outra instituição indicada. A equipe de entrevistadores(as) estava orientada para se deslocar até os(as) entrevistados(as), para que houvesse maior comodidade, a não ser que houvesse manifestação dos(as) mesmos(as) em contrário.

Além dos(as) articuladores(as) de campo, buscou-se também, para a realização das entrevistas, a contratação de bolsistas que fossem pessoas trans. A coordenação da pesquisa tinha nítida compreensão da importância da realização da parte de campo da pesquisa por pares, face ao perfil do grupo a ser pesquisado<sup>16</sup>. Foram selecionados(as) quatro (04) entrevistadores(as) trans, com ensino médio completo, por meio de edital, que envolvia análise de currículo e entrevistas, que atuaram com concessão de bolsas pela FAPES.

O edital de seleção dos(as) bolsistas que atuaram como entrevistadores(as) foi divulgado no site do IJSN no dia 06 de junho de 2017. Os(as) parceiros(as) dos serviços e movimentos sociais foram informados(as) diretamente pela equipe da pesquisa sobre o edital, buscando maior amplitude de divulgação possível entre o público alvo. Após o recebimento das inscrições via e-mail foram realizadas as entrevistas com os(as) candidatos(as) inscritos selecionados. Destaque-se que todas as pessoas inscritas que se identificaram como trans foram convocadas para as entrevistas.

Toda a equipe envolvida com a pesquisa de campo, composta por quatro (04) entrevistadores(as) trans e três (03) articuladores(as) de campo trans, passou por um treinamento antes da etapa de realização de entrevistas. O treinamento possibilitou a discussão sobre os objetivos da pesquisa e sua importância, a postura necessária ao(à) pesquisador(a) e cuidados na abordagem dos(as) entrevista-

<sup>16</sup> Por tratar-se de pessoas em extrema vulnerabilidade social, vítimas de rejeição social, muitas vezes expressa em agressão ativa, este grupo reage desenvolvendo uma cultura de resistência, com linguagens e hábitos próprios, conforme já sinalizado na apresentação dessa pesquisa. Por outro lado, esse histórico de segregação social tende a gerar também uma descrença e, conseqüentemente, uma resistência em atender e dialogar com qualquer agente público, sempre visto como representante de um Estado que não garante nem segurança, nem os direitos humanos e sociais básicos das pessoas trans. Além disto, percebeu-se uma grande resistência da população trans em relação à produção de pesquisas, especificamente, que historicamente ainda têm gerado pouco impacto na formulação de políticas públicas, face à ausência de interlocução entre produção científica e gestão. Cenário diferenciado da pesquisa aqui relatada, cujo demandante foi o próprio poder executivo, por meio da Secretaria de Estado de Direitos Humanos – SEDH, parceira do projeto de pesquisa viabilizado em conjunto com a FAPES.

dos(as), estudo do questionário e simulação da aplicação do mesmo, assim como espaço para tirar dúvidas.

As entrevistas ocorreram nos meses de agosto e setembro de 2017. Nesse período, além dos agendamentos realizados com os contatos previamente identificados, buscou-se também a participação em eventos específicos que pudessem contar com a participação do público trans, com o objetivo de ampliar o número de indivíduos entrevistados. Destaque-se especialmente a colaboração da Associação GOLD que promoveu em todas as quintas-feiras do mês de agosto, à noite, o evento denominado Papo Trans, com a realização de palestras especificamente direcionadas ao público trans, onde a equipe da pesquisa (entrevistadores(as), articuladores(as) de campo e coordenação) pode participar e também divulgar o trabalho em curso e seus objetivos. Ao final das palestras, havia a possibilidade de realização de entrevistas, caso alguma pessoa trans presente aceitasse o convite de participação. O evento Papo Trans também foi muito importante para a construção de parcerias estratégicas para minimizar resistências à realização da pesquisa. Deborah Sabarah, uma das principais lideranças da Associação Gold no Espírito Santo, também chegou a produzir um vídeo institucional falando da importância da pesquisa em curso, o que foi fundamental para o acesso a alguns grupos que não compreendiam a importância da pesquisa, naquele contexto.

Outra estratégia utilizada na pesquisa foi a realização de entrevistas com mulheres trans e travestis em unidades prisionais. Ao longo da pesquisa de campo, em interlocução com representantes de movimentos sociais trans e de direitos humanos, vislumbrou-se a possibilidade de acessar parte destas pessoas que se encontravam em privação de liberdade. Mediante contato da Secretaria de Estado de Direitos Humanos com a Secretaria de Estado da Justiça e os gestores responsáveis pelas unidades prisionais, solicitando autorização de acesso, foi possível agendar em duas unidades, visitas da equipe de entrevistadores que, durante o processo de visita, explicaram às mulheres trans e travestis em situação de privação de liberdade os objetivos da pesquisa e, nos casos em que elas manifestaram interesse em participar, foram realizadas as entrevistas individuais.

As unidades visitadas foram a Penitenciária Estadual de Vila Velha 5 (PEVV5), no município de Vila Velha, no dia 05 de setembro de 2017, onde foram entrevistadas oito (08) internas na ocasião, e o Centro de Detenção Provisória da Serra (CDPS), no município de Serra, no dia 26 de setembro de 2017, com um total de oito (08) internas entrevistadas.

Os dados coletados nas entrevistas estruturadas foram digitados formando uma base de dados no SPSS<sup>17</sup>, software voltado para a análise de dados em ciências sociais. A partir dessa base de dados foi possível gerar não apenas as informações básicas (frequências das respostas) como também tabelas que cruzam mais de uma variável observada, material posteriormente organizado em gráficos e tabelas de resultados descritos e analisados neste relatório.

Importante salientar também que esta pesquisa se comprometeu com a não identificação das pessoas entrevistadas. Todos os resultados são apresentados de forma agregada, sem intenção de identifi-

<sup>17</sup> Originalmente o termo remete a Statistical Package for the Social Sciences, hoje IBM® SPSS® Statistics

cação individual das respostas obtidas.

Conforme descrito até aqui, fica claro que, pelas próprias características do grupo em foco, esta pesquisa buscou mesclar métodos qualitativos e quantitativos. Embora não seja possível falar em resultados válidos estatisticamente para o conjunto da população trans do estado do Espírito Santo, a pesquisa produziu informações consistentes sobre o grupo pesquisado (validade interna), cuja abrangência para a RMGV foi extremamente significativa<sup>18</sup>.

O resultado deste percurso, aqui descrito, é apresentado, como um esforço de síntese, no item Resultados (5) deste relatório, objetivando dar visibilidade aos aspectos importantes observados.

<sup>18</sup> Vale lembrar que pela característica da amostra construída, não é aconselhável fazer a leitura das informações estatísticas para os municípios isoladamente. Os dados referem-se ao grupo de entrevistados do conjunto da RMGV.

# 5

## RESULTADOS

Os resultados da pesquisa estão organizados em nove subseções. As sete primeiras trazem informações relativas a todos os entrevistados: perfil; escolaridade; família; moradia; trabalho e renda; saúde; violências e segurança.

As duas últimas subseções trazem um recorte sobre entrevistados (as) que guardam especificidades em relação ao conjunto da população trans como os(as) entrevistados(as) não transicionados(as) e/ou que fizeram a destransição (oitava subseção) e as entrevistadas em situação de privação de liberdade (nona subseção).



**E**sta parte do texto apresenta os resultados da Pesquisa sobre Pessoas Trans na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). Com o intuito de facilitar a análise e descrição dos dados, esta seção está dividida em nove subseções: identificação do entrevistado; escolaridade; família; moradia; trabalho e renda; saúde; violências e segurança; entrevistados(as) não transicionados(as) ou que fizeram a *destransição*; e entrevistadas em situação de privação de liberdade.

## 5.1 Identificação do(a) Entrevistado(a)

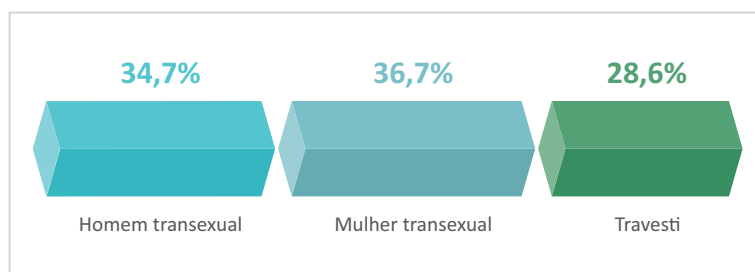
A primeira subseção deste relatório visa exibir informações sobre o perfil da população participante da pesquisa. Sendo assim, as questões dizem respeito à idade dos(as) entrevistados(as), sexo, cor/raça, identidade de gênero, estado civil e idade em que os(as) participantes se perceberam pessoas trans.

De acordo com a figura 02, 34,7% (51) dos sujeitos participantes da pesquisa identificam-se como homem transexual, 36,7% (54) definem-se como mulher transexual e 28,6% (42) afirmaram que são travesti.

Em resposta à questão “de acordo com seu registro de nascimento, seu sexo é”, 62,6% (92) dos(as) entrevistados(as) indicaram o sexo masculino, enquanto 36,7% (54) sinalizaram o sexo feminino (figura 03).

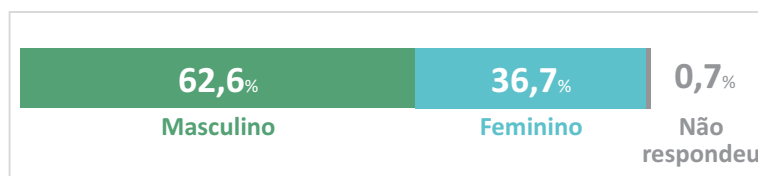
Do total de sujeitos entrevistados, 44,2% (65) declaram-se pardos; 32,0% (47) afirmaram que são brancos; 21,8% (32) são pretos. Os negros (soma de pardos e pretos) representam 66,0% (97) da população entrevistada (figura 04).

**Figura 02 | Identidade de gênero (%)**



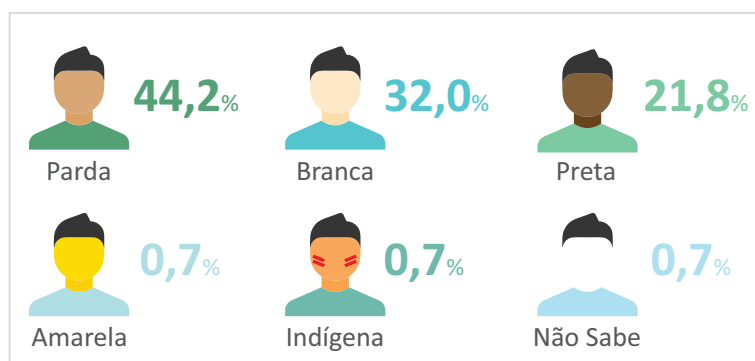
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 03 | Sexo dos Entrevistados (%)**



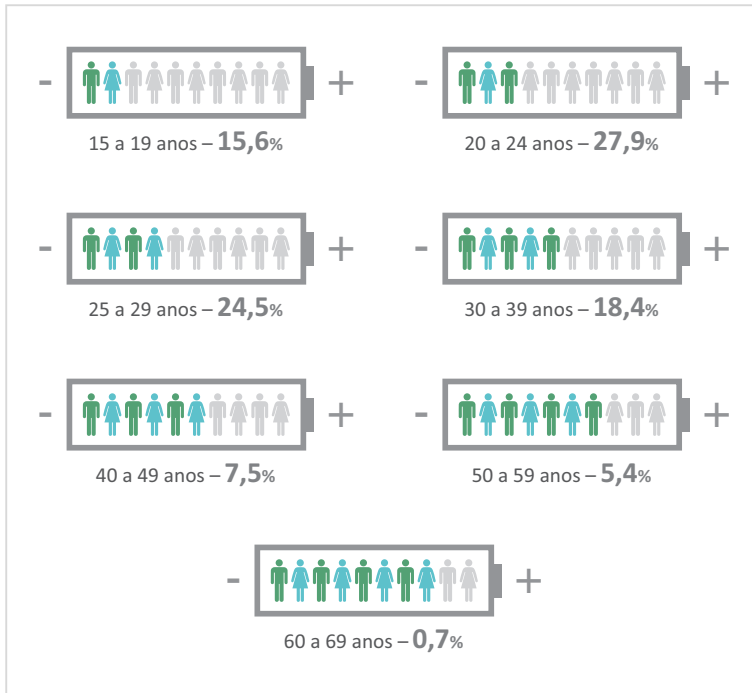
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 04 | Cor ou Raça (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

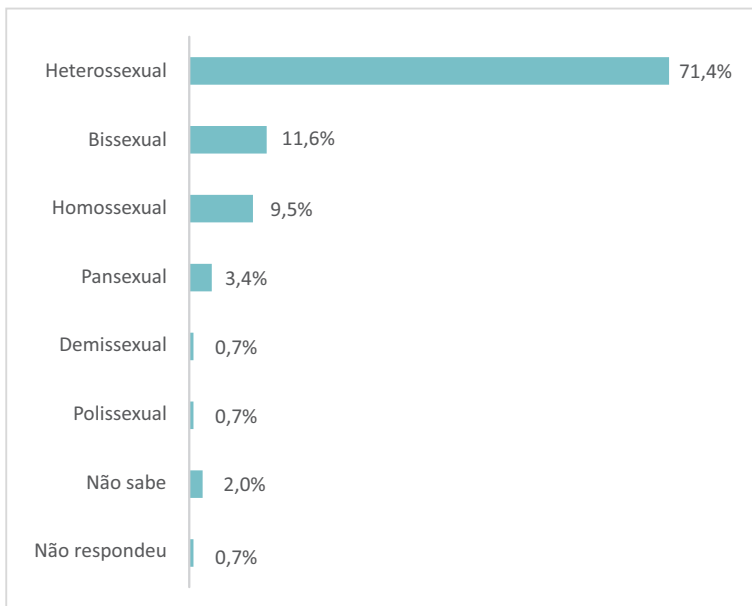
**Figura 05 | Faixa etária dos entrevistados (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 05 sinaliza que 68% (100) dos(as) entrevistados(as) são jovens, pois estão na faixa etária de 15 a 29 anos. Dentre os jovens, 15,6% (23) têm entre 15 a 19 anos, 27,9% (41) possuem entre 20 a 24 anos e 24,5% (36) têm entre 25 a 29 anos. Cabe destacar que apenas um idoso foi entrevistado. Isso pode ter relação com a baixa expectativa de vida desse grupo, conforme salientaram os(as) entrevistados(as) durante a realização das entrevistas e a militância LGBTQI+, que monitoram os dados de crimes e assassinatos de pessoas trans, além de reportagens já veiculadas em diferentes mídias.<sup>19</sup>

**Figura 06 | Orientação sexual (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

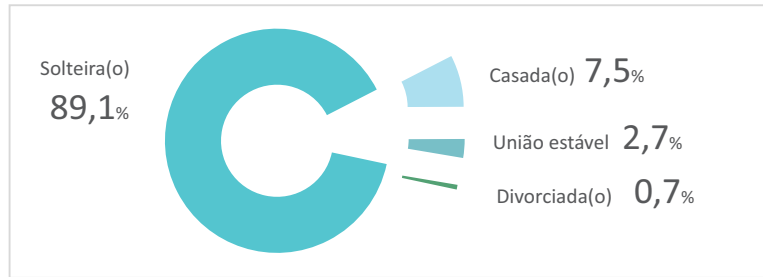
A orientação sexual da maioria dos(as) entrevistados(as) (71,4%) é heterossexual. Esse percentual representa, em números absolutos, 105 sujeitos (figura 06).

<sup>19</sup> Ver, por exemplo: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>



A figura 07 informa que 89,1% (131) dos(as) participantes da pesquisa são solteiros(as), por outro lado, 7,5% (11) relataram que são casados(as) e 2,7% (4) mantêm uma união estável.

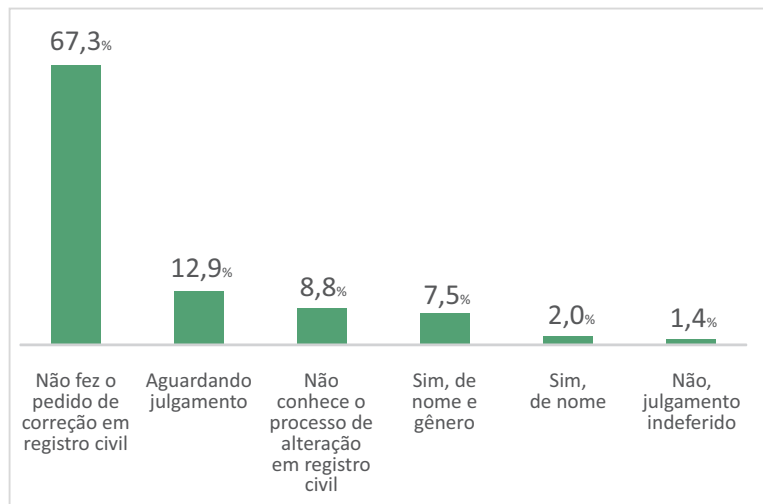
**Figura 07 | Estado Civil (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Os resultados da pesquisa apontam que, dentre o total de entrevistados(as) (147), 67,3% (99) não fizeram o pedido para a correção do nome em registro civil, enquanto 12,9% (19) estão aguardando o julgamento. Por outro lado, 8,8% (13) não conhecem o processo de alteração de nome ou gênero, 7,5% (11) conseguiram a remoção de nome e gênero no registro civil, 2,0% (3) conseguiram apenas de nome e 1,4% (2) não conseguiram porque tiveram a solicitação indeferida (figura 08).

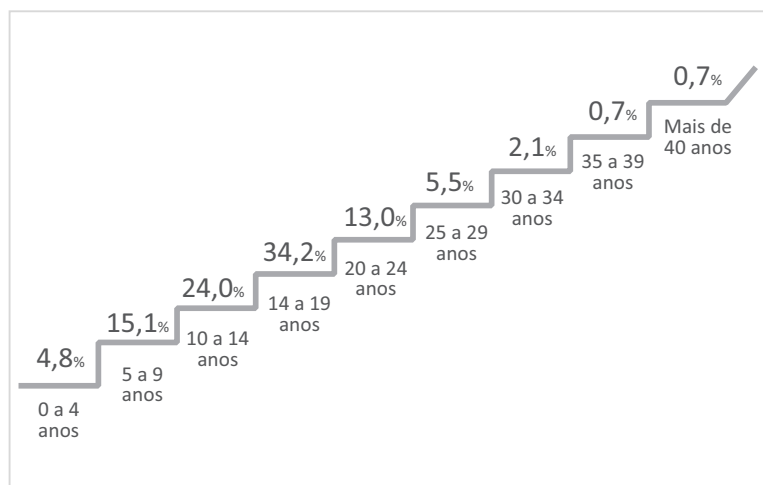
**Figura 08 | Conseguiu a correção de nome e gênero em seu registro civil? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 09 sinaliza a faixa etária em que os sujeitos da pesquisa se perceberam enquanto pessoas trans. Cabe destacar a quantidade significativa de entrevistados(as) que se perceberam pessoas trans ainda no período da infância e adolescência. Sendo que 4,8% (7) foi na faixa etária de 0 a 4 anos; 15,11% (22) entre 5 a 9 anos e 24% (35) entre 10 a 14 anos. A figura revela também que 34,2% (50) se identificaram como trans na faixa etária de 15 a 19 anos, dentre outras categorias.

**Figura 09 | Em que idade se percebeu pessoa trans? (%)**

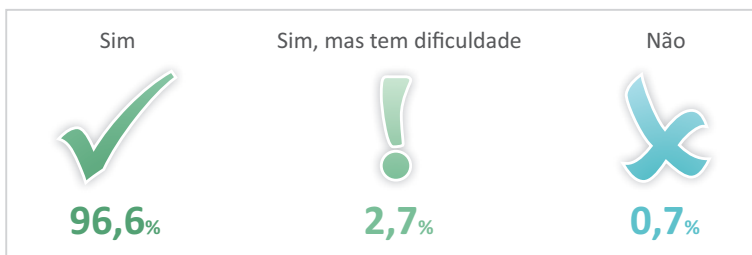


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

## 5.2 Educação

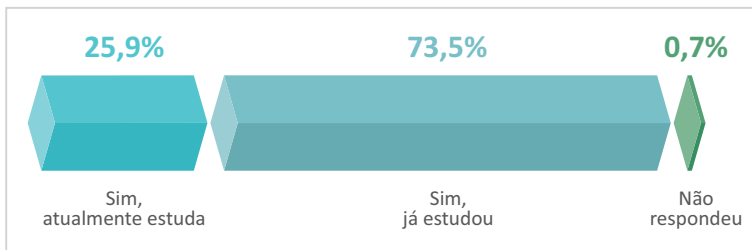
Esta subseção apresenta os dados referentes à escolaridade dos sujeitos deste estudo. Em linhas gerais, as perguntas visam captar se o(a) entrevistado(a) sabe ler/escrever, se ele(a) já frequentou escola ou estabelecimento de ensino, o nível de escolaridade, se já abandonou a escola, se já sofreu agressão e/ou preconceito na escola, se já frequentou curso de qualificação profissional, etc.

**Figura 10 | Você sabe ler e escrever? (%)**



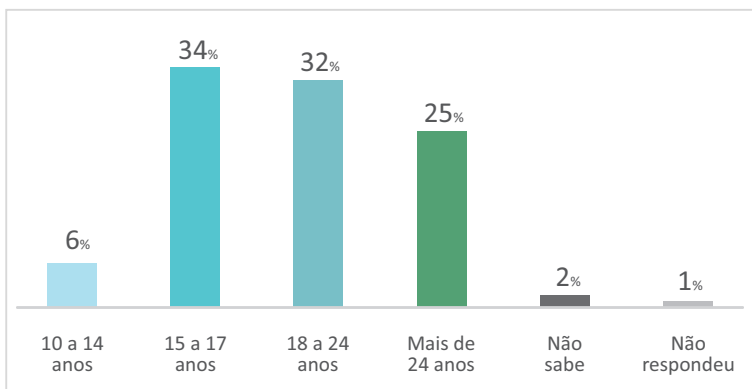
**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 11 | Frequenta ou frequentou escola ou estabelecimento de ensino? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 12 | Faixa etária que interrompeu os estudos (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Os resultados deste estudo indicam que a maioria dos(as) entrevistados(as) (96,6%) sabem ler e escrever. Esse percentual corresponde a 142 pessoas (figura 10).

Dentre os(as) entrevistados(as), 73,5% (108) afirmaram que já estudaram e 25,9% (38) estudam atualmente (figura 11).

Entre os(as) entrevistados(as) que não estão estudando atualmente, cerca de 6% (7) abandonaram a escola na faixa etária de 10 a 14 anos; 34% (38) entre 15 e 17 anos; 32% (36) na faixa etária de 18 a 24 anos e 25% (28) interromperam os estudos com mais de 24 anos (figura 12).

Conforme ilustra a figura 13, 55,5% (81) dos(as) participantes da pesquisa já reprovaram na escola. Por outro lado, 43,8% (64) afirmaram que nunca reprovaram. Entre os(as) entrevistados(as) que já reprovaram, 43,2% (35) reprovaram uma vez, 30,9% (25) duas vezes e 7,4% (6) três vezes.

**Figura 13 | Já reprovou na escola? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A maioria dos sujeitos participantes desse estudo (55,5%) relataram que já abandonaram a escola pelo menos uma vez. Em contrapartida, cerca de 43,8% (64) nunca abandonaram a escola (figura 14).

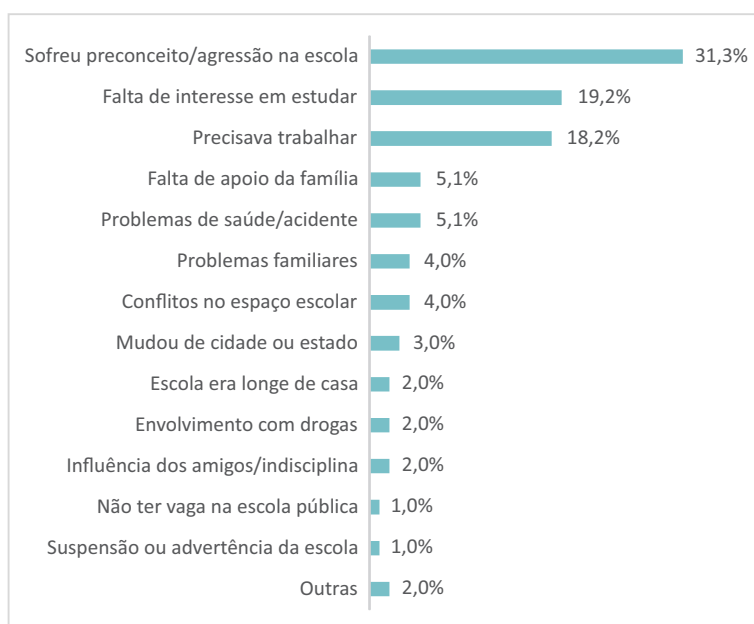
**Figura 14 | Já abandonou a escola pelo menos uma vez? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 15 informa os principais motivos que levaram os(as) entrevistados(as) a abandonarem a escola. Esta é uma pergunta que permite a marcação de até três respostas, somando um total de 99 respostas, de modo que as principais foram:

**Figura 15 | Qual o motivo do abandono escolar?\* (%)**

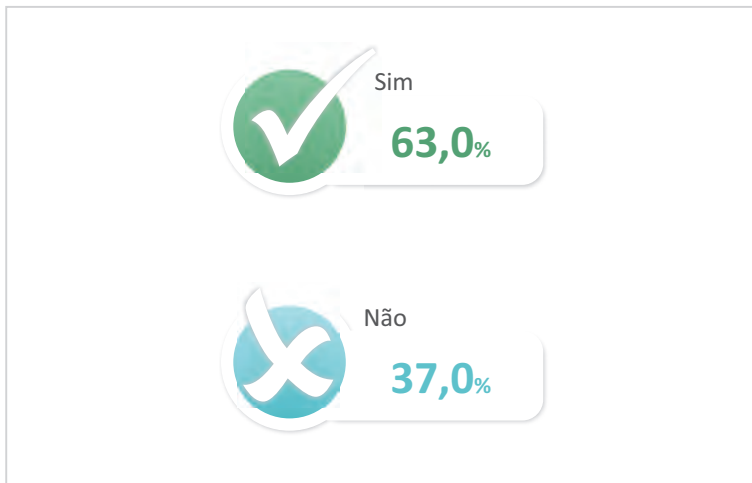


Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

31,3% (31) sofreu preconceito/agressão na escola; 19,2% (19) falta de interesse em estudar; 18,2% (18) precisava trabalhar, dentre outras indicadas na figura.

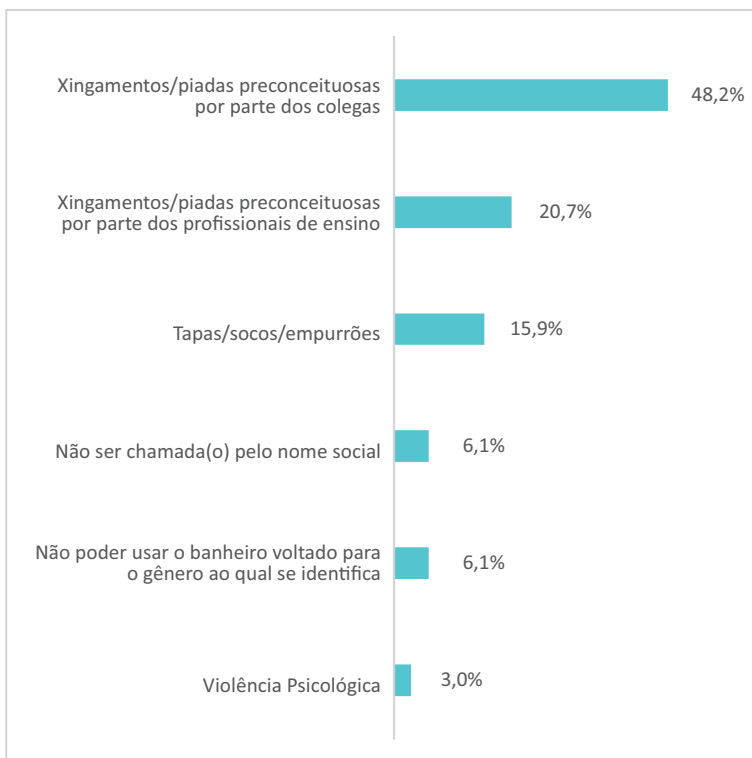
**Figura 16 | Já sofreu preconceito ou agressão na escola? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 16 sinaliza que 63,0% (92) dos(as) entrevistados(as) já sofreram preconceito ou agressão na escola. Por outro lado, 37,0% (54) afirmaram que nunca passaram pela situação descrita.

**Figura 17 | Quais os tipos de preconceitos/agressões que já sofreu na escola?\* (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

As respostas mais destacadas pelas pessoas entrevistadas, em relação aos tipos de preconceitos/agressões que já sofreram na escola foram: 48,2% (79) xingamentos/piadas preconceituosas por parte dos colegas; 20,7% (34) xingamentos/piadas preconceituosas por parte dos profissionais de ensino; 15,9% (26) tapas/socos/empurrões, dentre outras apontadas na figura 17.

**Tabela 2 | Escolaridade de acordo com a faixa etária (%)**

	15 a 17 anos (NA*)	15 a 17 anos (%)	18 a 24 anos (NA)	18 a 24 anos (%)	Acima de 25 anos (NA)	Acima de 25 anos (%)
Ensino fundamental regular/ Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou supletivo concluído	0	0,0%	3	5,3%	5	6,1%
Ensino fundamental regular/ EJA ou supletivo não concluído	4	57,1%	12	21,1%	15	18,3%
Ensino médio regular/EJA ou supletivo/ Ensino Técnico concluído	0	0,0%	13	22,8%	20	24,4%
Ensino médio regular/EJA ou supletivo/ Ensino Técnico não concluído	2	28,6%	11	19,3%	14	17,1%
Ensino médio regular/EJA ou supletivo/ Ensino Técnico em andamento	1	14,3%	2	3,5%	2	2,4%
Ensino Superior - Graduação	0	0,0%	1	1,8%	7	8,5%
Ensino Superior - Graduação não concluído	0	0,0%	4	7,0%	8	9,8%
Ensino Superior - Graduação em andamento	0	0,0%	10	17,5%	6	7,3%
Especialização de nível superior - Pós-graduação completa	0	0,0%	0	0,0%	4	4,9%
Especialização de nível superior - Pós-graduação em andamento	0	0,0%	1	1,8%	0	0,0%
Mestrado em andamento	0	0,0%	0	0,0%	1	1,2%
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100%</b>	<b>57</b>	<b>100%</b>	<b>82</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Números Absolutos.

A tabela 02 informa o nível de escolaridade dos(as) entrevistados(as) conforme as faixas etárias indicadas (15 a 17 anos; 18 a 24 anos; acima de 25 anos). Em linhas gerais, busca-se verificar se a escolaridade dos(as) participantes da pesquisa corresponde à faixa etária adequada para a etapa de ensino informada. Dentre as 147 pessoas participantes desse estudo, cabe destacar que 146 responderam essa questão referente à escolaridade, visto que uma afirmou que não sabe ler nem escrever.

Em relação aos sujeitos na faixa etária de 15 a 17 anos (7 entrevistados(as)), nota-se que a maioria (57,1%) acessaram o ensino fundamental, porém não concluíram essa etapa de ensino. Essa informação mostra que esses entrevistados(as) estão em defasagem escolar, pois não estão cursando a etapa de ensino adequada para a idade em que se encontram.<sup>20</sup> Por outro lado, 28,6% (2) acessaram o ensino médio, mas abandonaram os estudos, enquanto 14,3% (1) está cursando a última etapa da educação básica.

No que concerne aos(as) entrevistados(as) que estão na faixa etária de 18 a 24 anos (57 entrevistados), observa-se que 21,1% (12) têm o ensino fundamental incompleto, enquanto 5,3% (3) concluíram essa etapa de ensino. A tabela sinaliza ainda que 22,8% (13) concluíram o ensino médio, 19,3% (11) chegaram a acessar essa etapa, mas não concluíram e 3,5% (2) estão cursando o ensino médio. Em relação ao ensino superior, 1 (1,8%) desses entrevistados possui graduação completa, 7% (4) acessaram o ensino superior, mas não chegaram a terminar esse nível de ensino e 17,5% (10) estão cursando o ensino superior.

Além disso, a tabela 02 indica que, entre os sujeitos acima de 25 anos (82 entrevistados), 18,3% (15) não concluíram o ensino fundamental, enquanto 6,1% (5) possuem apenas o ensino fundamental completo. No que diz respeito ao ensino médio, 17,1% (14) acessaram essa etapa de ensino, no entanto, não chegaram a concluir. Por outro lado, 24,4% (20) possuem o ensino médio completo. Em relação ao ensino superior, 8,5% (7) dos sujeitos na faixa etária indicada têm graduação completa, 9,8% (8) acessaram esse nível de ensino, no entanto, não chegaram a concluir e 7,3% (6) estão cursando a graduação. Ademais, 4,9% (4) têm Pós-graduação em nível de especialização completa e 1,2% (1) mestrado em andamento.

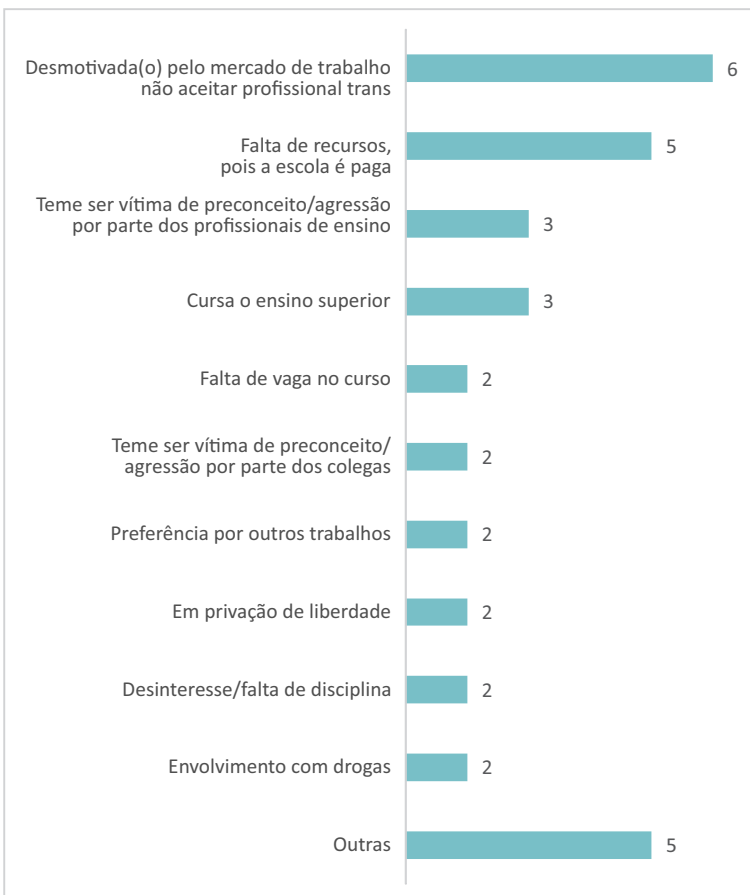
<sup>20</sup> De acordo com a legislação educacional, a idade adequada para concluir a etapa do Ensino Fundamental é 14 anos. E a idade adequada para frequentar a etapa do Ensino Médio é de 15 a 17 anos.

**Figura 18 | Já frequentou algum curso de formação técnica ou profissionalizante? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 19 | Qual o motivo para não frequentar curso de qualificação profissional?\* (Números absolutos)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

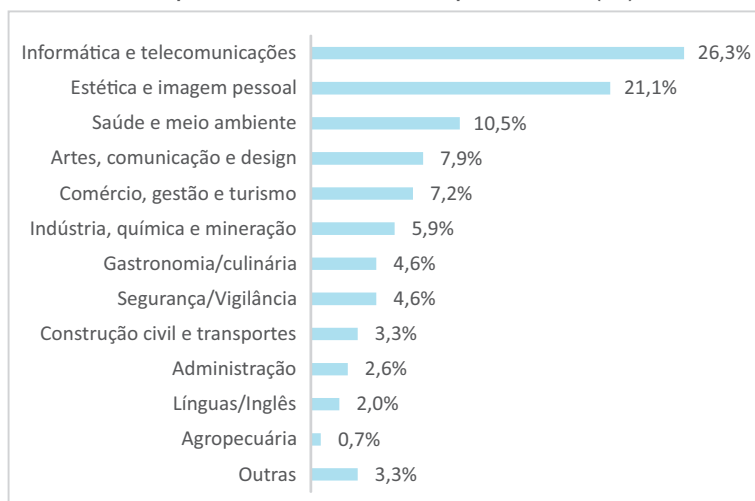
\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Os resultados da pesquisa apontam que 71,2% (104) dos(as) entrevistados(as) já frequentaram algum curso de formação técnica ou profissionalizante. Por outro lado, 19,2% (28) não frequentaram, porém, têm interesse, e 9,5% (14) afirmaram que não possuem interesse (figura 18).

A figura 19 apresenta os motivos indicados pelos(as) 14 entrevistados(as) que não têm interesse em frequentar um curso de qualificação profissional. A questão permitia até três respostas e dentre as 39 respostas coletadas, 6 indicam “desmotivada(o) pelo mercado de trabalho não aceitar profissional trans”; 5 apontam “falta de recursos, pois a escola é paga”; 3 indicam “teme ser vítima de preconceito/agressão por parte dos profissionais de ensino”; dentre as outras respostas ilustradas no gráfico. Na categoria “outras” onde há o registro de 5 respostas informadas pelos(as) entrevistados(as) estão: a maternidade (1); falta de oportunidades e horários (1); falta de tempo (1); mudanças de residência frequentes (1); vai iniciar o curso em breve (1).

Entre os(as) entrevistados(as) que fazem curso profissionalizante, 26,3% (40) cursam na área profissional de informática e telecomunicações; 21,1% (32) na área de estética e imagem pessoal; 10,5% (16) na área de saúde e meio ambiente; 7,9% (12) na área de artes, comunicação e design, dentre as outras áreas informadas na figura 20. A categoria “outras” (3,3%) aglutina as seguintes respostas indicadas pelos participantes da pesquisa: almoxarife (1); costura (1); graduada em história e pós em pedagogia (1); segurança do trabalho (1) e menor aprendiz (1).

**Figura 20 | Qual a área profissional do curso técnico ou profissionalizante frequentado? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre os(as) entrevistados(as) que frequentaram algum curso de qualificação profissional, 72,1% (75) concluíram o curso com aprovação e 26,0% (27) não concluíram (figura 21).

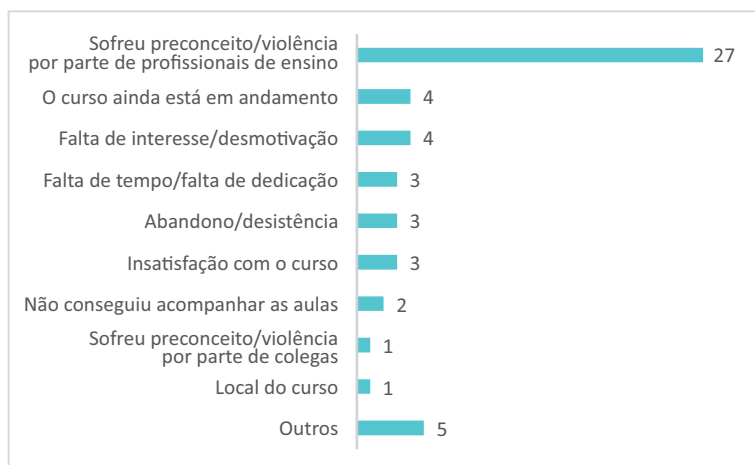
**Figura 21 | Concluiu o curso de qualificação profissional com aprovação? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre os(as) 27 entrevistados(as) que não concluíram o curso de qualificação profissional com aprovação (conforme ilustrado na figura 22), observa-se que todos(as) informaram que não concluíram o curso porque sofreram preconceito/violência por parte dos profissionais de ensino. Trata-se de uma questão de múltiplas respostas, logo, podem ter outros motivos que contribuíram para a não conclusão do curso, entretanto todos registraram ter sofrido preconceito/violência por parte dos profissionais de ensino.

**Figura 22 | Qual o motivo do abandono escolar?\***  
(Números absolutos)



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

**Figura 23 | Trabalha ou já trabalhou na área em que cursou a qualificação profissional? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

De acordo com a figura 23, 60,6% (63) dos(as) participantes da pesquisa que fizeram algum curso de qualificação profissional trabalharam ou trabalham na área cursada, enquanto 38,5% (40) não atuam na área.

**Figura 24 | Qual o motivo para não trabalhar ou não ter trabalhado na área em que se qualificou?\*** (números absolutos)



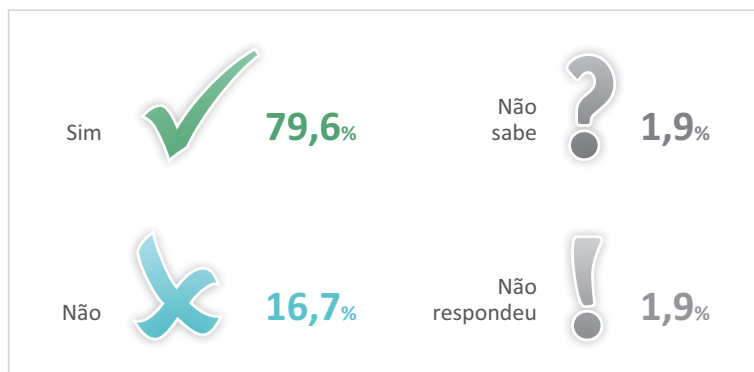
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 24 aponta os motivos pelos quais os(as) 40 entrevistados(as) que fizeram curso profissionalizante não trabalham na área em que se qualificaram. Como a questão admitia até três respostas, registraram-se 46 respostas: 9 indicam “falta de vagas na área”; 9 sinalizam falta de interesse; 7 indicam desmotivação, entre outras respostas informadas no gráfico. Na categoria outras (03), entraram as seguintes respostas: demorou no cursinho (1); falta de oportunidades (1) e desatualização do conteúdo (1).



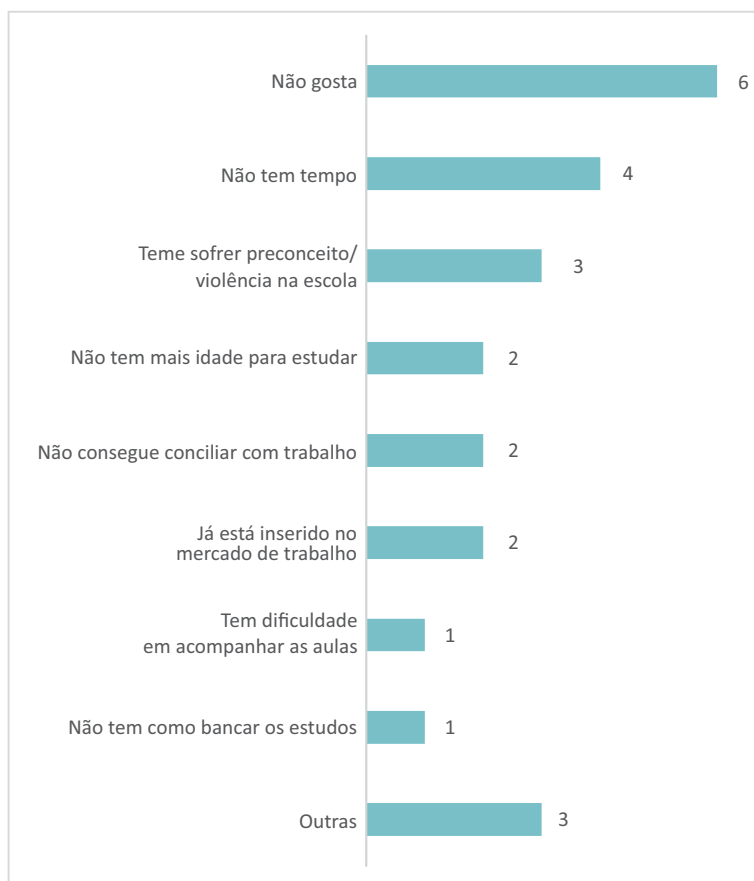
**Figura 25 | Pretende retornar os estudos? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre os(as) entrevistados(as) que não estudam (108), nota-se que 79,6% (86) pretendem retornar os estudos, enquanto 16,7% (18) não tem interesse (figura 25).

**Figura 26 | Por que não pretende retornar os estudos?\***  
(números absolutos)



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 26 aponta os motivos pelos quais os(as) 20 participantes desse estudo não pretendem retornar os estudos. Admitiu-se até três respostas de cada um. Dentre as 24 respostas coletadas, 6 sinalizam “não gosta”; 4 indicam “não tem tempo”, 3 apontam “teme sofrer preconceito/violência na escola”, entre outras. A categoria outras aglutina as seguintes respostas: desmotivada (1); não tem vagas no mercado (1) e problemas de saúde (1).

**Figura 27 | Cite até três cursos de qualificação profissional de seu interesse\* (Números Absolutos)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

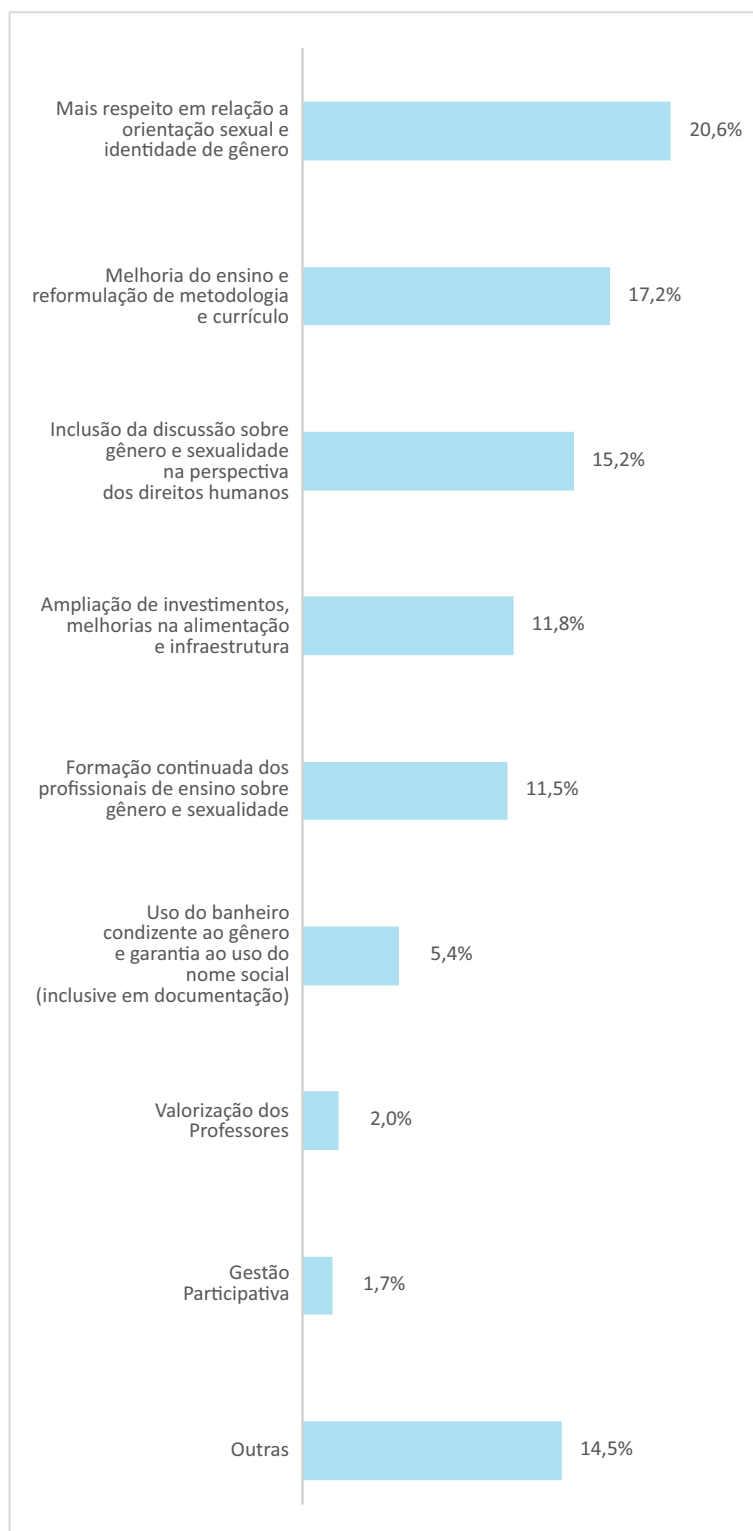
\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar até três respostas que foram categorizadas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 27 sinaliza as áreas dos cursos de qualificação profissional (qualificação profissional abrange cursos técnicos, especializações, cursos de graduação e pós-graduação) que os(as) entrevistados(as) têm interesse. Para viabilizar a análise dos dados, opta-se em criar categorias que englobem as respostas similares, conforme já explicado na metodologia desse texto. Desse modo, as categorias elaboradas a partir das respostas fornecidas, foram: Área da saúde (39 respostas); Estética e Beleza (36); Administração e Empreendedorismo (23); Psicologia/Psicanálise (20); Artes (18); Ciências Humanas (17); Direito (16); Gastronomia e culinária (14); Letra e Línguas (13), dentre outras. Cabe salientar que na categoria Artes estão inclusas as seguintes respostas: Artes Cênicas, Artes Visuais, Dança, Fotografia, Teatro, Música e Animação. Algumas respostas contidas na categoria “outras” (34) foram: bombeiro (1); eletrônica (2); petróleo e gás (2); contabilidade/financeiro (2); matemática (2); polícia federal (1), telecomunicações (1); turismo (1); segurança (1); logística (1); hotelaria (1), etc.

**Figura 28 | Cite até três coisas importantes para melhorar as escolas\* (%)**

A figura 28 aponta as mudanças que os(as) entrevistados(as) consideram importantes para melhorar as escolas. Nesse sentido, as principais categorias elaboradas foram: mais respeito em relação à orientação sexual e identidade de gênero, 20,6% (61); melhorias do ensino e reformulação de metodologia e currículo, 17,2% (51); inclusão da discussão sobre o gênero e sexualidade na perspectiva dos direitos humanos, 15,2% (45); ampliação de investimentos, melhorias na alimentação e infraestrutura, 11,8% (35); formação continuada dos profissionais de ensino sobre gênero e sexualidade, 11,5% (34); Uso do banheiro condizente ao gênero e garantia ao uso do nome social (inclusive em documentação) 5,4% (16); Valorização dos professores 2,0% (6) e Gestão Participativa 1,7% (5). Nessa última categoria estão inclusas as seguintes respostas: mais participação familiar nas escolas (2); alimentar o diálogo entre pais e escola (1); melhorar a relação entre família e escola (1); participação dos estudantes na gestão (1).

Na categoria “outras” foram incluídas as seguintes respostas indicadas pelos(as) entrevistados(as): vagas para professores trans (1); psicólogo na escola (2); colocar um corpo docente mais jovem (1); uniforme unissex (1); acessibilidade (2); as regras (1); mais professores (1); mais profissionais diversos do meio LGBT (1); dentre outras.



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar até três respostas que foram categorizadas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

## 5.3 Família

Esta subseção aborda os aspectos relacionados à família dos(as) participantes da pesquisa. Desse modo, as perguntas sinalizam: se o(a) entrevistado(a) mora com a família, como ele(a) avalia sua convivência familiar, se ele(a) já sofreu preconceito ou violência em sua família por ser transexual ou travesti, etc.

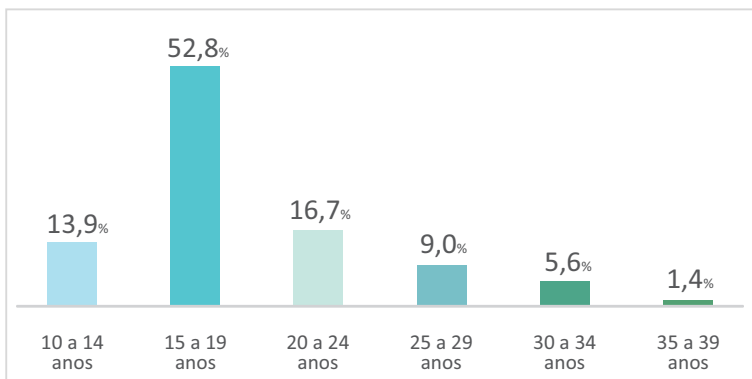
**Figura 29 | Você mora com a sua família? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Os dados da pesquisa indicam que cerca de 50,3% (74) dos(as) entrevistados(as) moram com seus familiares, enquanto 49,0% (72) não moram com os familiares (figura 29).

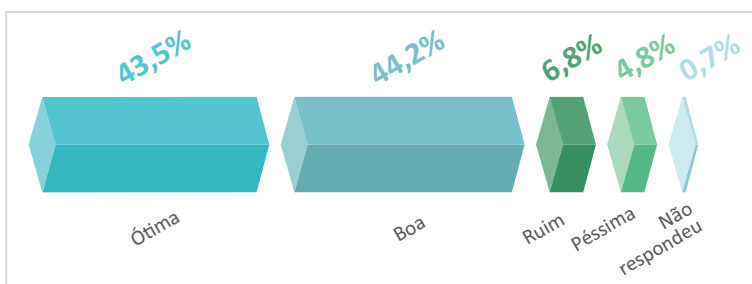
**Figura 30 | Em qual idade deixou de viver com a família? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre os(as) entrevistados(as) que não moram mais com seus familiares, cerca de 13,9% (10) deixaram de viver com os familiares na faixa etária de 10 a 14 anos, 52,8% (38) entre 15 a 19 anos, 16,7% (12) quando tinham entre 20 a 24 anos, dentre outras idades sinalizadas na figura 30. Destaque-se aqui a predominância de uma faixa etária muito precoce que engloba a adolescência.

**Figura 31 | Você considera sua convivência familiar (%):**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Quando os(as) entrevistados(as) foram indagados(as) sobre a convivência com seus familiares, as respostas foram: ótima (43,5%); boa (44,2%); ruim (6,8%) e péssima (4,8%). Esses percentuais representam, respectivamente, 64, 65, 10 e 7 respostas (figura 31).

Apesar das respostas registradas na avaliação anterior sobre a convivência familiar, a figura 32 aponta que 63,3% (93) dos sujeitos participantes deste estudo já sofreram preconceito em sua família devido à identidade de gênero.

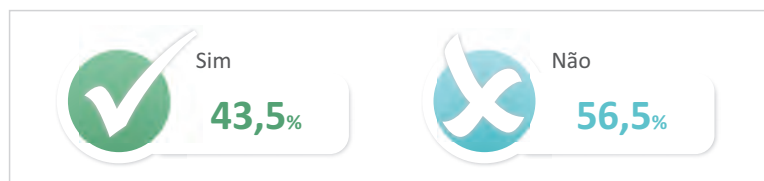
**Figura 32 | Você já sofreu preconceito em sua família por ser transexual ou travesti? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Os resultados da pesquisa pontuam que 43,5% (64) dos(as) entrevistados(as) já sofreram algum tipo de violência em suas famílias. Por outro lado, 56,5% (83) nunca sofreram violência no âmbito familiar (figura 33).

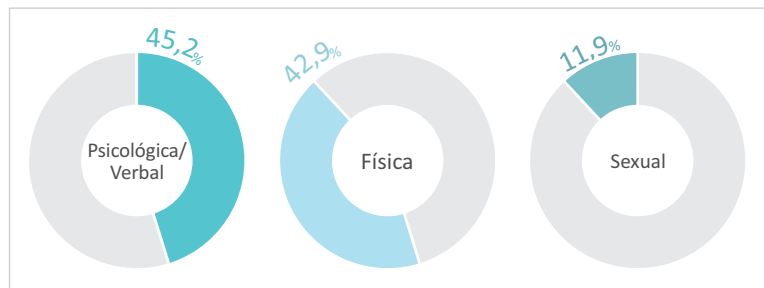
**Figura 33 | Já sofreu algum tipo de violência em sua família? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 34 aponta de forma categorizada os tipos de violências sofridas pelos(as) entrevistados(as) no âmbito familiar. Dentre as 84 respostas coletadas, 42,9% (36) sinalizam violência física; 45,2% (38) informam violência psicológica/verbal e 11,9% (10) violência sexual.

**Figura 34 | Quais tipos de violência sofreu em sua família?\* (%)**

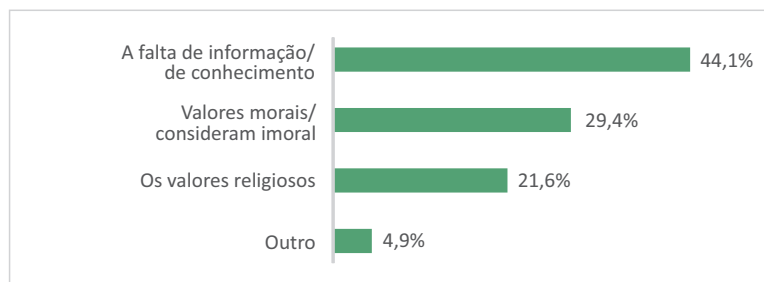


Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar até três respostas que foram categorizadas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Quando as pessoas participantes da pesquisa foram indagadas sobre o porquê elas sofreram violência e/ou preconceito na família, 44,1% (45) das respostas foram devido à falta de informação/de conhecimento; 29,4% (30) das respostas apontaram os valores morais; 21,6% (22) os valores religiosos e 4,9% (5) apontaram outros (figura 35).

**Figura 35 | A que atribui o preconceito e/ou violência que você viveu em sua família?\* (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

## 5.4 Moradia

A próxima subseção apresenta os dados relacionados à moradia dos sujeitos deste estudo. Nesse sentido, as questões visam identificar onde o(a) entrevistado(a) nasceu; onde mora atualmente; se a moradia é própria, alugada ou cedida; há quanto tempo reside no local; quais são as pessoas que moram em seu domicílio e qual sua condição na residência (filha(o), cônjuge, parente, amiga(o), responsável).

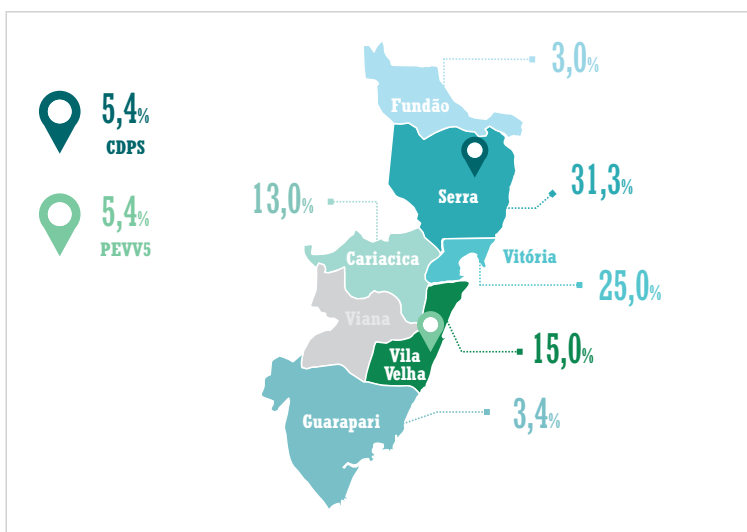
**Figura 36 | Em qual estado você nasceu? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dentre a população participante desse estudo, 81,0% (119) nasceram no estado do Espírito Santo; 6,1% (9) na Bahia; 5,4% (8) em Minas Gerais; 4,1% (6) no Rio de Janeiro, dentre outros estados indicados na figura 36.

**Figura 37 | Em qual cidade você mora atualmente?\* (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

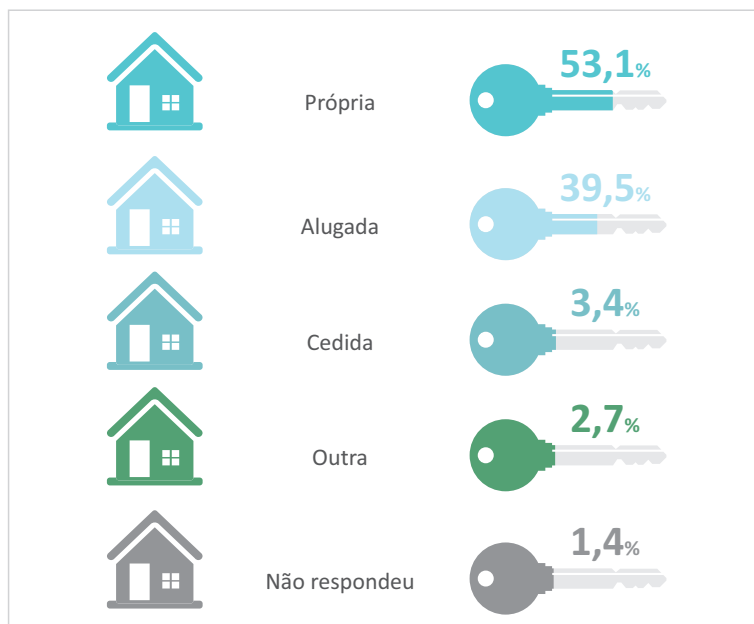
A figura 37 sinaliza que 31,3% (46) dos(as) entrevistados(as) moram no município de Serra, 25,0% (36) residem em Vitória, 15,0% (23) em Vila Velha, 13,0% (18) em Cariacica, dentre outras cidades informadas na figura.

Dentre o total de entrevistados, encontram-se em privação de liberdade 5,4% (8) localizadas no Centro de Detenção Provisória de Serra (CDPS), no município de Serra, e outros 5,4% (8) na Penitenciária Estadual de Vila Velha 5 (PEVV5), no município de Vila Velha.

\*A Pesquisa identificou moradores(as) com perfil para participar do estudo no município de Viana, porém não houve nenhum(a) respondente na ocasião devido a indisponibilidade dos mesmos.

Os resultados desse estudo informam que 53,1% (78) dos(as) entrevistados(as) possuem residência própria, enquanto a moradia de 39,5% (58) é alugada. Cabe salientar que 3 sujeitos participantes da pesquisa e que se encontram na categoria “outra” são moradores em situação de rua, portanto, utilizam Centro Pop<sup>21</sup> e Albergues. As entrevistadas em privação de liberdade responderam a questão baseadas em sua rotina anterior ao encarceramento e estão incluídas nas frequências consideradas (figura 38).

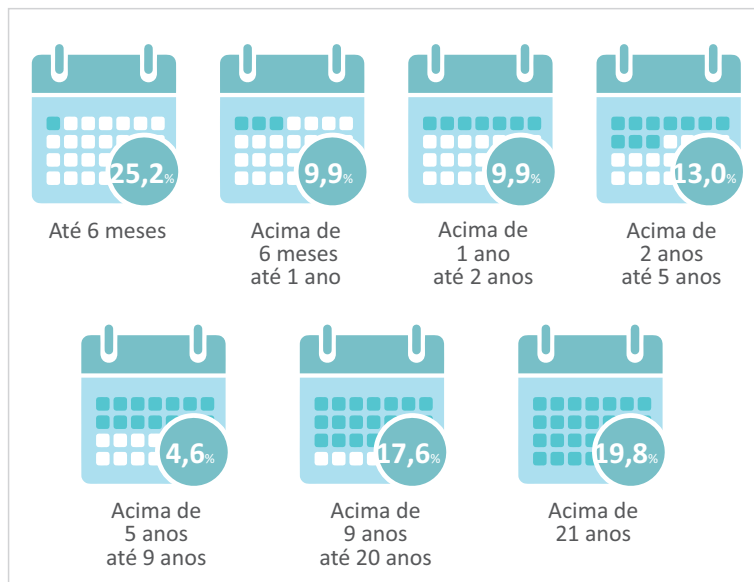
**Figura 38 | Sua moradia é: (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

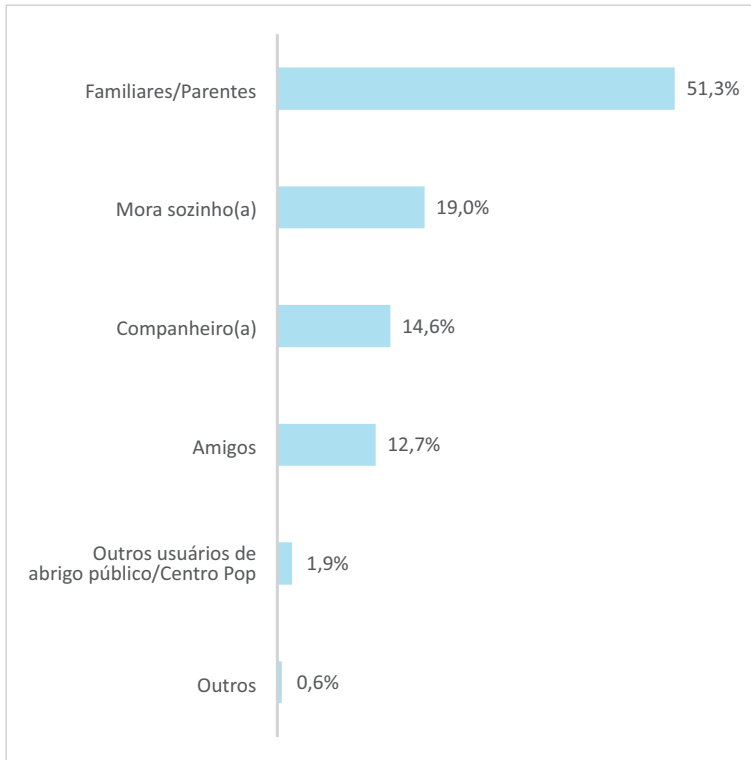
Sobre tempo de residência, um total de 131 indivíduos da pesquisa responderam: 25,2% (33) possuíam até 6 meses de moradia; 9,9% (13) acima de 6 meses até 1 ano; 9,9% (13) possuíam acima de 1 ano até 2 anos; 13% (17) possuíam acima de 2 anos até 5 anos; 4,6% (6) acima de 5 anos até 9 anos; 17,6% (23) acima de 9 anos até 20 anos; 19,8% (26) a partir de 21 anos. Pela natureza da informação captada, as entrevistadas em privação de liberdade não estão incluídas nas respostas (figura 39).

**Figura 39 | Há quanto tempo reside nesse local?\*** (%)



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).  
\*Entrevistadas em privação de liberdade não incluídas.

<sup>21</sup> Centro Pop é uma unidade pública voltada para o atendimento especializado à população em situação de rua. Deve ofertar, obrigatoriamente, o Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, que realiza atendimentos individuais e coletivos, oficinas e atividades de convívio e socialização, além de ações que incentivem o protagonismo e a participação social das pessoas em situação de rua (<http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/centro-pop>).

**Figura 40 | Em seu domicílio moram\* (%):**


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 40 informa com quais pessoas os(as) entrevistados(as) residem, sendo que esses poderiam indicar até três respostas. Dentre as 158 respostas coletadas, 51,3% (81) sinalizam que moram com familiares/parentes; 19,0% (30) das respostas indicam que moram sozinhos; 14,6% (23) com o companheiro(a); 12,7% (20) com amigos e 1,9% (03) das respostas apontam que moram com outros usuários de abrigo público/Centro Pop. As entrevistadas em privação de liberdade responderam à questão baseadas em sua rotina anterior ao encarceramento e estão incluídas nas respostas apresentadas.

**Tabela 3 | Com quem moram as pessoas entrevistadas que indicaram não morar com a família\* (%)**

Respostas	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Mora sozinho(a)	29	35,8%
Amigos(as)	19	23,5%
Companheiro(a)	19	23,5%
Familiares/Parentes	8	9,9%
Outros	6	7,4%
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

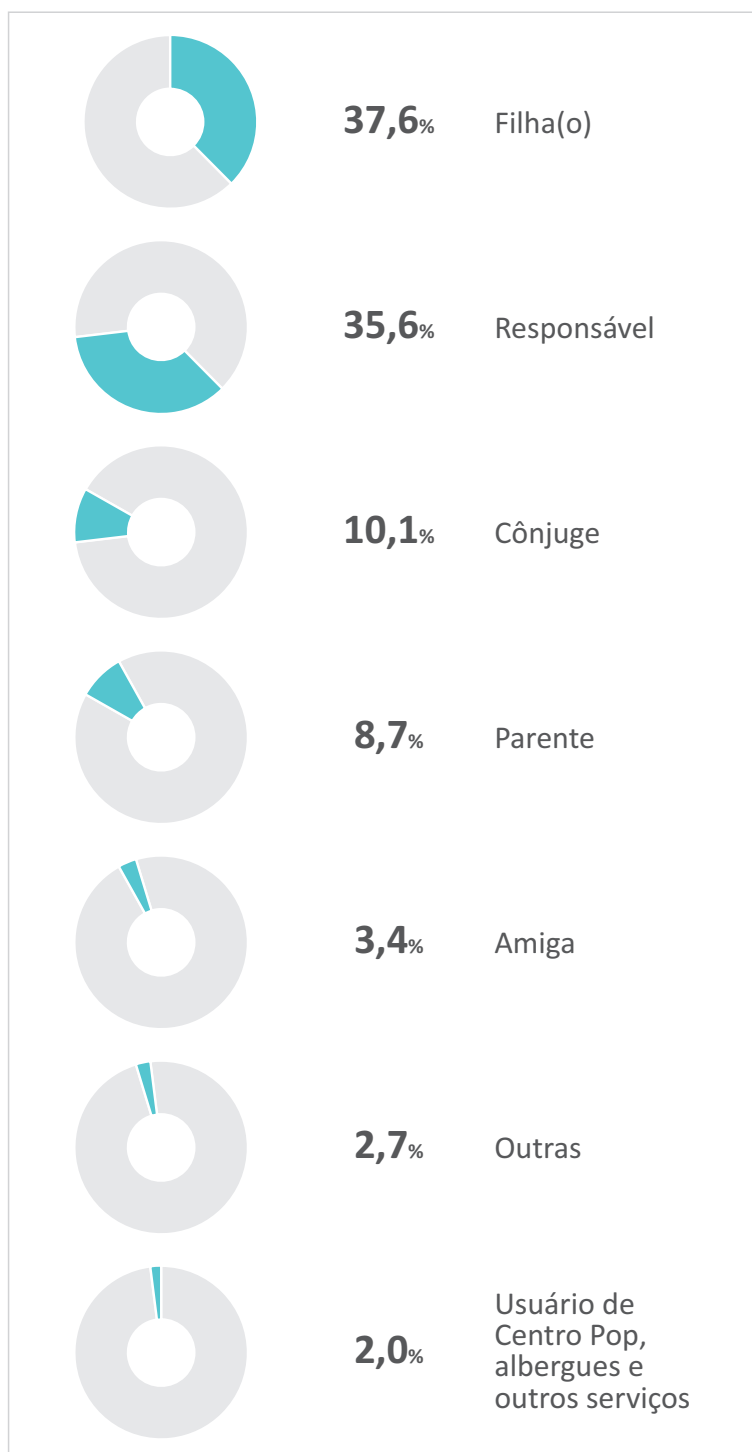
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Entre as 72 pessoas entrevistadas que indicaram no bloco 5.3 não morar com a família (ver figura 29), 35,8% (29) responderam morar sozinho(a); 23,5% (19) moram com amigos(as); 23,5% (19) moram com o(a) companheiro(a) e 9,9% (8) moram com familiares/parentes (tabela 03).



**Figura 41 | Qual sua condição no domicílio?\* (%)**



A figura 41 sinaliza a condição dos(as) participantes da pesquisa no domicílio em que moram. Nesse sentido, das 149 respostas: 37,6% (56) dos entrevistados afirmaram que são filhos; 35,6% (53) deles são os responsáveis; 10,1% (15) são cônjuge; 8,7% (13) são parentes; 3,4% (5) amigas; 2,0% (3) afirmaram que são usuários de Centro Pop e albergues e 2,7% (4) em “outras”. As entrevistadas em privação de liberdade responderam à questão baseadas em sua rotina anterior ao encarceramento e estão incluídas nas frequências tabuladas.

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

## 5.5 Trabalho e Renda

Esta próxima subseção aborda questões referentes à vida profissional e as perspectivas de trabalho dos(as) participantes da pesquisa. De forma resumida, as questões informam: se o(a) entrevistado(a) possui alguma atividade ou trabalho remunerado; quais atividades ou trabalho possui; se trabalha de carteira assinada; qual foi a sua renda no mês passado, considerando todos os ganhos; se já sofreu transfobia no ambiente de trabalho; se recebe algum benefício, tais como Bolsa Família, aluguel social, aposentadoria, dentre outros. Ademais, esse bloco possui quatro questões voltadas exclusivamente para profissionais do sexo, que são: em qual idade começou como profissional do sexo, onde consegue clientes, quais são os locais de programa, quantos dias da semana trabalha e se divide o dinheiro da atividade com alguém.

**Figura 42 |** Quais atividades (ou trabalho remunerado) possui? Atividade principal\* (%)



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar sua resposta, incluída posteriormente em uma categorização. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 42 informa que 69% (102) dos(as) entrevistados(as) disseram possuir uma atividade ou trabalho remunerado principal. Destes, 28,4% (29) declararam a ocupação de profissional do sexo/acompanhante; 17,6% (18) declararam a ocupação de profissional de estética e beleza; 8,8% (9) de profissional de culinária/gastronomia; 6,9% (7) de profissional de comércio e vendas; 4,9% (5) de professor(a)/instrutor(a); 3,9% (4) declararam a ocupação de artista; 3,9% (4) a ocupação de profissional de administração; 2,9% (3) de agente de prevenção/educador(a) social; 2,9% (3) de cuidador(a); 2,9% (3) de servidor(a) público(a); 2,0% (2) possuíam envolvimento em atividades ilícitas, especificamente o tráfico de drogas; 2,0% (2) eram profissionais de marketing/publicidade; 2,0% (2) disseram possuir a ocupação de pesquisador(a); 2,0% (2) de profissional da saúde; 8,8% (9) desempenhavam ocupações diversas agrupadas na categoria outras (consultora, secretária, etc).

De acordo com a figura 43, 37 dos(as) entrevistados(as) disseram possuir uma atividade ou trabalho remunerado secundário. Destes, 27,0% (10) declararam a ocupação de profissional do sexo/acompanhante; 21,6% (8) declararam a ocupação de profissional de estética e beleza; 10,8% (4) de profissional de comércio e vendas; 8,1% (3) de profissional de limpeza e conservação de espaços; 5,4% (2) de cuidador(a); 5,4% (2) de professor(a)/instructor(a); A categoria outros 21,6% (8) inclui ocupações diversas (fotógrafo, segurança, etc).

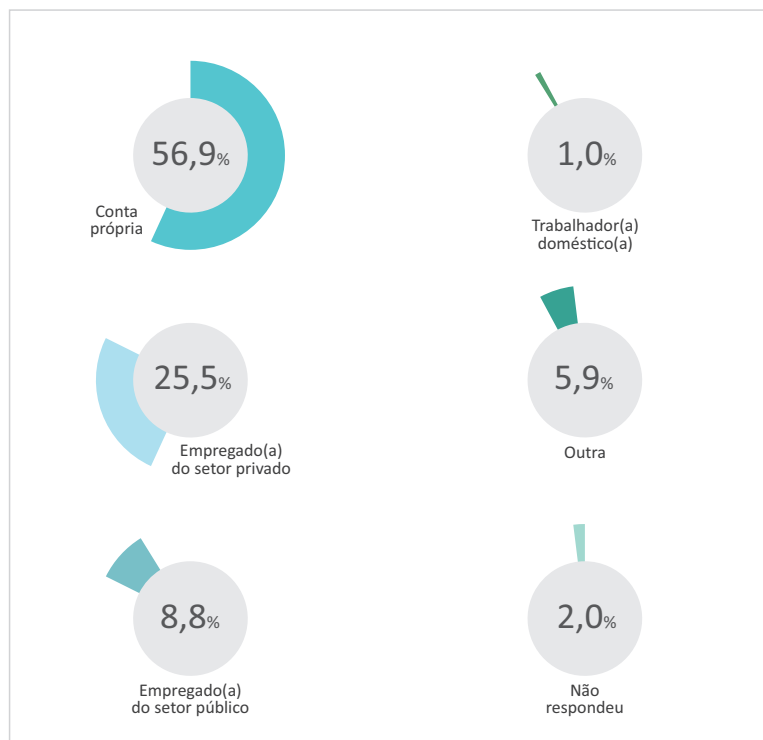
**Figura 43 |** Quais atividades (ou trabalho remunerado) possui? Atividade secundária\* (%)



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).  
 \*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar sua resposta, incluída posteriormente em uma categorização. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

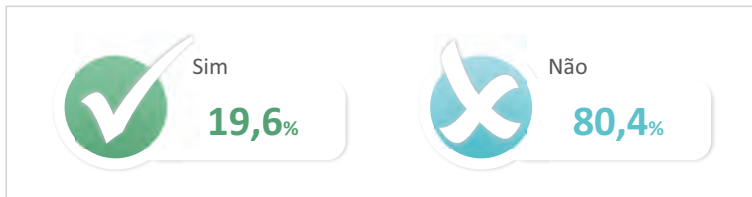
Dentre os(as) 102 entrevistados(as) que possuem atividade ou trabalho remunerado, 56,9% (58) relataram que trabalham por conta própria; 25,5% (26) são empregados(as) do setor privado; 8,8% (9) são empregados(as) do setor público (inclusive empresas de economia mista); 1,0% (1) respondeu ser trabalhador(a) doméstico(a); 5,9% (6) responderam outra; 2,0% (2) não responderam (figura 44).

**Figura 44 |** Em sua atividade principal, você é (%)



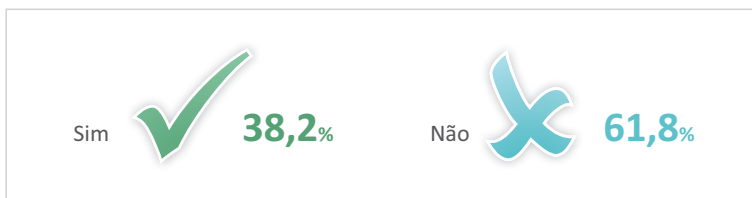
**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 45 | Em sua atividade principal trabalha de carteira assinada? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 46 | Contribui ao INSS? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 47 | Considerando todos os seus trabalhos, quanto recebeu no mês passado? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

De 102 participantes da pesquisa que possuem trabalho remunerado, 19,6% (20) trabalham de carteira assinada; 80,4% (82) responderam que trabalham sem carteira assinada (figura 45).

Do total de 102 entrevistados (as) que responderam sobre contribuição ao INSS, 38,2% (39) disseram contribuir e 61,8% (63) afirmaram que não contribuem (figura 46).

Dos(as) 93 respondentes, 1,1% (1) apontou não ter nenhum ganho no último mês (da ocasião da entrevista); 7,5% (7) relataram um ganho de até meio salário mínimo (até R\$468,50); 20,4% (19) relataram ter recebido mais de meio até 1 salário mínimo (mais de R\$ 468,50 até R\$ 937,00); 29% (27) responderam um ganho de mais de 1 até 2 salários mínimos (mais de R\$ 937,00 até R\$ 1.874,00); 23,7% (22) responderam um ganho de mais de 2 até 3 salários mínimos (mais de R\$ 1.874,00 até R\$ 2.811,00); 9,7% (9) relataram ter mais de 3 até 5 salários mínimos (mais de R\$ 2.811,00 até R\$ 4.685,00); 8,6% (8) responderam ter um ganho de mais de 5 salários mínimos (mais de R\$ 4.685,00) (figura 47).

Sobre já ter trabalhado de carteira assinada em ocupação anterior: 53,7% (79) dos(as) entrevistados(as) responderam que sim e 45,6% (67) responderam que nunca trabalharam de carteira assinada (figura 48).

**Figura 48 | Já trabalhou de carteira assinada anteriormente? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Em um total de 146 respondentes, 59,6% (87) disseram nunca ter sofrido preconceito, discriminação ou algum tipo de violência no ambiente de trabalho por causa de sua transexualidade; outros 39% (57) responderam já ter sofrido preconceito, discriminação ou algum tipo de violência; 0,7% (1) respondeu não saber e 0,7% (1) não respondeu (figura 49).

**Figura 49 | Já sofreu preconceito, discriminação ou algum tipo de violência em ambiente de trabalho por causa de sua transexualidade (episódio de transfobia)? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

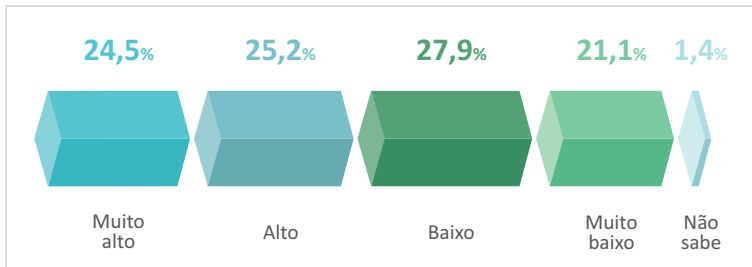
Sobre já ter sofrido algum tipo de assédio ou perseguição no ambiente de trabalho por causa de sua transexualidade, cerca de 61,6% (90) dos(as) entrevistados(as) responderam que não, enquanto 37% (54) disseram já ter sofrido algum tipo de assédio ou perseguição no ambiente de trabalho por causa de sua transexualidade (figura 50).

**Figura 50 | Já sofreu algum tipo de assédio ou perseguição no ambiente de trabalho por causa de sua transexualidade (episódio de transfobia) (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 51 |** Considera o risco de sofrer agressão ou violência motivada por transfobia em ambiente de trabalho (%):



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre os(as) entrevistados(as), 24,5% (36) consideram o risco de sofrer agressão ou violência motivada por transfobia em ambiente de trabalho muito alto; 25,2% (37) consideram esse risco alto; 27,9% (41) consideram o risco baixo; 21,1% (31) consideram o risco muito baixo; 1,4% (2) não sabem (figura 51).

**Figura 52 |** Já buscou os serviços de encaminhamento ao emprego (SINE, Mais Empregos, entre outros)? (%)



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Da população entrevistada, 50,3% (74) responderam que nunca buscaram os serviços de encaminhamento ao emprego (como SINE, Mais Empregos). Por outro lado, 49% (72) disseram já ter buscado os serviços (figura 52).

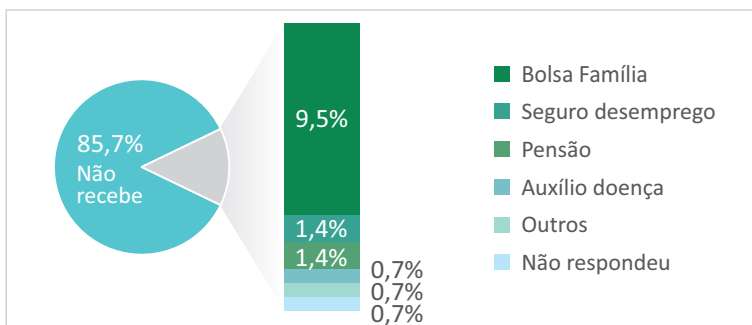
**Figura 53 |** Possui cadastro na assistência social (CAD Único)? (%)



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 53 sinaliza que 71,4% (105) dos(as) entrevistados(as) não possuem cadastro na assistência social (CAD Único) enquanto; 26,5% (39) responderam possuir o cadastro único para programas sociais.

**Figura 54 |** Recebe algum benefício?\* (%)



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

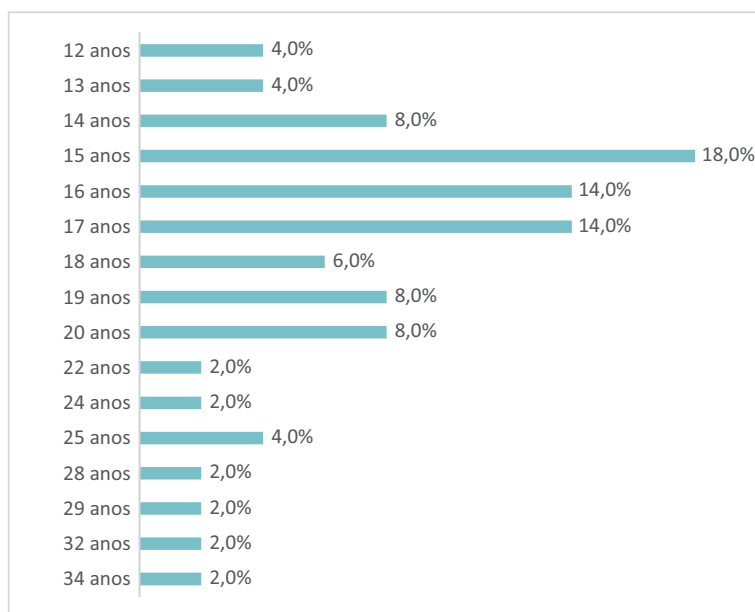
\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 54 aponta que 85,7% (126) dos(as) participantes deste estudo não recebem nenhum benefício. Por outro lado, 9,5% (14) recebem Bolsa Família; 1,4% (2) recebem seguro desemprego; 1,4% (2) recebem pensão e 0,7% (1) recebe auxílio doença.

Os dados apresentados nas figuras seguintes (figura 55 até figura 59) desta seção foram respondidos, exclusivamente, por profissionais do sexo.

A figura 55 indica em qual idade o(a) entrevistado(a) começou como profissional do sexo. Do total de 50 respondentes, o maior percentual encontra-se na faixa dos 15 aos 17 anos, somando 46% (23).

**Figura 55 | Em qual idade começou como profissional do sexo? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

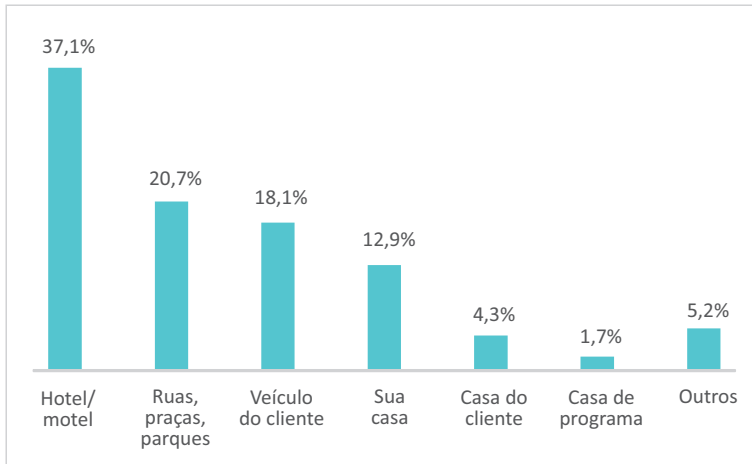
Em um total de 103 respostas que se referem ao local onde os(as) profissionais do sexo conseguem clientes, as mais destacadas foram: 34% (36) conseguem clientes nas ruas, praças e parques; 28,2% (29) conseguem clientes pela internet; 12,6% (13) por telefone e também 12,6% (13) em anúncio no jornal; 5,8% (6) em bar e/ou boate; 1% (1) em casa de programa; outros somam 4,9% (5) (figura 56).

**Figura 56 | Onde consegue clientes?\* (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

**Figura 57 |** Quais são os locais de programa?\* (%)


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 57 indica os locais onde são feitos os programas. Sendo assim, os percentuais referentes as respostas foram: 37,1% (43) hotel e/ou motel; 20,7% (24) ruas, praças e parques; 18,1% (21) em veículo do cliente; 12,9% (15) em sua casa; 4,3% (5) na casa do cliente e 1,7% (2) casa de programa; 5,2% (6) outros locais.

**Figura 58 |** Quantos dias trabalha na semana? (%)


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dentre um total de 49 respondentes, 49% (24) dos(as) profissionais do sexo trabalham até 7 dias na semana (figura 58).

**Figura 59 |** Divide o dinheiro do programa com alguém? (%)


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre os(as) entrevistados(as) profissionais do sexo, 81,6% (40) responderam que não dividem o dinheiro do programa com ninguém e 18,4% (9) afirmaram dividir o dinheiro do programa. Dentre as respostas sobre com quem dividem o dinheiro do programa, evidenciou-se familiares (mãe e tia) e cafetina (figura 59).

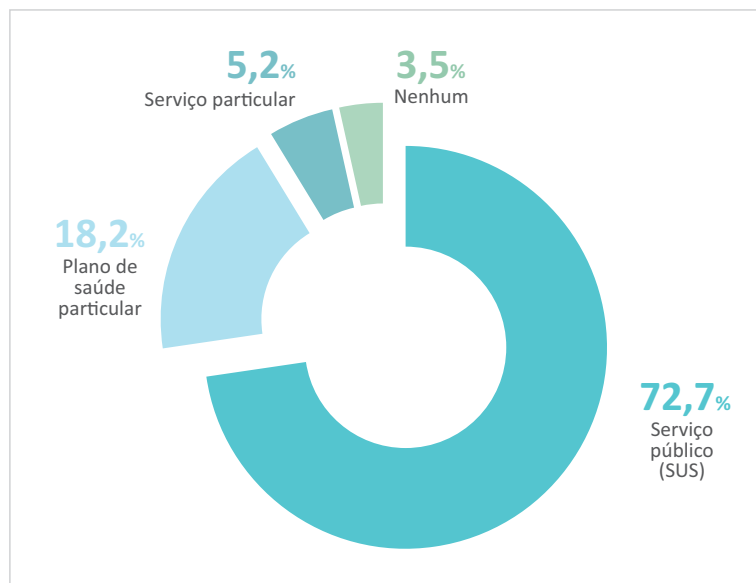


## 5.6 Saúde

A próxima subseção visa apresentar os resultados relacionados à saúde da população participante deste estudo. Em linhas gerais, essa parte do texto levanta as seguintes questões: o tipo de serviço de saúde que o(a) entrevistado(a) utiliza; se já teve dificuldades para ser atendido(a) nos serviços de saúde; se o nome social e a identidade de gênero são respeitados em todas as etapas de atendimento dos serviços de saúde; se faz uso de hormônios; de que forma acessa ou acessava os hormônios; se o(a) entrevistado(a) teve problemas de saúde após iniciar o uso de hormônios; se faz uso de substâncias psicoativas; se já foi diagnosticado(a) com depressão; dentre outras. Além disso, esse bloco possui algumas questões voltadas exclusivamente para as mulheres transexuais e travestis e outras perguntas voltadas apenas para os homens transexuais.

Em 172 respostas sobre qual o serviço de saúde que utiliza, 72,2% (125) disseram utilizar o serviço público de saúde (SUS); 18,6% (32) utilizam plano de saúde particular; 5,2% (9) utilizam serviço particular de saúde; 3,5% (6) disseram não acessar nenhum serviço de saúde (figura 60).

**Figura 60 | Qual o tipo de serviço de saúde que utiliza?\*** (%)

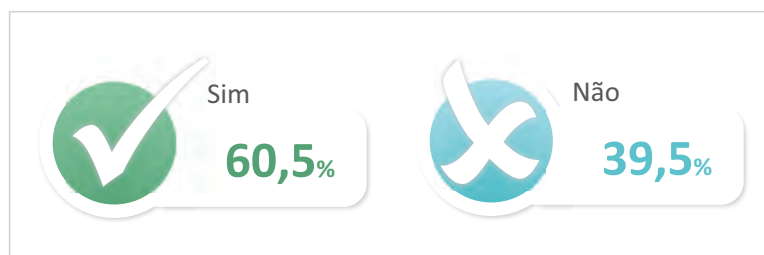


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

**Figura 61 | Nos últimos 6 meses precisou de atendimento médico? (%)**



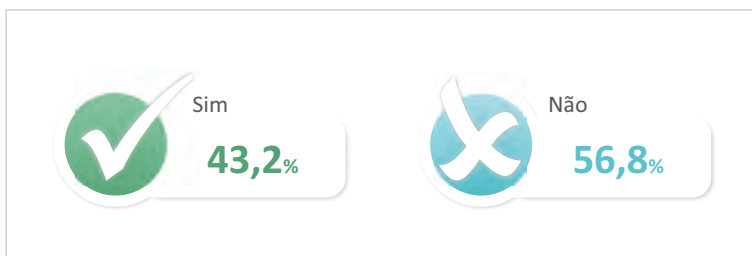
**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

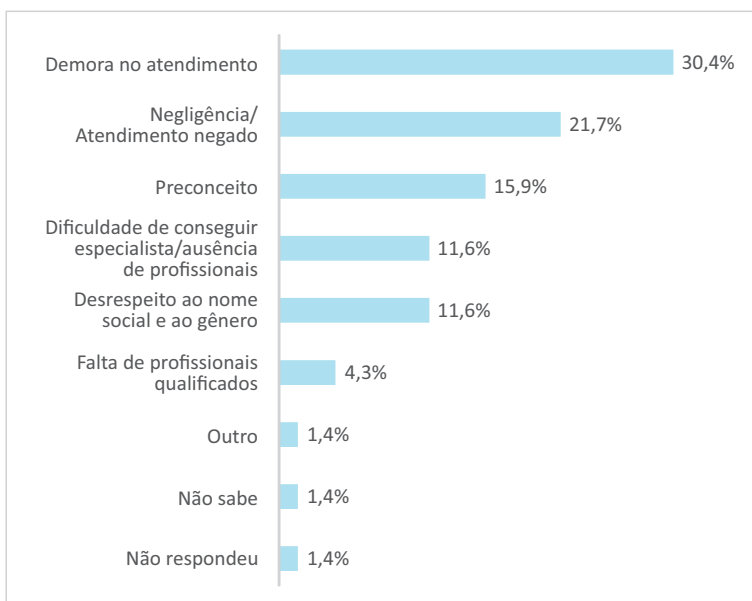
Entre os(as) entrevistados(as), 60,5% (89) necessitaram de atendimento médico nos últimos 6 meses enquanto 39,5% (58) responderam não precisar (figura 61).

**Figura 62 | Se sim, procurou atendimento médico? (%)**


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 63 | Já teve dificuldades para ser atendida(o) nos serviços de saúde? (%)**


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 64 | Quais dificuldades?\* (%)**


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar suas respostas, incluídas posteriormente em uma categorização. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Dentre as pessoas entrevistadas (total de 89) que precisaram de atendimento médico, 95,5% (85) procuraram atendimento médico, 3,4% (3) responderam não procurar atendimento na ocasião e 1,1% (1) não respondeu (figura 62).

De acordo com a figura 63, 56,8% (83) dos(as) participantes do estudo disseram nunca ter dificuldades no atendimento dos serviços de saúde. Por outro lado, 43,2% (63) responderam que sim, já tiveram dificuldades no atendimento.

As dificuldades relatadas por aqueles(as) que afirmaram já ter passado pelo atendimento nos serviços de saúde foram categorizadas em: 30,4% (21) apontaram a demora no atendimento; 21,7% (15) a negligência/atendimento negado; 15,9% (11) apontaram o preconceito como dificuldade; 11,6% (8) a dificuldade de conseguir especialista/ausência de profissionais; 11,6% (8) desrespeito ao nome social e ao gênero; 4,3% (3) a falta de profissionais qualificados e 1,4% (1) apontou outro motivo como a necessidade de ter que se deslocar para outra cidade (figura 64).

A figura 65 indica se o nome social e a identidade de gênero são respeitados nas etapas de atendimento dos serviços de saúde (Cartão SUS, acolhimento, cadastros, triagens, consultas, exames e internações). Das 132 respostas, 59,1% (78) apontaram que são respeitados, 34,1% (45) responderam que seu nome social e identidade de gênero não são respeitados nas etapas de atendimento dos serviços de saúde, 5,3% (7) não sabe e 1,5% (2) não respondeu.

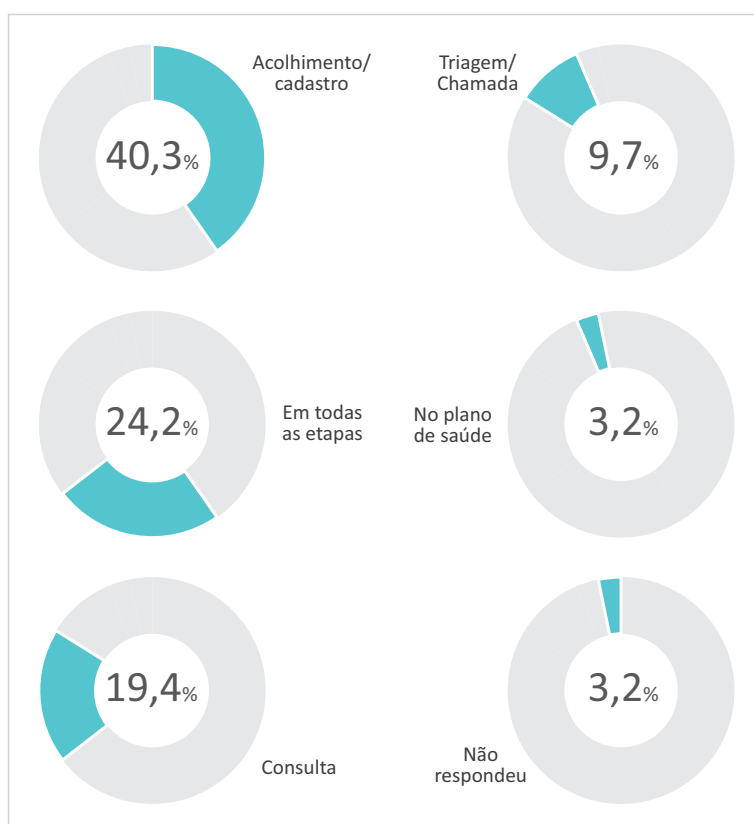
**Figura 65 | Seu nome social e sua identidade de gênero são respeitados nas etapas de atendimento dos serviços de saúde? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dentre os(as) entrevistados(as) que não tiveram seu nome social e sua identidade de gênero respeitados nas etapas de atendimento do serviço de saúde, as respostas categorizadas apresentam: 40,3% (25) não foram respeitados no acolhimento/cadastro; 24,2% (15) foram desrespeitados em todas as etapas; 19,4% (12) foram desrespeitados na consulta; 9,7% (6) não foram respeitados na triagem/chamada; 3,2% (2) apontaram desrespeito no plano de saúde e 3,2% (2) não responderam (figura 66).

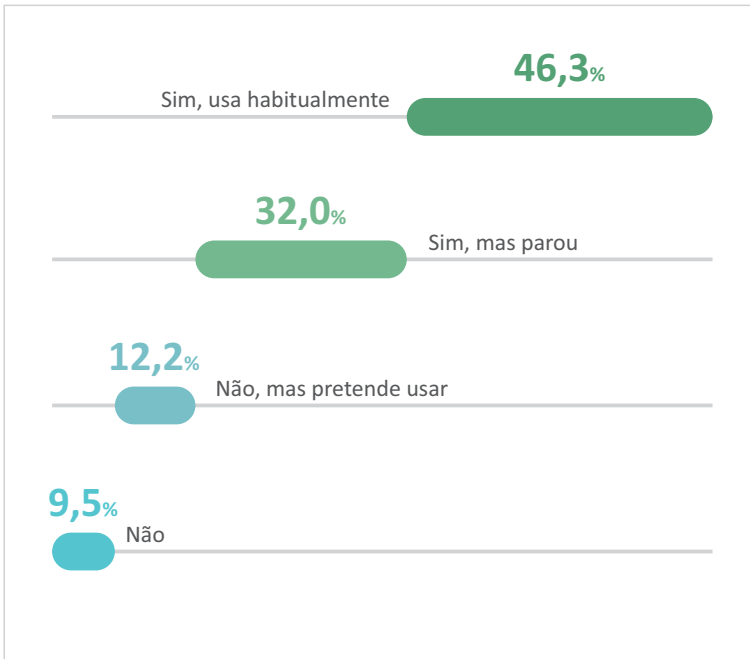
**Figura 66 | Em qual etapa não foram respeitados?\* (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar suas respostas, incluídas posteriormente em uma categorização. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

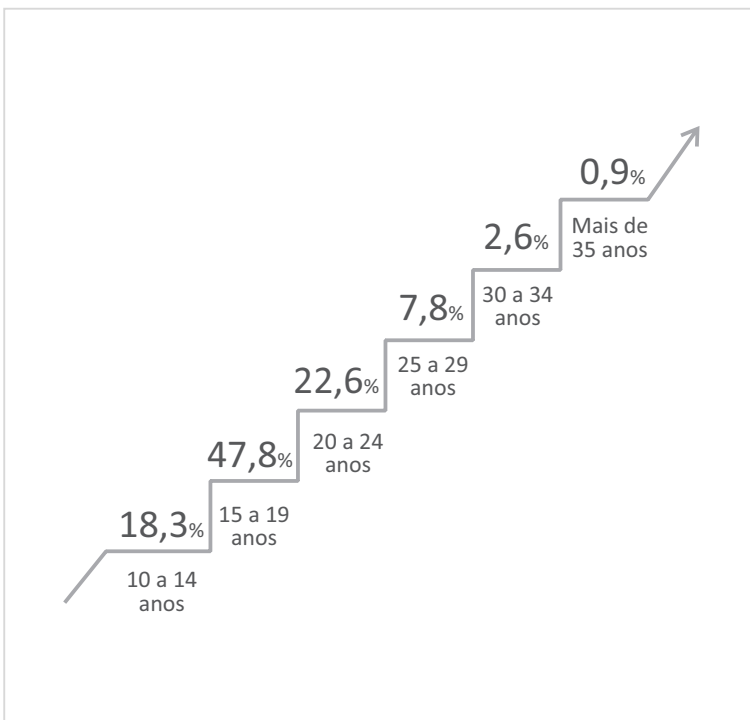
**Figura 67 | Usa ou já fez uso de hormônios? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dos 147 entrevistados(as), 46,3% (68) usam hormônios habitualmente; 32% (47) já fizeram uso, mas pararam; 12,2% (18) não usam hormônios, mas pretendem e 9,5% (14) não usam hormônios (figura 67).

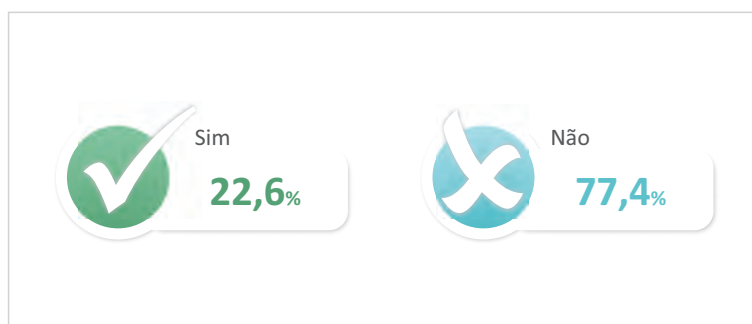
**Figura 68 | Com qual idade fez uso de hormônios pela primeira vez? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 68 apresenta com qual idade os(as) entrevistados(as) fizeram uso de hormônios pela primeira vez. Nesse sentido, 47,8% (55) estavam na faixa etária de 15 a 19 anos quando fizeram uso de hormônios pela primeira vez.

**Figura 69 | Tem/Teve acompanhamento médico contínuo para hormonioterapia? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre os(as) entrevistados(as) que fazem ou fizeram uso de hormônios, 77,4% (89) não tem ou teve acompanhamento médico contínuo para hormonioterapia. Em contrapartida, 22,6% (26) responderam que têm ou já teve acompanhamento médico (figura 69).

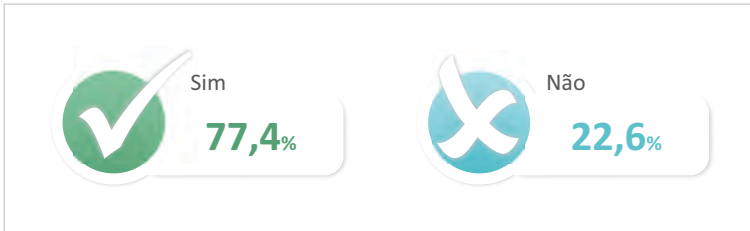
**Figura 70 | Por que não tem/teve acompanhamento médico para hormonioterapia?\* (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

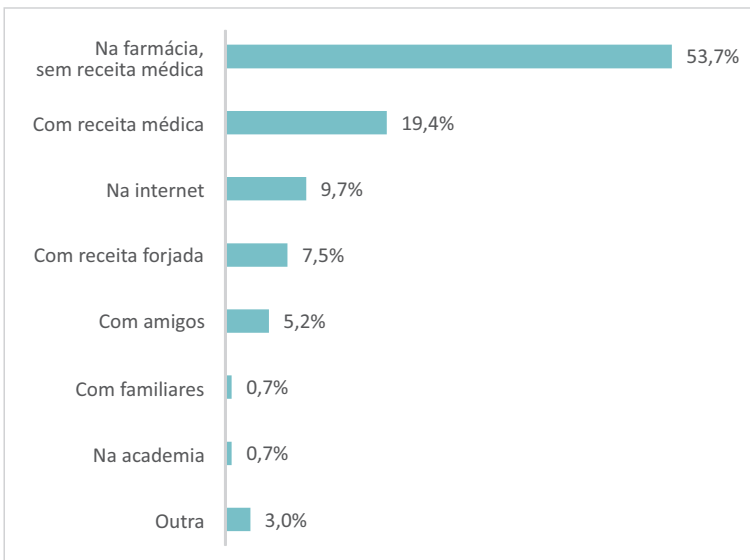
\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Do total de 114 respostas, entre os motivos para não terem acompanhamento médico na hormonioterapia, 20,2% (23) das respostas sinalizam que não sabia do serviço oferecido; 14,9% (17) que não havia profissionais qualificados; 14,9% (17) não procurou o serviço/falta de interesse; 12,3% (14) demora para ser atendida(o); 8,8% (10) indicam a opção pela automedicação; 6,1% (7) apontaram como motivo o medo de sofrer preconceito por parte dos profissionais de saúde; 5,3% (6) relataram que o profissional se recusou a atender; 3,5% (4) apontaram a indicação de amigas(as) como motivo; 2,6% (3) não conseguiram atendimento; 1,8% (2) não poderiam pagar; 2,6% (3) apontaram outros motivos (figura 70).

**Figura 71 | Faz exame de sangue regularmente? (%)**


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Em relação a realização de exame de sangue com regularidade, de 115 respondentes, 77,4% (89) afirmaram sim e 22,6% (26) responderam não (figura 71).

**Figura 72 | Como acessa/acessava os hormônios?\* (%)**


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 72 indica as respostas mais recorrentes, entre os sujeitos da pesquisa, no que diz respeito a forma como acessam ou acessavam hormônios: 53,7% (72) na farmácia, sem receita médica; 19,4% (26) com receita médica; 9,7% (13) pela internet; 7,5% (10) com receita forjada; 5,2% (7) por meio de amigos (as); 0,7% (1) com familiares; 0,7% (1) na academia; 3,0% (4) apontam outras formas como mercado informal.

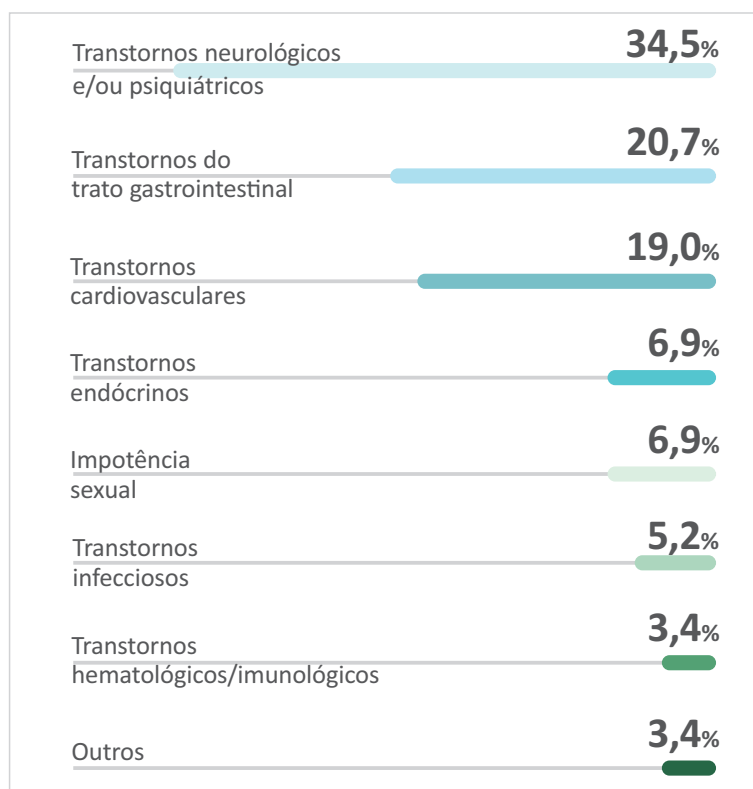
**Figura 73 | Teve problemas de saúde após iniciar o uso de hormônios? (%)**


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dos(as) 115 respondentes, 71,3% (82) disseram não ter problemas de saúde após iniciar o uso de hormônios enquanto 27,0% (31) responderam ter algum tipo de problema (figura 73).

As respostas dos(as) entrevistados(as) acerca dos problemas de saúde ocasionados pelo uso de hormônios foram categorizadas, conforme registro na figura 74: 34,5% (20) apontaram transtornos neurológicos e/ou psiquiátricos (depressão, desmaio, dor de cabeça, variações de humor, etc); 20,7% (12) apontaram transtornos do trato gastrointestinal (enjôo, infecção intestinal, dor no estômago, etc); 19% (11) relataram transtornos cardiovasculares (problemas cardíacos, princípio de trombose, hipertensão, varizes, etc); 6,9% (4) apontaram transtornos endócrinos (lactação, sintomas de gravidez, etc); 6,9% (4) relataram impotência sexual; 5,2% (3) relataram transtornos infecciosos (furúnculos, hepatite, etc); 3,4% (2) apontaram transtornos hematológicos/imunológicos (anemia e baixa imunidade); 3,4% apresentaram outros transtornos.

**Figura 74 |** Quais tipos de problemas de saúde?\* (%)



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

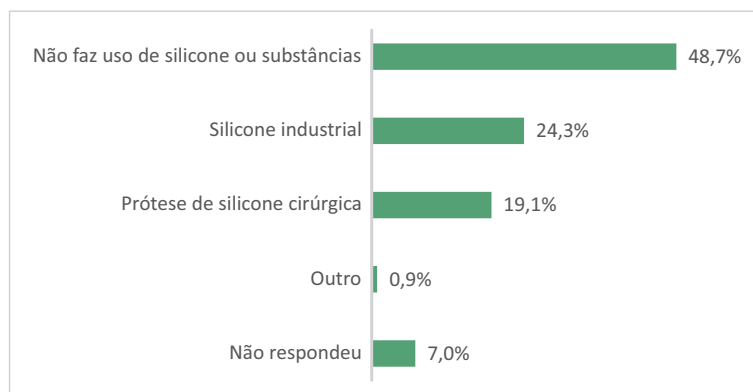
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar suas respostas, incluídas posteriormente em uma categorização. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Os dados apresentados nas figuras 75 a 77 foram respondidos, exclusivamente, pelas mulheres transexuais e as travestis.

Entre as 115 respostas de 96 entrevistadas referentes a se faz ou já fez uso de algum tipo de prótese ou preenchimento para modelação no corpo, 48,7% (56) das entrevistadas relataram que não fazem uso de silicone ou outras substâncias; 23,4% (28) das respostas apontam uso de silicone industrial para modelação no corpo; 19,1% (22) correspondem ao uso da prótese de silicone cirúrgica; 0,9% (1) utilizam outro tipo de prótese ou preenchimento; 7,0% (8) não responderam (figura 75).

**Figura 75 |** Faz ou já fez uso de algum tipo de prótese ou preenchimento para modelação no corpo?\* (%)

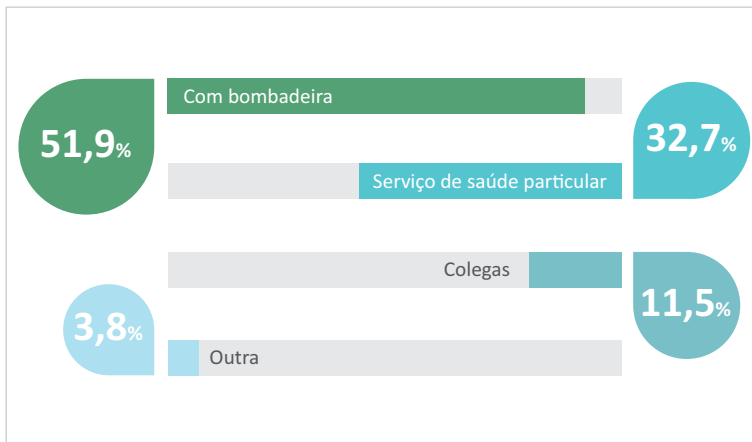


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

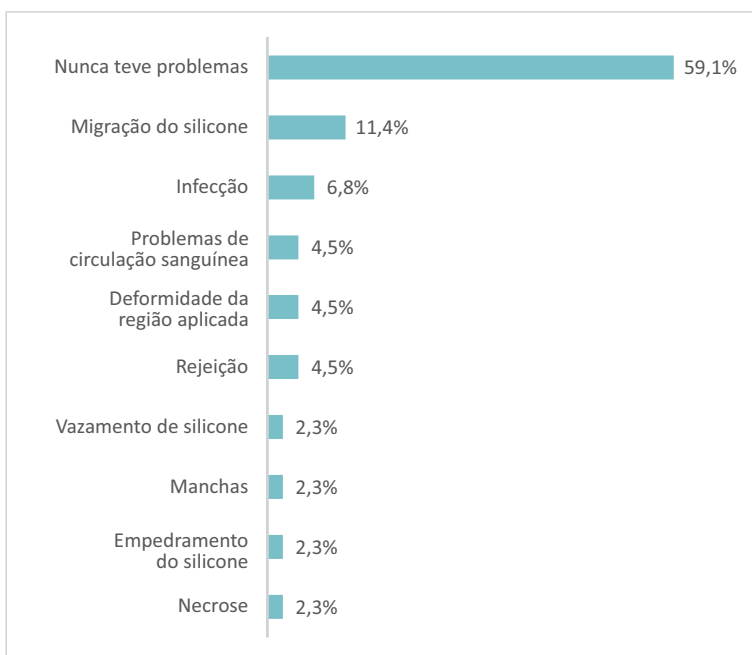
**Figura 76 | Como fez a aplicação do silicone ou de substâncias?\* (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

**Figura 77 | Tem/Teve problemas de saúde causados pela aplicação do silicone ou de substâncias?\* (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Entre as respostas de 32 entrevistadas que fazem ou já fizeram uso de silicone ou outras substâncias, 51,9% (27) fizeram a aplicação com “bombadeira”<sup>22</sup>; 32,7% (17) recorreram ao serviço de saúde particular; 11,5% (6) fizeram a aplicação com colegas; 3,8% (2) recorreram a outras(os) para aplicação (figura 76).

Das 44 respostas sobre problemas de saúde causados pela aplicação do silicone ou de substâncias, 59,1% (26) disseram nunca ter problemas de saúde causados pela aplicação; 11,4% (5) relataram migração do silicone; 6,8% (3) disseram ter infecção; 4,5% (2) relataram problemas de circulação sanguínea; 4,5% (2) sofreram deformidade da região aplicada; 4,5% (2) sofreram rejeição com a aplicação no corpo; 2,3% (1) relatou vazamento de silicone; 2,3% (1) relataram manchas; 2,3% (1) teve empedramento do silicone e 2,3% (1) teve necrose (figura 77).

<sup>22</sup>“Bombadeira” é um termo utilizado pelas trans para denominar a pessoa que faz a prática da aplicação clandestina de silicone industrial no corpo de mulheres transexuais e travestis.

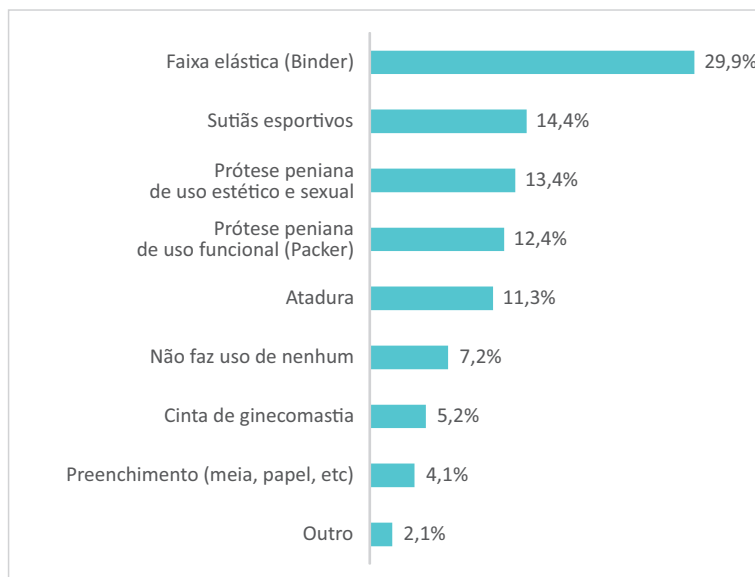


Os dados apresentados nas figuras 78 a 86 foram respondidos, exclusivamente, pelos homens transexuais.

Entre as 97 respostas dos homens transexuais correspondentes a questão sobre o uso de acessórios em geral, 29,9% (29) disseram usar faixas elásticas (Binder<sup>23</sup>); 14,4% (14) usam sutiãs esportivos; 13,4% (13) utilizam prótese peniana de uso estético e sexual; 12,4% (12) usam prótese peniana de uso funcional (Packer); 11,3% (11) utilizam atadura; 7,2% (7) não usam nenhum acessório; 5,2% (5) utilizam cinta de ginecomastia; 4,1% (4) usam preenchimento (meia, papel, etc) na região da genitália; 2,1% (2) apontaram outros acessórios como colete (figura 78).

Entre os entrevistados que fazem uso de Binder e amarrações, cerca de 32,6% (14) relataram que fazem uso do acessório até 12 horas por dia, 25,6% (11) usam até oito horas por dia, 7% (3) chegam a usar o dia inteiro, 7% (3) usam até 20 horas por dia, dentre as outras frequências sinalizadas na figura 79.

**Figura 78 | Faz ou já fez uso de algum dos acessórios listados?\* (%)**

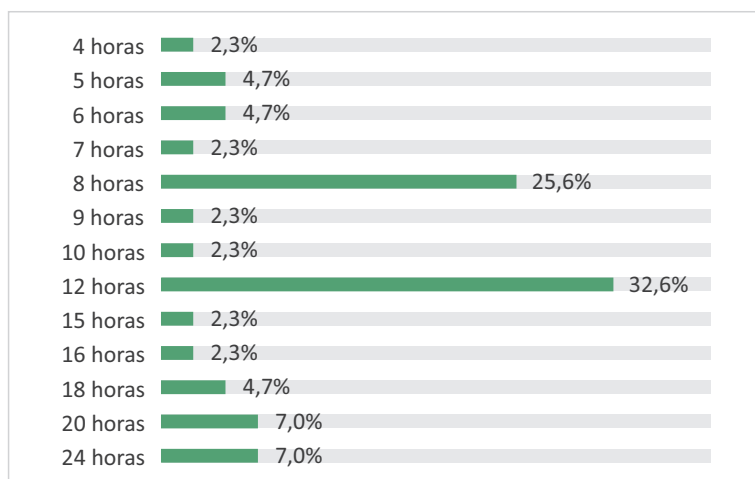


Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

**Figura 79 | Com que frequência usa/usava acessórios de amarrações (Binder)? Horas por dia (%)**

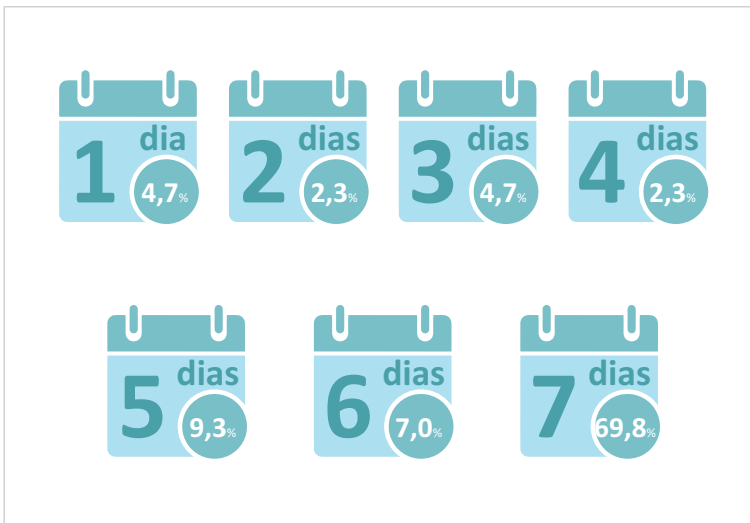


Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

<sup>23</sup> O Binder é um tecido usado pelos homens trans em volta do tronco na altura do peitoral para esconder as mamas, com o propósito de que não fiquem sobressalentes.

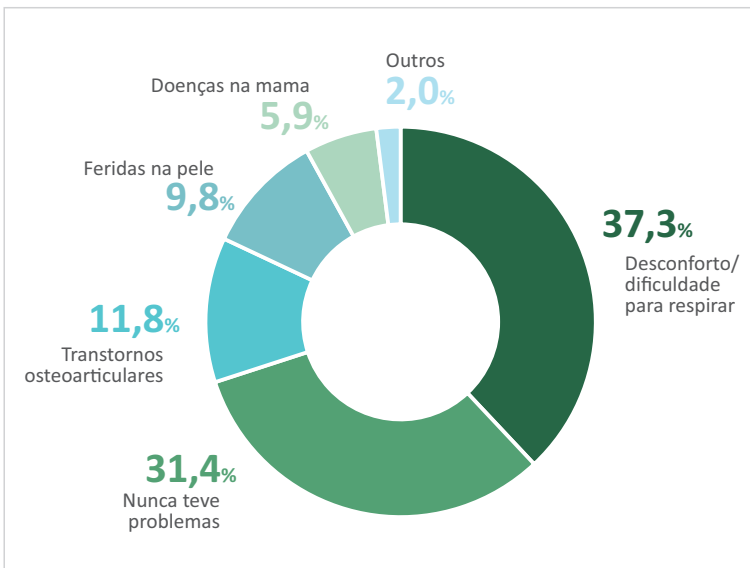
**Figura 80 | Com que frequência usa/usava acessórios de amarrações (Binder)? Dias por semana (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Ainda sobre os homens transexuais que fazem uso de Binder e amarrações, a maioria deles, 69,8% (30) fazem uso até 7 dias por semana do acessório (figura 80).

**Figura 81 | Tem/teve problemas de saúde causados pela utilização dos acessórios de amarração?\* (%)**



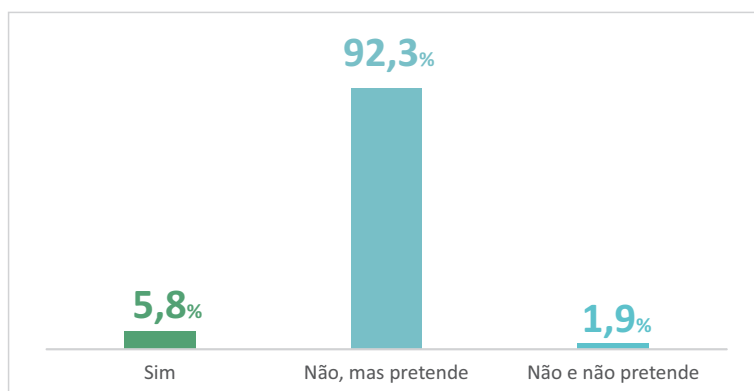
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Entre os homens transexuais entrevistados que fazem uso de amarrações e Binder, 37,3% (19) responderam sentir desconforto e dificuldade para respirar; 31,4% (16) nunca tiveram problemas de saúde ocasionados pela utilização do acessório; 11,8% das respostas foram categorizadas como transtornos osteoarticulares (dores nas costas e no tórax, inflamação na coluna, etc); 9,8% (5) relataram feridas na pele; 5,9% (3) relataram doenças na mama; 2,0% (1) apontaram outros problemas (figura 81).

A figura 82 mostra o percentual dos homens transexuais que já realizaram ou pretendem realizar retirada de mamas (mastectomia masculinizadora). Assim, 92,3% (48) responderam que não realizaram, mas pretendem; 5,8% (3) responderam já terem feito a mastectomia masculinizadora; 1,9% (1) respondeu não ter feito e não pretende.

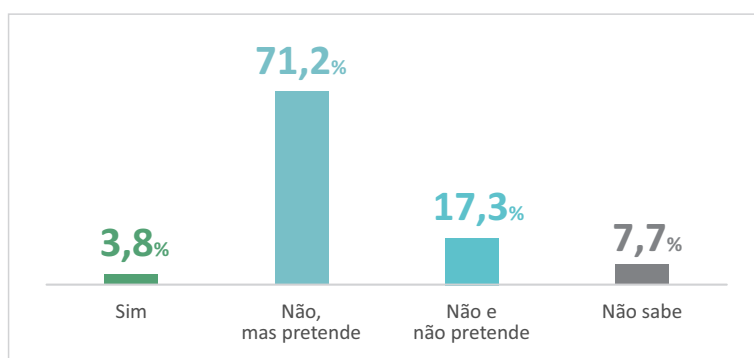
**Figura 82 | Já realizou ou pretende realizar o procedimento de retirada de mamas (Mastectomia masculinizadora)?**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 83 sinaliza que 71,2% (37) dos homens transexuais entrevistados não realizaram a retirada de útero e ovários, mas pretendem; 17,3% (9) responderam não terem feito e não pretendem fazer a cirurgia; 7,7% (4) não sabem e 3,8% (2) responderam já terem feito a retirada de útero e ovários.

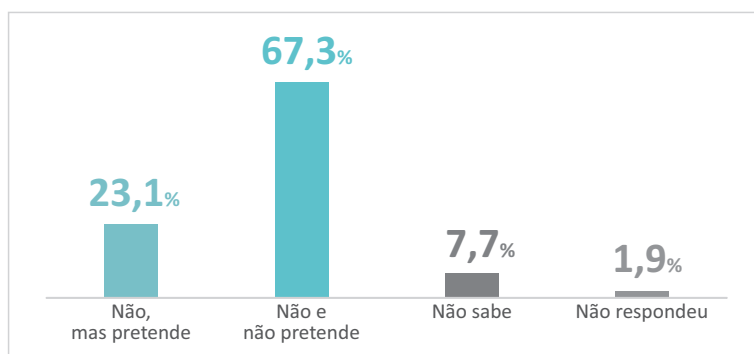
**Figura 83 | Já realizou ou pretende realizar a retirada de útero e ovários (Histerectomia)? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

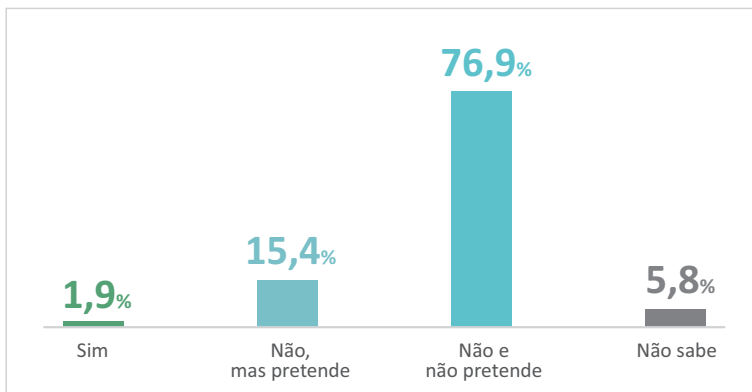
Em relação ao procedimento cirúrgico de aumento do clitóris (metoidioplastia), 67,3% (35) responderam que não fizeram e não pretendem fazer o procedimento; 23,1% (12) responderam que não fizeram, mas pretendem; 7,7% (4) não sabem; 1,9% (1) não respondeu (figura 84).

**Figura 84 | Já realizou ou pretende realizar aumento do clitóris (Metoidioplastia)?**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

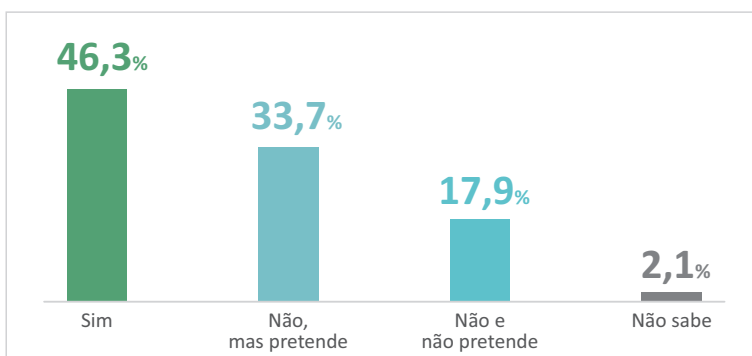
**Figura 85 | Já realizou ou pretende realizar construção peniana (Faloplastia)? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 85 mostra o percentual dos homens transexuais que já realizaram ou pretendem realizar a construção peniana (faloplastia). Logo, 76,9% (40) responderam não terem feito e não pretendem; 15,4% (8) responderam que não fizeram o procedimento, mas pretendem; 5,8% (3) não sabem e 1,9% (1) respondeu já ter feito a faloplastia.

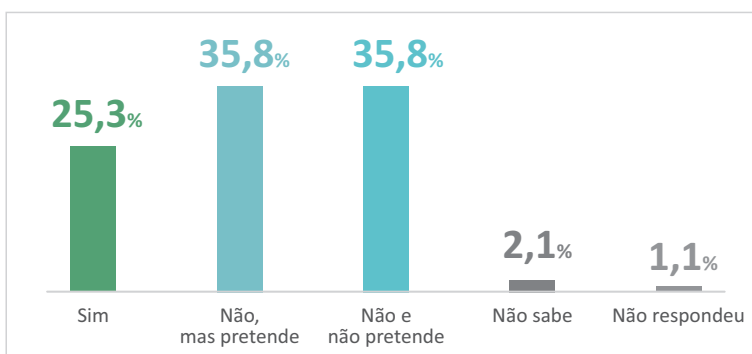
**Figura 86 | Já realizou ou pretende realizar implante de mamas (Mamoplastia)?**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 86 informa o percentual, entre as mulheres transexuais e as travestis, que já realizaram ou pretendem realizar implante de mamas (mamoplastia). Desse modo, 46,3% (44) responderam já terem feito a mamoplastia; 33,7% (32) responderam que não, mas pretendem; 17,9% (17) responderam não terem feito e não pretendem e 2,1% (2) não sabem.

**Figura 87 | Já realizou ou pretende realizar feminilização facial? (%)**

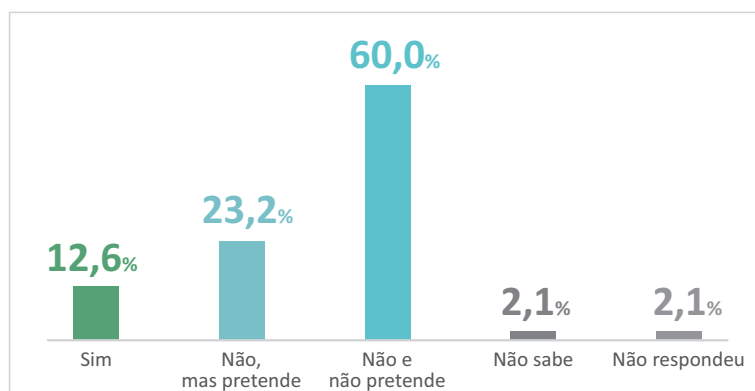


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 87 sinaliza o percentual de mulheres transexuais e travestis que já realizaram ou pretendem realizar a feminilização facial. Assim, 35,8% (34) responderam que não fizeram, mas pretendem; 35,8% (34) responderam não terem feito e não pretendem; 25,3% (24) disseram já terem feito a feminilização facial.

Em relação à retirada do pomo-de-Adão (condroplastia) entre as mulheres transexuais e as travestis, 60% (57) responderam que não fizeram e não pretendem fazer o procedimento; 23,2% (22) responderam que não, mas pretendem; 12,6% (12) responderam já terem feito a condroplastia; 2,1% (2) não sabem; 2,1% (2) não responderam (figura 88).

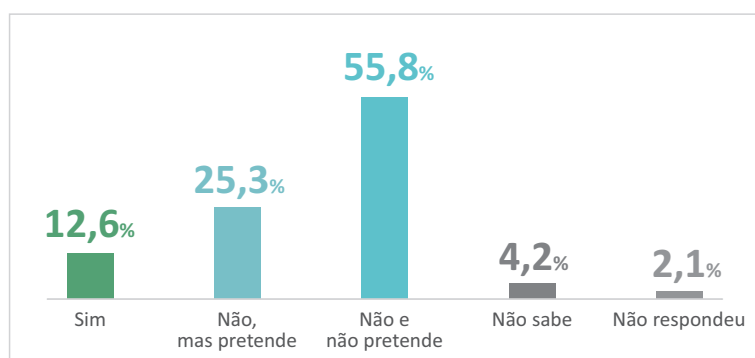
**Figura 88 | Já realizou ou pretende realizar a retirada do pomo-de-Adão (Condroplastia)?**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Quanto a realização da cirurgia para construção vaginal (neovaginoplastia), entre as mulheres transexuais e as travestis, 55,8% (53) responderam que não fizeram e não pretendem fazer a cirurgia; 25,3% (24) responderam que não, mas pretendem; 12,6% (12) responderam já terem feito a neovaginoplastia; 4,2% (4) não sabem; 2,1% (2) não responderam (figura 89).

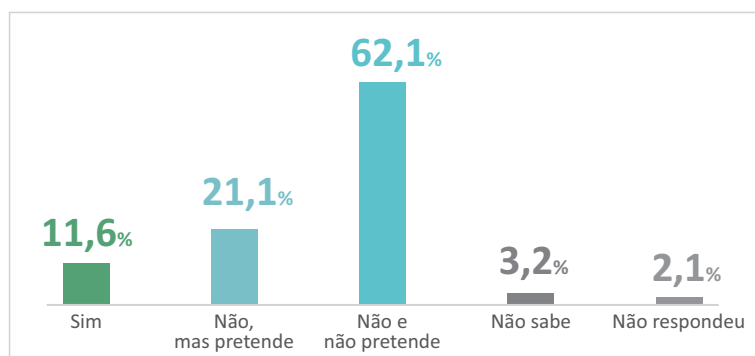
**Figura 89 | Já realizou ou pretende realizar cirurgia para construção vaginal (Neovaginoplastia)? (%)**



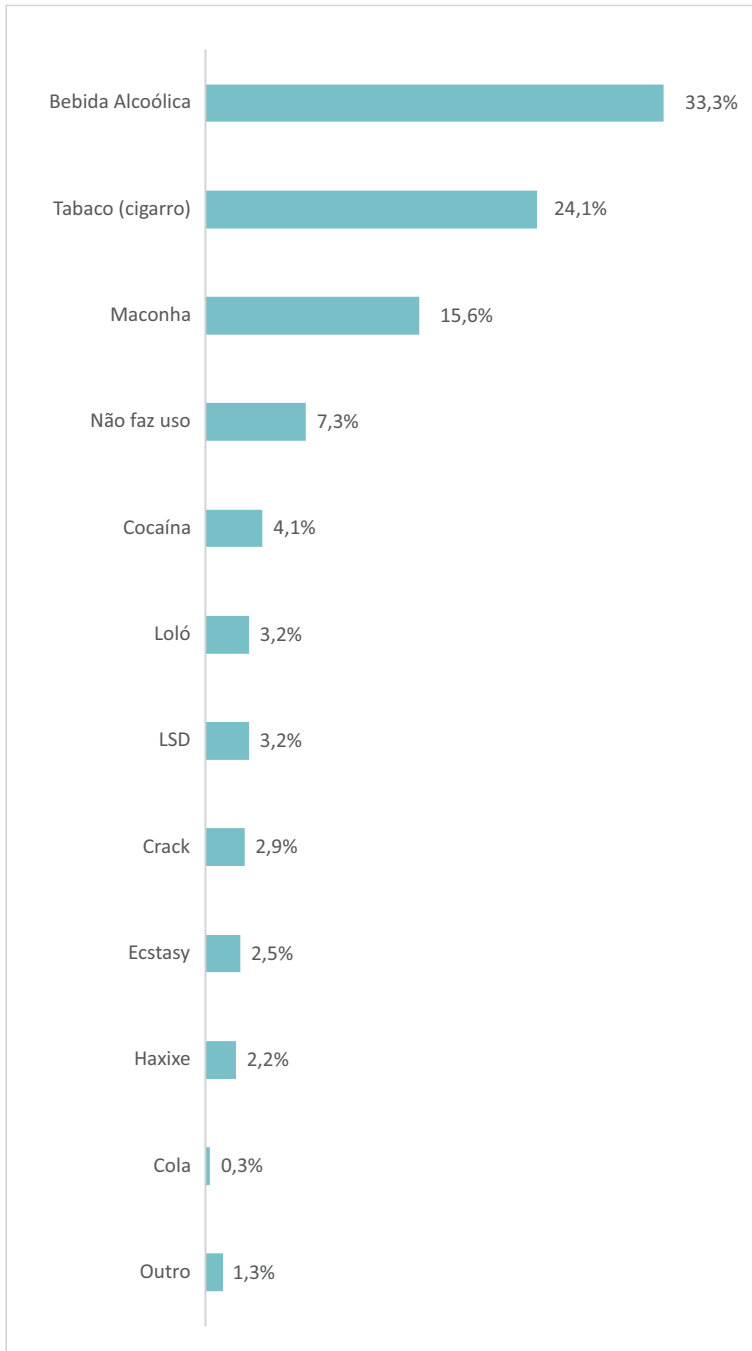
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 90 aponta o percentual de mulheres transexuais e travestis que já realizaram ou pretendem realizar a retirada dos testículos (orquiectomia) 62,1% (59) responderam não terem feito e não pretendem; 21,1% (20) responderam que não, mas pretendem; 11,6% (11) responderam já terem feito a orquiectomia; 3,2% (3) não sabem; 2,1% (2) não responderam.

**Figura 90 | Já realizou ou pretende realizar a retirada dos testículos (Orquiectomia)? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 91 | Faz uso de algum dos itens listados?\* (%)**


A figura 91 mostra o percentual das 315 respostas sobre uso de drogas lícitas e ilícitas da população participante da pesquisa: 33,3% (105) responderam consumir bebida alcoólica; 24,1% (76) relataram consumir tabaco (cigarro); 15,6% (49) fazem uso de maconha; 7,3% (23) não faz uso algum; 4,1% (13) consomem cocaína; 3,2% (10) responderam consumir loló; 3,2% (10) fazem uso de LSD; 2,9% (9) consomem crack; 2,5% (8) disseram consumir ecstasy; 2,2% (7) fazem uso de haxixe; 0,3% (1) consome cola e 1,3% (4) responderam consumir outros itens.

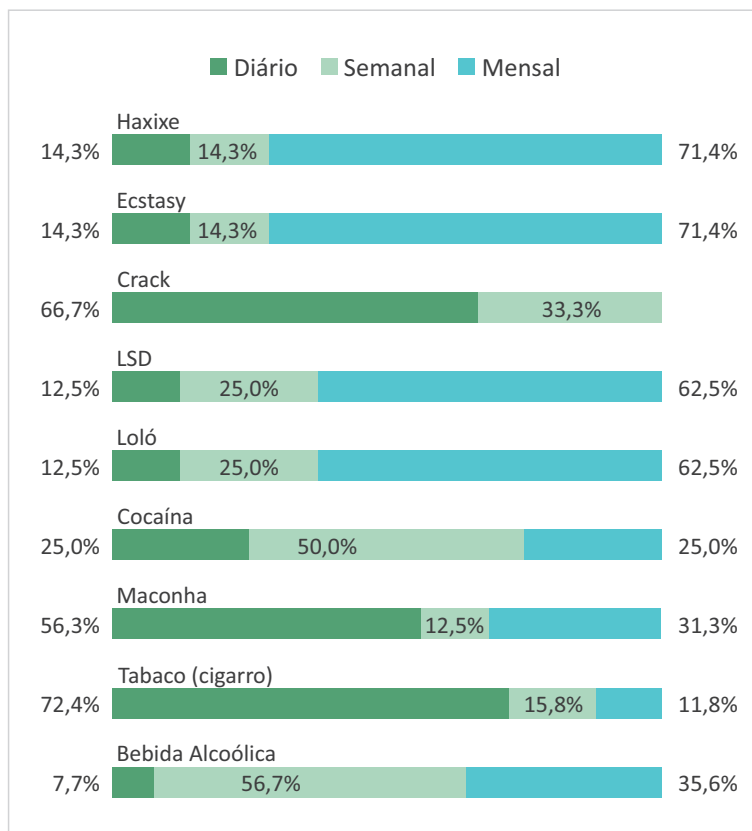
**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

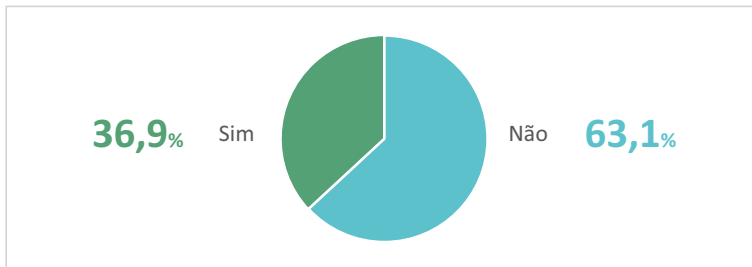
A figura 92 apresenta a frequência de uso das substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas listadas pelos(as) entrevistados(as). Dentre os(as) que afirmaram consumir bebida alcoólica, 104 pessoas indicaram a frequência de consumo: 56,7% (59) fazem uso semanal; 35,6% (37) usam mensalmente; 7,7% (8) fazem uso diário. Dos(as) 76 respondentes que consomem tabaco (cigarro), 72,4% (55) fazem uso diário; 15,8% (12) usam semanalmente; 11,8% (9) fazem uso mensal. Dentre as pessoas que fazem uso de maconha e que indicaram a frequência (48 respostas): 55,1% (27) usam diariamente; 30,6% (15) fazem uso mensal; 12,2% (6) usam semanalmente. Das 12 respostas relativas à frequência do uso de cocaína, 50% (6) usam semanalmente; 25% (3) fazem uso mensal; 25% (3) usam diariamente. Dos(as) 9 respondentes que fazem uso de crack, 66,7% (6) usam diariamente; 33,3% (3) usam semanalmente. Das 8 respostas relativas à frequência do uso de loló, 62,5% (5) usam mensalmente; 25% (2) usam semanalmente; 12,5% (1) faz uso diário. Dos(as) 7 respondentes que fazem uso de haxixe, 71,4% (5) usam mensalmente; 14,3% (1) usam semanalmente; 14,3% (1) fazem uso diário. Quanto à frequência do uso de LSD, 8 respostas foram registradas: 62,5% (5) usam mensalmente; 25% (2) usam semanalmente; 12,5% (1) faz uso diário. Em relação ao uso de ecstasy, das 7 respostas computadas :71,4% (5) usam mensalmente; 14,3% (1) usa semanalmente; 14,3% (1) faz uso diário. Apenas uma (01) das pessoas entrevistadas afirmou ser usuária de cola e o consumo indicado foi mensal. Dos(as) respondentes que consomem outros itens (03), apenas 2 indicaram a frequência do consumo, sendo essa mensal.

**Figura 92 | Com que frequência? (%)**



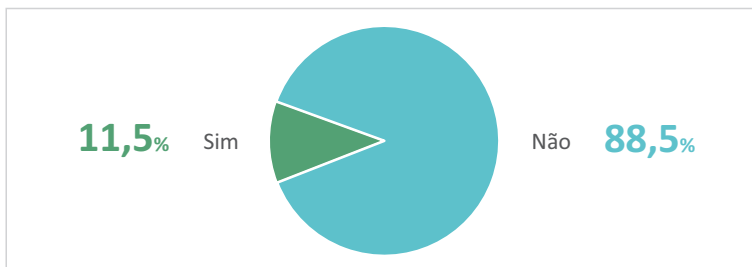
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 93 | Se considera dependente no uso de drogas e/ou outras substâncias? (%)**



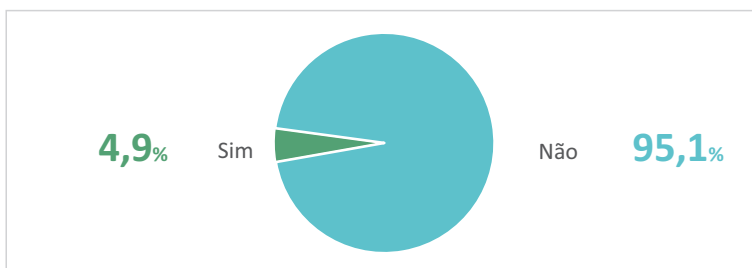
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 94 | Faz ou já fez acompanhamento para dependência de drogas ou outro vício? (%)**



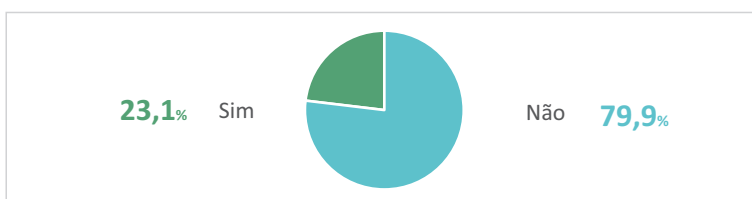
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 95 | Compartilha ou faz uso coletivo de acessórios como seringas, cachimbos e outros no consumo de substâncias? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 96 | Já recebeu diagnóstico de depressão por médico ou profissional de saúde? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre os(as) 122 entrevistados(as) que responderam que consomem drogas (lícitas ou ilícitas) e outras substâncias, 63,1% (77) relataram não se considerar dependente no uso. Por outro lado, 36,9% (45) responderam que se consideram dependentes (figura 93).

Entre os(as) usuários(as) de drogas (lícitas ou ilícitas), 88,5% (108) nunca fizeram acompanhamento para dependência de drogas ou outro vício enquanto 11,5% (14) já tiveram algum acompanhamento (figura 94).

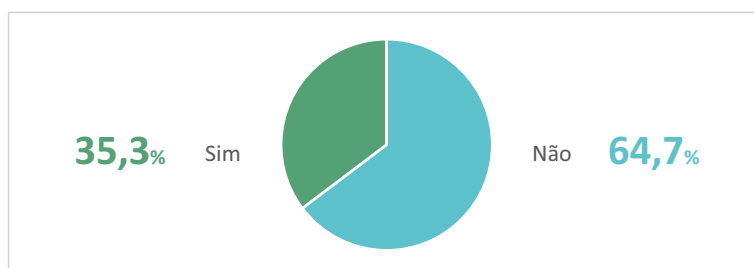
Dos(as) 122 respondentes que consomem drogas (lícitas ou ilícitas), 95,1% (116) não compartilham ou fazem uso coletivo de acessórios como seringas, cachimbos e outros itens no consumo de substâncias e 4,9% (6) responderam que compartilham acessórios (figura 95).

Do total de 147 entrevistados(as), 76,9% (113) responderam nunca ter recebido um diagnóstico de depressão e 23,1% (34) responderam que sim (figura 96).



Entre os 34 sujeitos da pesquisa que já receberam diagnóstico de depressão por médico ou profissional de saúde, 64,7% (22) não fazem acompanhamento para tratamento psiquiátrico enquanto 35,3% (12) responderam já ter realizado (figura 97).

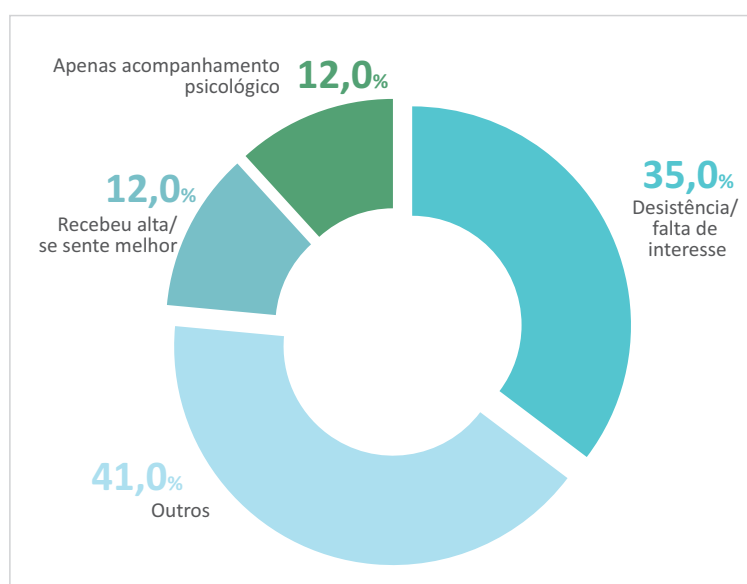
**Figura 97 | Faz acompanhamento para tratamento psiquiátrico? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 98 apresenta os motivos para a não realização do acompanhamento psiquiátrico. Dentre as 22 pessoas que não fazem acompanhamento para tratamento psiquiátrico, os motivos sinalizados foram: 41% (7) indicaram “outros”, ou seja, motivos com um grau de diversificação que não permitiu uma categorização, incluindo respostas como falta de tempo ou não poder pagar, ou ainda, a demora para ser atendida; 35% (6) correspondem a desistência/falta de interesse; 12% (2) receberam alta/se sentem melhor e 12% (2) fazem acompanhamento psicológico.

**Figura 98 | Se não, por quê?\* (%)**

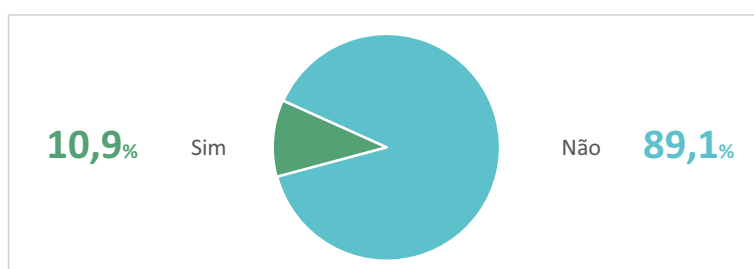


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar sua resposta, incluída posteriormente em uma categorização. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 99 sinaliza que 89,1% (131) das pessoas participantes da pesquisa não fazem uso de remédios psiquiátricos sem prescrição médica. Por outro lado, 10,9% (16) assinalaram fazer o uso de medicamentos psiquiátricos sem prescrição médica.

**Figura 99 | Faz uso de remédios psiquiátricos sem prescrição médica? (%)**



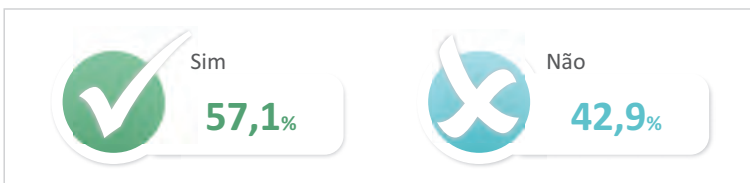
**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 100 | Foi em algum momento internada(o) a força (compulsoriamente) em clínica psiquiátrica? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 101 | Já teve pensamento suicida? (%)**



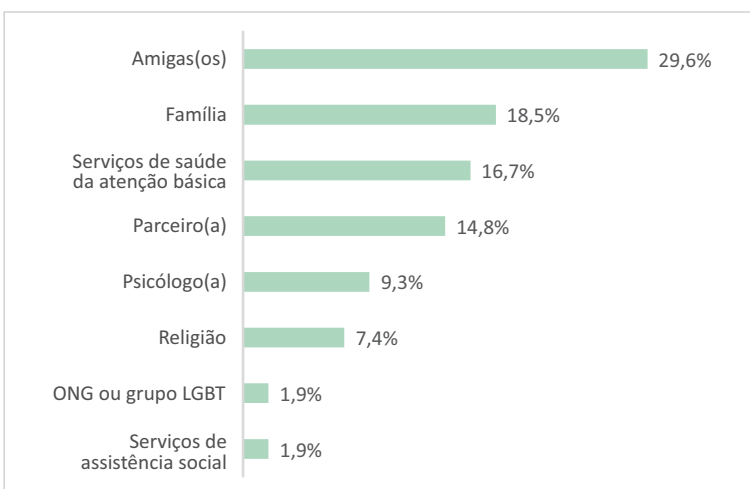
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 102 | Na ocasião do pensamento suicida buscou ajuda? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 103 | De quem buscou ajuda na ocasião?\* (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Perguntados(as) se em algum momento foram internados(as) compulsoriamente (à força) em clínica psiquiátrica, 98% (144) dos(as) entrevistados(as) responderam que não e 1,4% (2) respondeu já ter sido internado(a) à força em clínica psiquiátrica (figura 100).

A maioria (57,1% - 84) das pessoas entrevistadas, responderam que já tiveram pensamento suicida enquanto 42,9% (63) responderam que não (figura 101).

Dos(as) respondentes que já tiveram pensamento suicida, 58,3% (49) não buscaram ajuda na ocasião e 41,7% (35) afirmaram ter buscado ajuda (figura 102).

A figura 103 informa o percentual de respostas referentes a quem os(as) entrevistados(as), que já tiveram pensamento suicida, buscaram ajuda na ocasião: 29,6% (16) buscaram ajuda de amigos(as); 18,5% (10) procuraram ajuda na família; 16,7% (9) procuraram ajuda nos serviços de saúde da atenção básica; 14,8% (8) buscaram ajuda do(a) parceiro(a); 9,3% (5) buscaram ajuda com psicólogos(as); 7,4% (4) procuraram a religião para ajuda; 1,9% (1) buscou ONG ou grupo LGBT; 1,9% (1) buscou serviços de assistência social.

Dos(as) entrevistados(as) que já tiveram pensamento suicida (84), 52,4% (44) já tentaram o suicídio. Em contrapartida, 46,4% (39) responderam nunca ter tentado suicídio (figura 104).

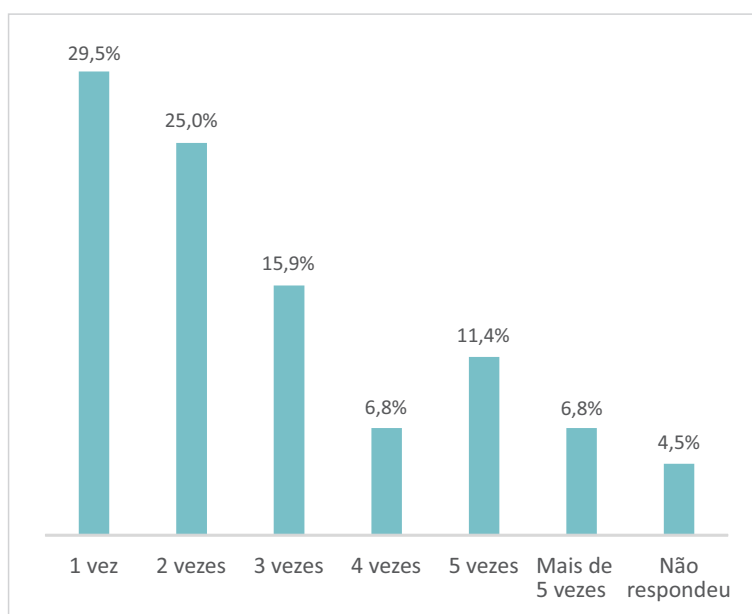
**Figura 104 | Já tentou suicídio? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dos(as) entrevistados(as) que já tentaram suicídio, 29,5% (13) possuem o histórico de uma tentativa; 25% (11) tiveram duas tentativas de suicídio; 15,9% (7) tentaram suicídio por três vezes; 6,8% (3) tiveram quatro tentativas de suicídio; 11,4% (5) tentaram suicídio por cinco vezes; 6,8% (3) tentaram mais de cinco vezes e 4,5% (2) não responderam (figura 105).

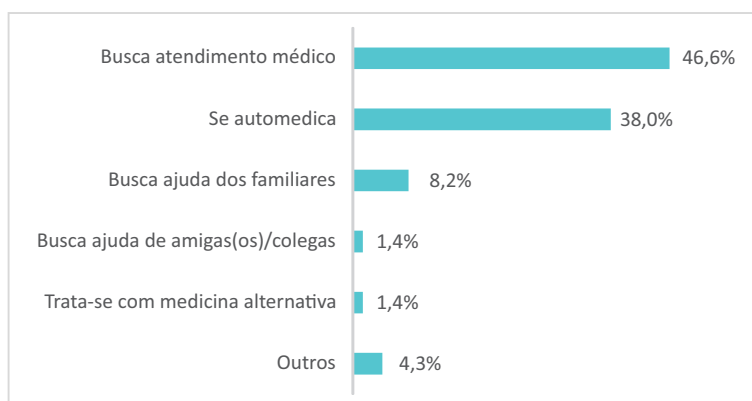
**Figura 105 | Quantas vezes? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 106 apresenta a atitude tomada pelos(as) entrevistados(as) quando estão doentes. Das 208 respostas, 46,6% (97) sinalizam busca por atendimento médico; 38% (79) se automedicam; 8,2% (17) busca ajuda dos familiares; 1,4% (3) busca ajuda de amigas(as)/colegas; 1,4% (3) tratam com medicina alternativa; 4,3% (9) apresentaram outras atitudes diversas (entre as respostas, buscar ajuda na religião ou não fazem nada).

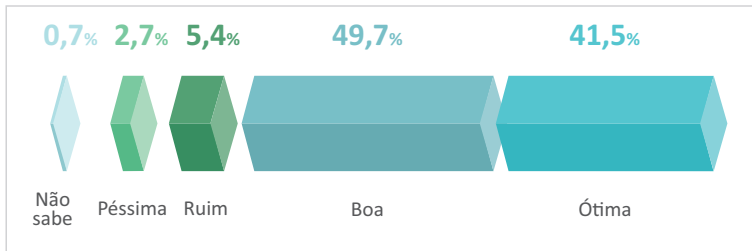
**Figura 106 | Quando doente, você tem qual atitude?\* (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

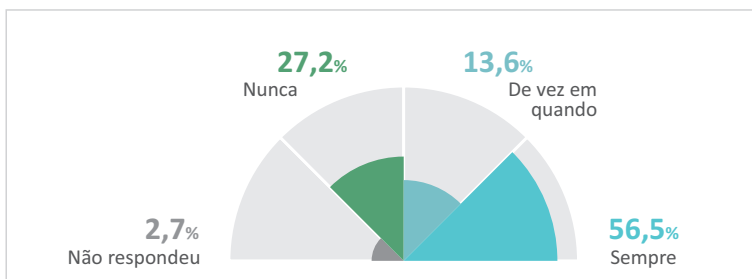
**Figura 107 | De acordo com sua percepção, você considera sua saúde (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 107 indica a percepção dos(as) entrevistados(as) sobre sua saúde. Nesse sentido, 41,5% (61) consideram sua saúde ótima; 49,7% (73) a consideram boa; 5,4% (8) consideram sua saúde ruim e 2,7% (4) a consideram péssima.

**Figura 108 | Costuma usar preservativos nas relações sexuais? (%)**

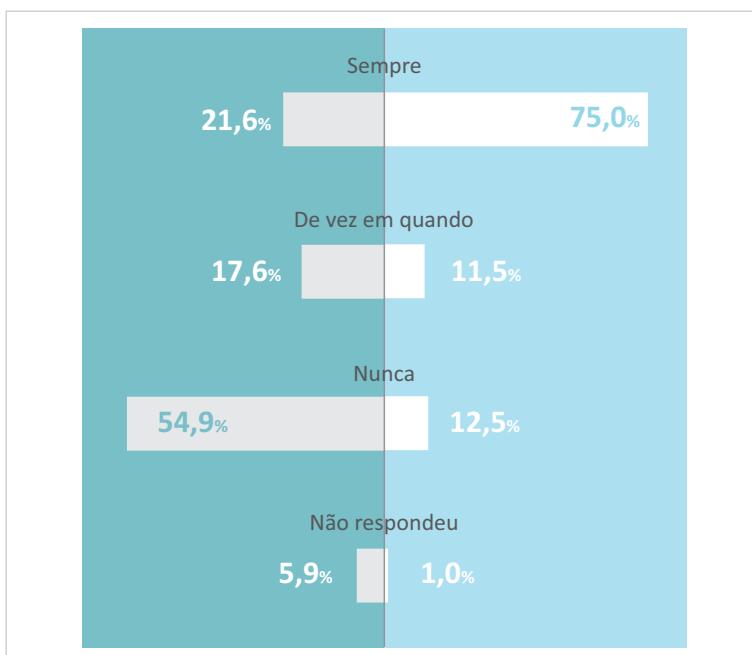


Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Do total de 147 entrevistados (as), 56,5% (83) responderam que sempre usam preservativos nas relações sexuais; 27,2% (40) responderam nunca usar; 13,6% (20) responderam que usam preservativo de vez em quando e 2,7% (4) não responderam (figura 108).

**Figura 109 | Costuma usar preservativos nas relações sexuais? Homens Trans (%)**

**Figura 110 | Costuma usar preservativos nas relações sexuais? Mulheres Trans e Travestis (%)**



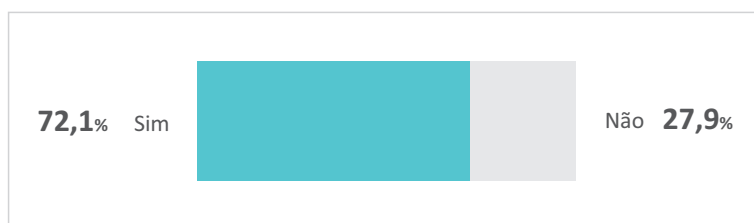
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A análise do uso de preservativo por gênero do entrevistado revela diferenças significativas. Do total de 51 homens trans entrevistados, 54,9% (28) responderam nunca usar preservativos nas relações sexuais; 21,6% (11) responderam sempre usar; 17,6% (9) costumam usar preservativos de vez em quando e 5,9% (3) não responderam (figura 109).

Por outro lado, do total de 96 mulheres trans e travestis entrevistadas, 75% (72) responderam sempre usar preservativos nas relações sexuais; 12,5% (12) responderam nunca usar; 11,5% (11) costumam usar preservativos de vez em quando e 1% (1) não respondeu (figura 110).

De acordo com a figura 111, 72,1% (106) dos(as) entrevistados(as) responderam ter realizado o exame de HIV/ISTs nos últimos 12 meses e 27,9% (41) responderam que não fizeram o exame.

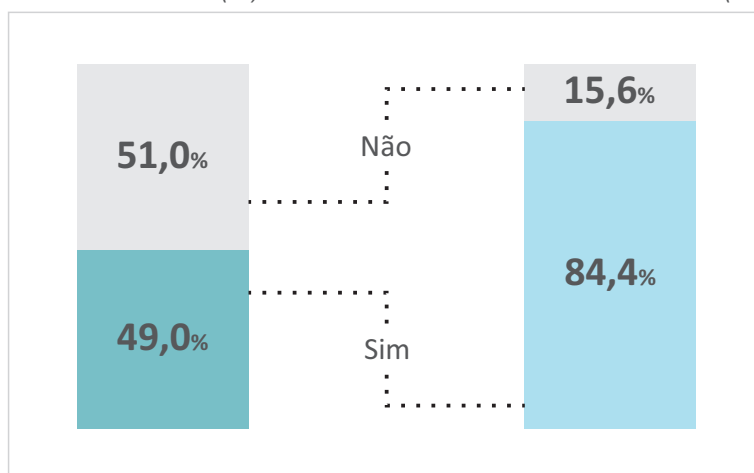
**Figura 111 | Realizou exame de HIV/ISTs (antiga DSTs) nos últimos 12 meses? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A análise acerca da realização de exame de HIV/IST's, a partir do recorte de gênero, também assinala diferenças significativas. Do total de 51 homens trans entrevistados, 51% (26) responderam não ter realizado o exame de HIV/ISTs nos últimos 12 meses e 49% (25) responderam que sim (figura 112).

**Figura 112 | Realizou exame de HIV/ISTs nos últimos 12 meses? Homens Trans (%)**



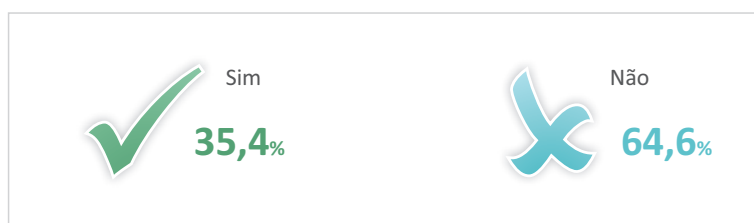
**Figura 113 | Realizou exame de HIV/ISTs nos últimos 12 meses? Mulheres Trans e Travestis (%)**

Enquanto dentre as 96 mulheres trans e travestis entrevistadas, 84,4% (81) responderam ter realizado o exame de HIV/ISTs nos últimos 12 meses e 15,6% (15) responderam que não realizaram o exame (figura 113).

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Da população entrevistada, 64,6% (95) não conhecem a profilaxia pós exposição (PEP) às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e 35,4% (52) disseram conhecer a PEP (figura 114).

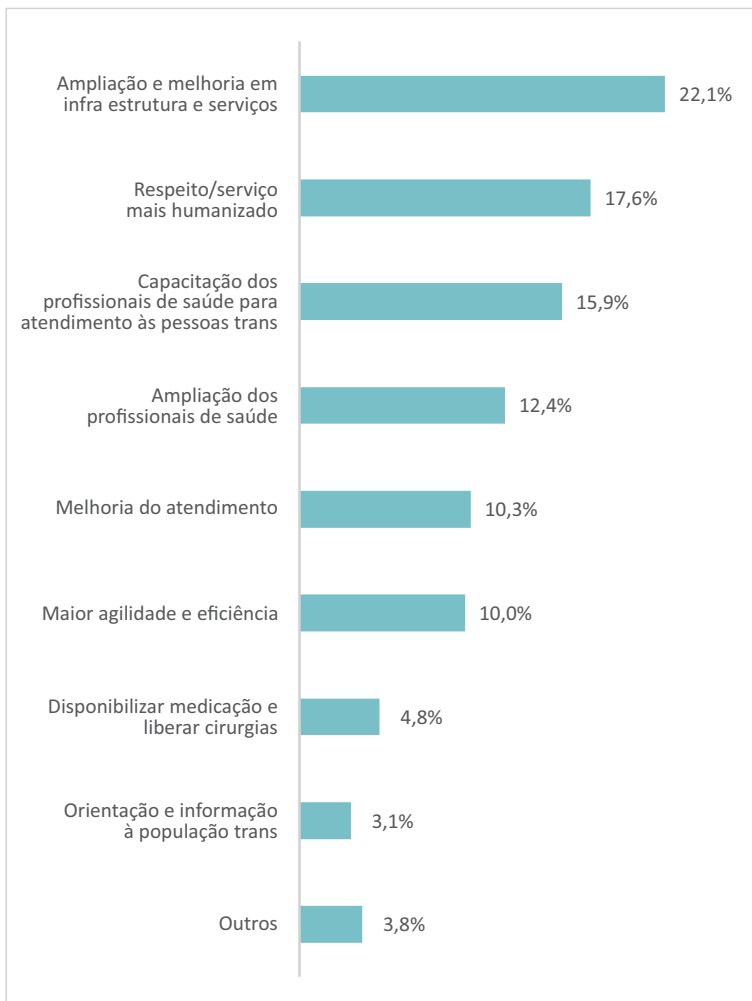
**Figura 114 | Conhece a Profilaxia Pós Exposição à ISTs (PEP<sup>24</sup>)? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

<sup>24</sup> A PEP é uma medida de prevenção à infecção pelo HIV que consiste no uso de medicação em até 72 horas após qualquer situação em que exista risco de contato com o HIV, tais como violência sexual, relação sexual desprotegida (sem o uso de camisinha ou com rompimento da camisinha) ou acidente ocupacional (com instrumentos perfurocortantes ou contato direto com material biológico). Acessado em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/pep-profilaxia-pos-exposicao-ao-hiv>

**Figura 115 | Cite até três coisas importantes para melhorar os serviços de atendimento à saúde\* (%):**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar até três respostas que foram categorizadas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 115 aponta as mudanças que os(as) entrevistados(as) consideram importantes para melhoria dos serviços de atendimento à saúde. Face ao caráter aberto dessa pergunta, as respostas obtidas foram agrupadas formando categorias, conforme descrito na metodologia deste relatório. Cada entrevistado(a) poderia indicar até três respostas. Nesse sentido, do total de resposta obtidas (290), 22,1% (64) indicaram ampliação e melhoria em infraestrutura e serviços; 17,6% (51) sinalizaram respeito/serviço mais humanizado; 15,9% (46) a capacitação dos profissionais de saúde para atendimento às pessoas trans; 12,4% (36) a ampliação dos profissionais de saúde; 10,3% (30) apontaram a melhoria do atendimento; 10% (29) indicaram maior agilidade e eficiência; 4,8% (14) pontuaram disponibilizar medicação e liberar cirurgias; 3,1% (9) indicaram orientação e informação à população trans; 3,8% (11) apontaram outras sugestões, como ter travestis e pessoas trans entre o quadro de profissionais do SUS.

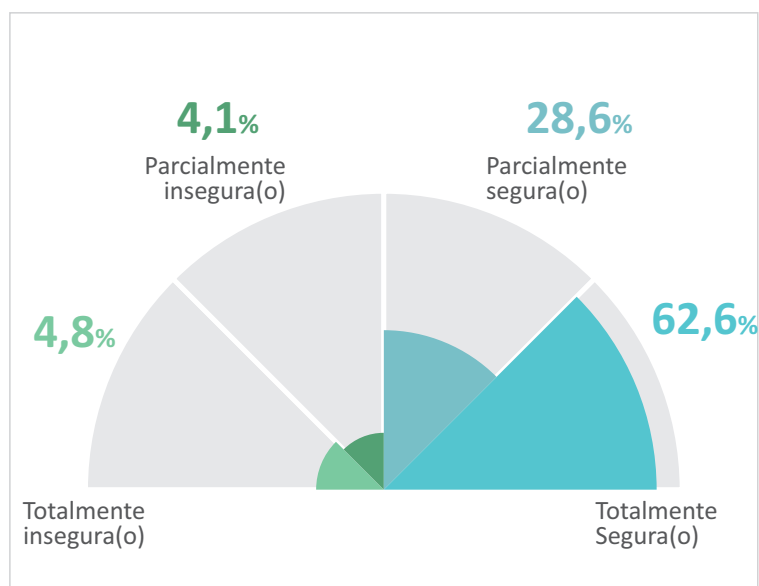
## 5.7 Segurança

Esta subseção aborda questões sobre violências e segurança. De forma resumida, as perguntas buscam captar o grau de escala em que o(a) entrevistado(a) se sente seguro em seu domicílio, bairro ou cidade; o grau de escala em que considera arriscado sofrer agressão física, verbal ou sexual causada pela transfobia; se o(a) entrevistado(a) já sofreu algum tipo de violência, onde ocorreu e quem foi o agressor; se já teve alguma pessoa próxima assassinada em decorrência de transfobia; se já sofreu alguma violência em abordagem policial; coisas importantes para melhorar os serviços de segurança, dentre outras questões.

As perguntas iniciais (figuras 115 a 121) buscam captar, a partir de escalas<sup>25</sup>, a percepção de segurança e de risco dos(as) entrevistados(as). Embora a percepção dos indivíduos seja uma dimensão subjetiva, ela tende a refletir, de forma agregada, aspectos significativos da realidade objetiva vivenciada pelos(as) entrevistados(as), sendo um indicador importante nas análises sobre o tema de segurança.

A figura 116 apresenta em escala o quanto o/a entrevistado(a) se sente seguro(a) em seu domicílio. Logo, 62,6% (92) se sentem totalmente seguros(as); 28,6% (42) responderam se sentir parcialmente seguros(as); 4,1% (6) se sentem parcialmente inseguros(as) e 4,8% (7) responderam se sentir totalmente inseguros(as).

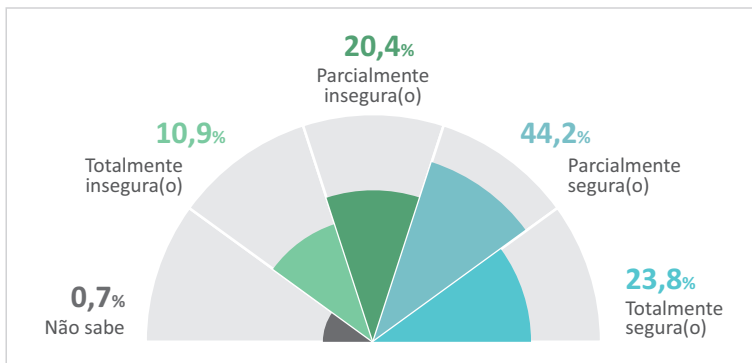
**Figura 116 |** Em uma escala, quanto se sente segura(o):  
Em seu domicílio (%)



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

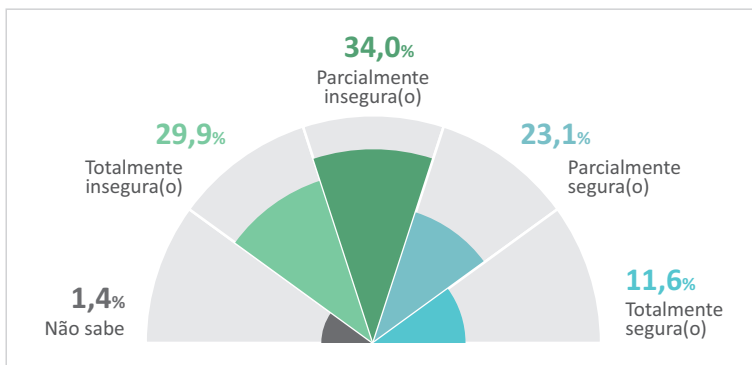
<sup>25</sup> As escalas criadas para aplicação nesta pesquisa são livremente baseadas na escala de Likert, que em uma explicação prática, é uma escala simples que recorre a um enunciado para que o entrevistado manifeste sua opinião, geralmente em um cenário de concordância ou discordância possíveis seguindo uma graduação (GIL, 1999). O propósito metodológico é o de agregar enunciados e graduações para captar percepções de segurança e risco em diferentes espaços e lugares da rotina dos entrevistados.

**Figura 117 | Em uma escala, quanto se sente segura(o):**  
No bairro onde mora (%)



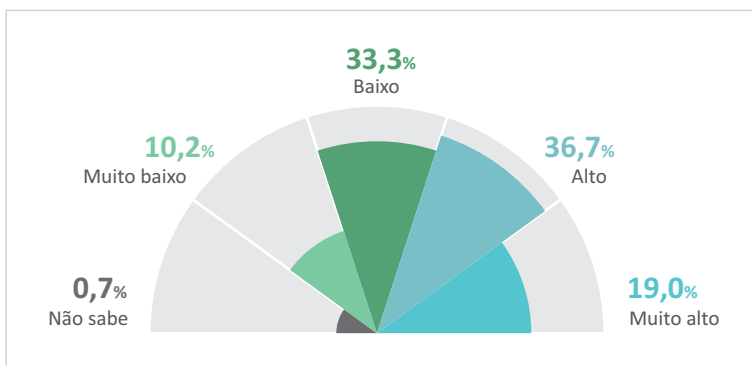
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 118 | Em uma escala, quanto se sente segura(o):**  
Na cidade onde mora (%)



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 119 | Em uma escala, considera o risco de: Sofrer**  
agressão física motivada por transfobia na cidade onde mora (%)



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Quanto à percepção de segurança no bairro onde o(a) entrevistado(a) mora, a figura 117 apresenta os dados obtidos: 23,8% (35) se sentem totalmente seguros(as); 44,2% (65) responderam se sentir parcialmente seguros(as); 20,4% (30) se sentem parcialmente inseguros(as); 10,9% (16) responderam se sentir totalmente inseguros(as) e 0,7% (1) não sabe.

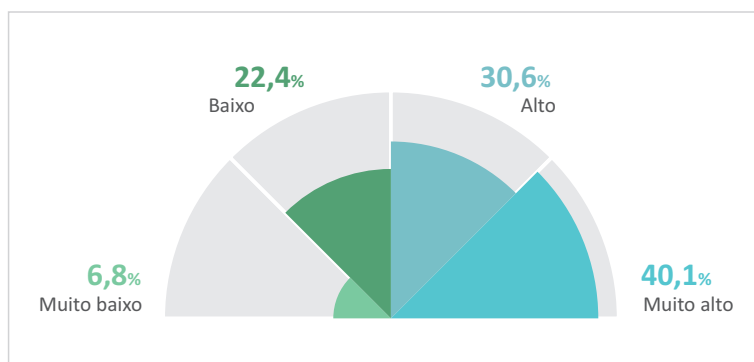
A figura 118 apresenta em escala o quanto o(a) entrevistado(a) se sente seguro(a) na cidade onde mora: 11,6% (17) se sentem totalmente seguros(as); 23,1% (34) responderam se sentir parcialmente seguro(a); 34% (50) se sentem parcialmente inseguro(a); 29,9% (44) responderam se sentir totalmente inseguro(a) e 1,4% (2) não sabe.

Quanto à percepção do risco de agressão física motivada por transfobia na cidade onde mora, a figura 119 informa que 19% (28) dos(as) entrevistados(as) responderam considerar o risco muito alto; 36,7% (54) consideram o risco alto; 33,3% (49) consideram o risco baixo; 10,2% (15) responderam ser o risco muito baixo e 0,7% (1) não sabe.



A figura 120 apresenta em escala a percepção do risco de sofrer agressão verbal motivada por transfobia na cidade onde mora. Os dados apontam que 40,1% (59) dos(as) entrevistados(as) responderam considerar o risco muito alto; 30,6% (45) consideraram o risco alto; 22,4% (33) consideraram o risco baixo e 6,8% (10) responderam ser o risco muito baixo.

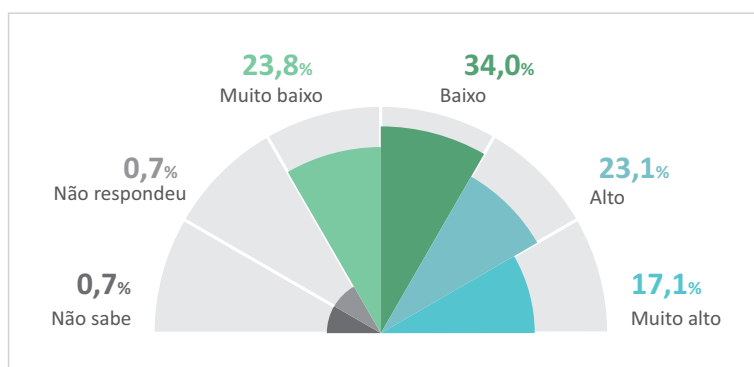
**Figura 120 |** Em uma escala, considera o risco de: Sofrer agressão verbal motivada por transfobia na cidade onde mora (%)



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Em relação à percepção do risco de sofrer agressão sexual motivada por transfobia na cidade onde mora, a figura 121 indica que 17,1% (26) dos(as) entrevistados(as) responderam considerar o risco muito alto; 23,1% (34) consideram o risco alto; 34,0% (50) consideram o risco baixo; 23,8% (35) responderam ser o risco muito baixo; 0,7% (1) não sabe e 0,7% (1) não respondeu.

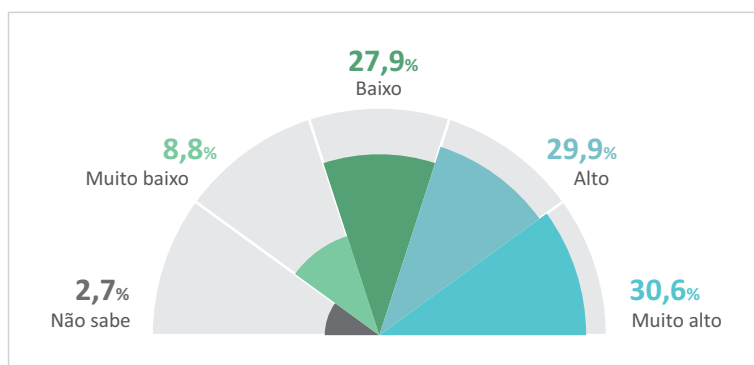
**Figura 121 |** Em uma escala, considera o risco de: Sofrer agressão sexual motivada por transfobia na cidade onde mora (%)



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

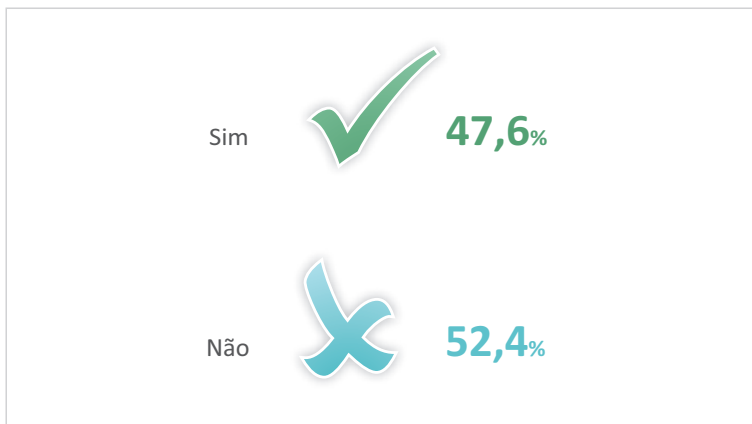
A figura 122 apresenta em escala a percepção do risco de ser assassinado(a) por motivação transfóbica na cidade onde mora. Os resultados sinalizam que 30,6% (45) dos/das entrevistados(as) responderam considerar o risco muito alto; 29,9% (44) consideram o risco alto; 27,9% (41) consideram o risco baixo; 8,8% (13) responderam ser o risco muito baixo e 2,7% (4) não sabem.

**Figura 122 |** Em uma escala, considera o risco de: Ser assassinado(o) por motivação transfóbica na cidade onde mora (%)



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 123 | Já foi vítima de violência em outros espaços não citados anteriormente?\* (%)**



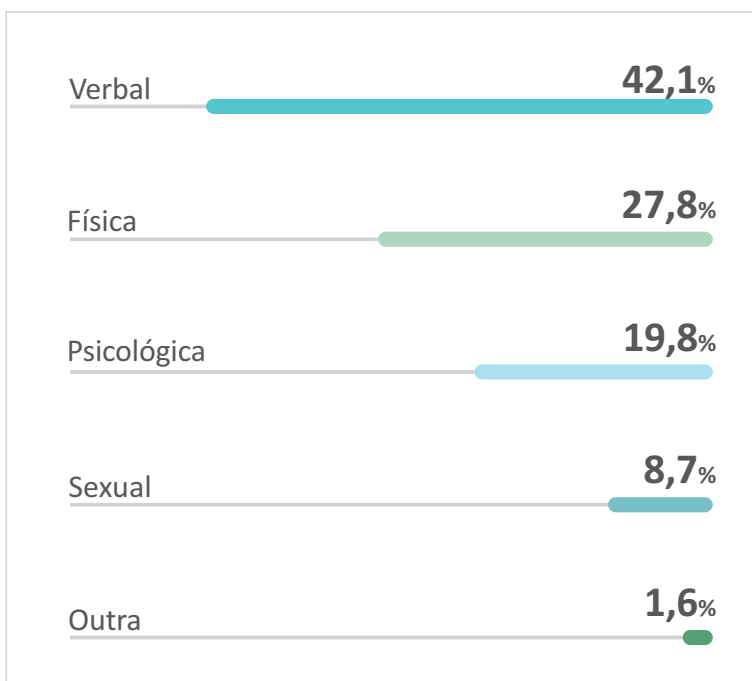
**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Os espaços citados anteriormente aqui considerados são os citados nas questões de blocos anteriores que abordaram a violência sofrida na escola, família, trabalho e serviços de saúde.

A figura 123 indica que 47,6% (70) dos sujeitos desse estudo responderam já terem sido vítimas de violência em outros espaços não citados anteriormente (para além de escola, família, trabalho e serviços de saúde) e 52,4% (77) responderam não ter sofrido violência para além dos já citados anteriormente.

**Figura 124 | De qual tipo de violência?\* (%)**



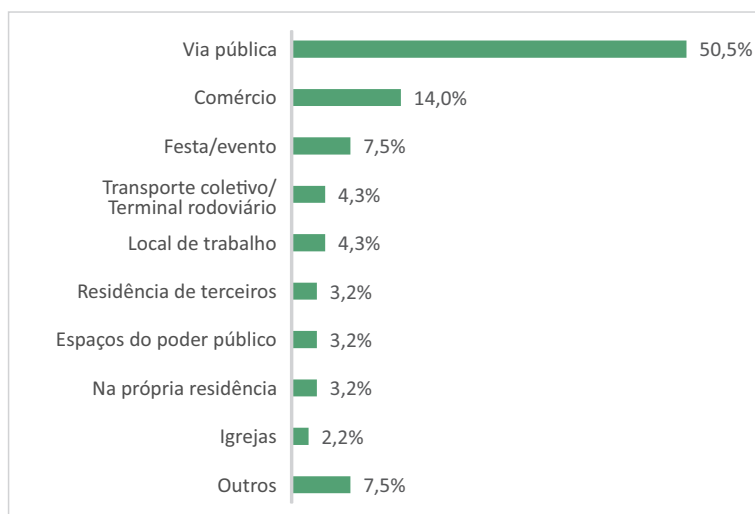
**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Os(as) entrevistados(as) que afirmaram já ter sofrido violência em outros espaços não citados anteriormente, foram indagados(as) sobre quais tipos de violência. A figura 124 sinaliza as respostas obtidas: 42,1% (53) violência verbal; 27,8% (35) a violência física; 19,8% (25) a violência psicológica; 8,7% (11) violência sexual; 1,6% (2) outras violências.

**Figura 125 | Onde ocorreram as agressões?\* (%)**



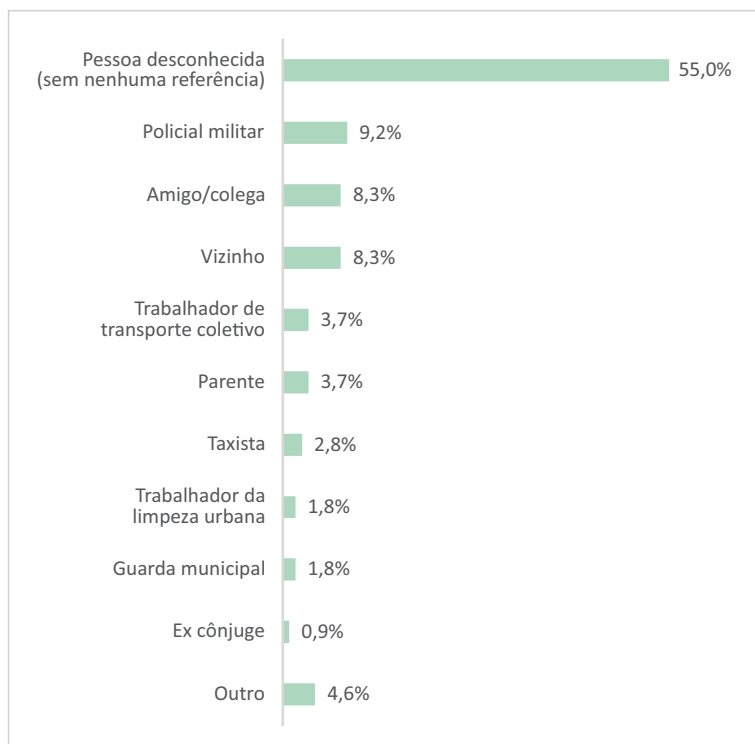
**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

No que concerne aos locais onde ocorreram as agressões referidas na pergunta anterior (figura 124), as respostas obtidas foram: 50,5% (47) via pública; 14% (13) comércio; 7,5% (7) festa/evento; 4,3% (4) transporte coletivo/terminal rodoviário; 4,3% (4) local de trabalho; 3,2% (3) residência de terceiros; 3,2% (3) espaços do poder público (tais como delegacia, unidade prisional e câmara municipal); 3,2% (3) na própria residência; 2,2% (2) igrejas; 7,5% (7) outros locais (entre os quais, academia, praia e aeroporto) (figura 125).

**Figura 126 | Quem foram os agressores?\* (%)**



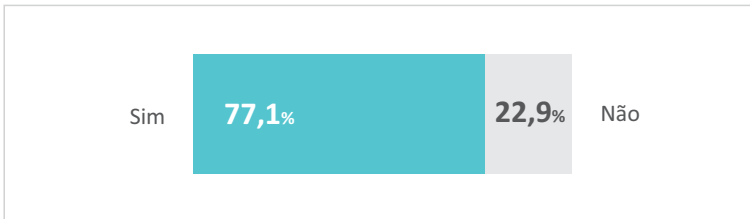
**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Ainda em relação ao grupo que afirmou ter sofrido agressões em outros espaços não mapeados anteriormente, foi perguntado quem foram os agressores. A pergunta admitia múltiplas respostas e foram computadas ao todo 109 respostas. A figura 126 apresenta os resultados obtidos: 55% (60) foram agredidos(as) por pessoa desconhecida (sem nenhuma referência); 9,2% (10) por policial militar; 8,3% (9) amigo/colega; 8,3% (9) vizinho; 3,7% (4) trabalhador de transporte coletivo; 3,7% (4) parente; 2,8% (3) taxista; 1,8% (2) trabalhador da limpeza urbana; 1,8% (2) guarda municipal; 0,9% (1) ex cônjuge; 4,6% (5) responderam outros, tais como detento e pastor.

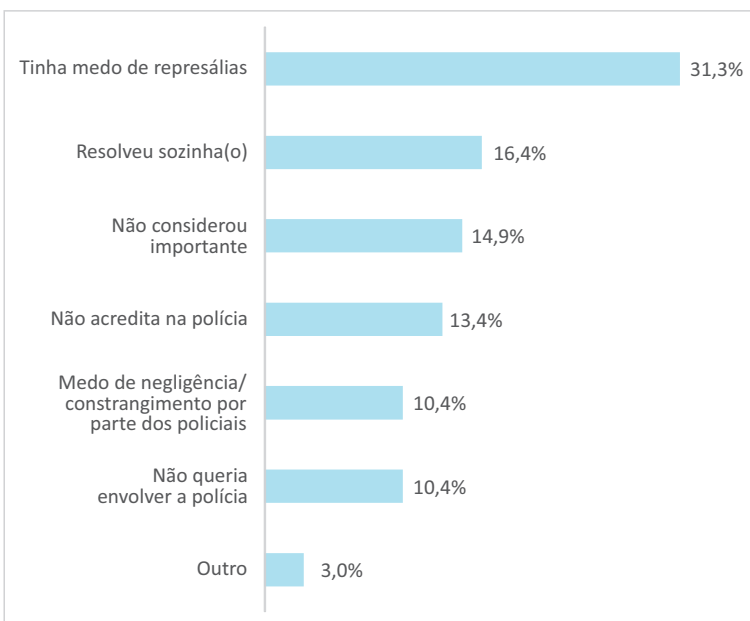
**Figura 127 | Na maioria dos casos, procurou a polícia? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre os(as) entrevistados(as) que sofreram agressão, 77,1% (54) não procuraram a polícia na ocasião e 22,9% (16) responderam ter procurado a polícia (figura 127).

**Figura 128 | Por que não procurou a polícia?\*(%)**

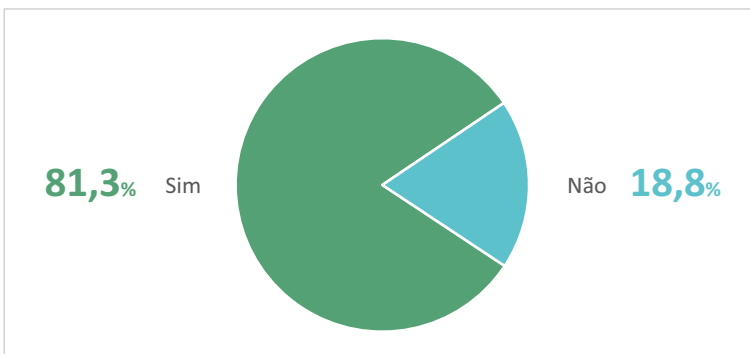


**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A figura 128 sinaliza as respostas referentes aos motivos pelos quais as pessoas entrevistadas que foram agredidas não procuraram a polícia: 31,3% (21) tinham medo de represálias; 16,4% (11) disseram resolver sozinho(a); 14,9% (10) não considerou o fato importante na ocasião; 13,4% (9) disseram não acreditar na polícia; 10,4% (7) responderam o medo de negligência/constrangimento por parte dos policiais como causa; 10,4% (7) não queriam envolver a polícia; 3% (2) apontaram outros motivos.

**Figura 129 | Na maioria dos casos, registrou boletins de ocorrência? (%)**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre as pessoas entrevistadas que procuraram a polícia, 81,3% (13) registraram boletim de ocorrência; 18,8% (3) não registraram boletim de ocorrência na ocasião em que foram agredidas (figura 129).

As principais causas apontadas para não se fazer o registro foram: tinha medo de represálias (1); não acredita na polícia (1); policial não quis fazer o registro (1).

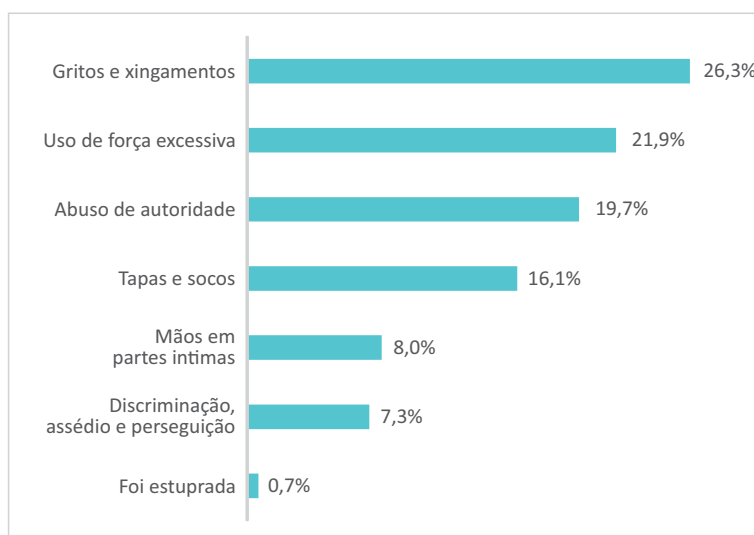
**Figura 130 | Já passou por situação de violência especificamente em abordagem policial? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 130 informa que, entre a população entrevistada, 64,6% (95) afirmaram não ter passado por situação de violência em uma abordagem policial; enquanto 34,7% (51) responderam já ter passado e 0,7% (1) não respondeu.

**Figura 131 | Qual tipo de violência?\* (%)**

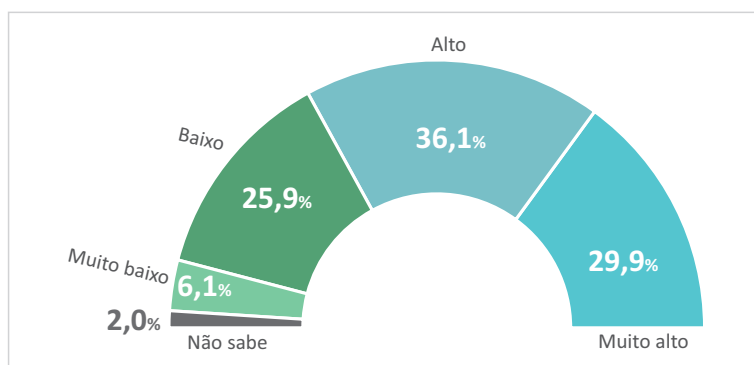


Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Sobre o tipo de violência ocorrida em abordagem policial com os(as) entrevistados(as), as respostas foram: 26,3% (36) gritos e xingamentos; 21,9% (30) o uso de força excessiva; 19,7% (27) abuso de autoridade; 16,1% (22) tapas e socos; 8% (11) mãos em partes íntimas; 7,3% (10) discriminação, assédio e perseguição; 0,7% (1) estupro (figura 131).

**Figura 132 | Considera o risco de sofrer abuso ou violência nas abordagens policiais motivados por transfobia (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 132 informa em escala a percepção dos(as) entrevistados(as) referente ao risco de sofrer abuso ou violência nas abordagens policiais motivados por transfobia. Para 29,9% (44) das pessoas entrevistadas, o risco é muito alto; 36,1% (53) consideraram o risco alto; 25,9% (38) consideraram o risco baixo; para 6,1% (9) o risco é muito baixo e 2% (3) não sabem.

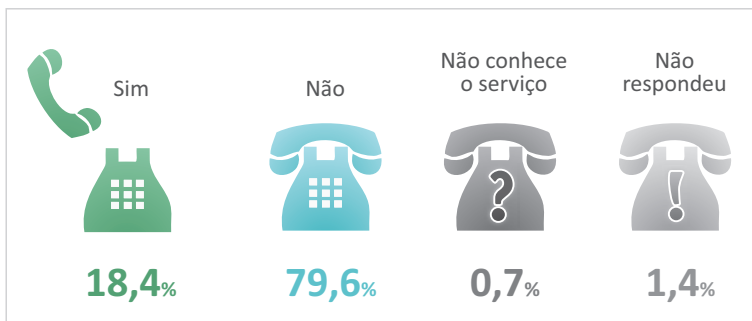
**Figura 133 | Já teve alguma pessoa próxima assassinada em decorrência de transfobia? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre a população entrevistada, 53,1% (78) nunca tiveram alguma pessoa próxima assassinada em decorrência de transfobia; por outro lado, 46,3% (68) responderam que sim (figura 133).

**Figura 134 | Já fez denúncia por meio do telefone 181 (Disque Denúncia) em algum momento? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre a população entrevistada, 79,6% (117) nunca fizeram denúncia por meio do telefone 181 (Disque Denúncia); 18,4% (27) já utilizaram este canal de denúncia alguma vez; 1,4% (2) não respondeu e 0,7% (1) não conhece o serviço (figura 134).

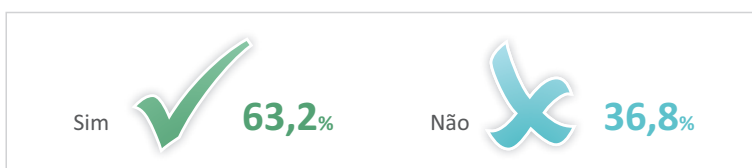
**Figura 135 | Já fez denúncia por meio do telefone 100 (Disque Direitos Humanos) em algum momento? (%)**



Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 135 informa que 88,4% (130) dos(as) entrevistados(as) nunca fizeram denúncia por meio do telefone 100 (Disque Direitos Humanos); 9,5% (14) responderam que sim e 2% (3) não conhecem o serviço.

**Figura 136 | Conhece a possibilidade de acionar a Lei Maria da Penha como medida de proteção contra a violência doméstica?\* (%)**



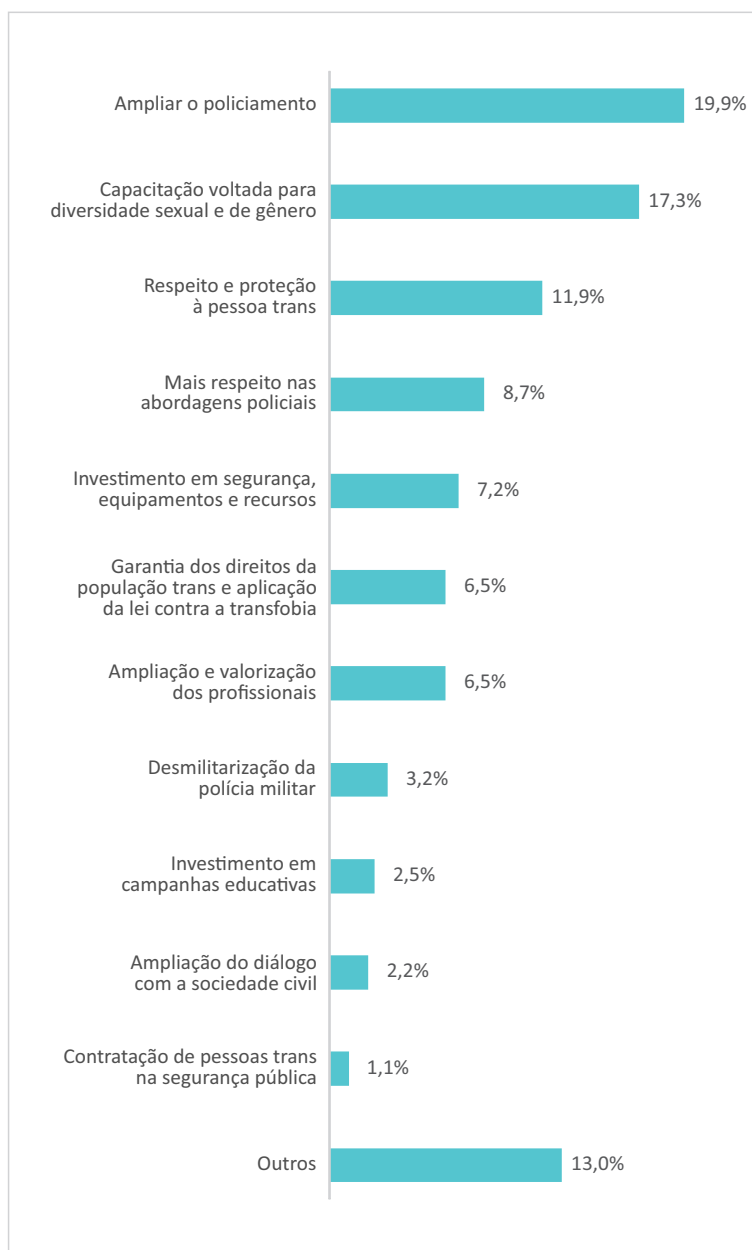
Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Percentual de respostas das mulheres transexuais e travestis, exclusivamente.

Das 95 respostas válidas, 63,2% (60) responderam ter conhecimento da possibilidade de acionar a Lei Maria da Penha como medida de proteção contra a violência doméstica e 36,8% (35) responderam que não (figura 136).

A figura 137 aponta as mudanças que os(as) entrevistados(as) consideram importantes para melhoria dos serviços de segurança. Face ao caráter aberto dessa pergunta, as respostas obtidas foram agrupadas formando categorias, conforme descrito na metodologia deste relatório. Cada entrevistado(a) poderia indicar até três respostas. Nesse sentido, do total de respostas obtidas (277), 19,9% (55) das respostas apontam ampliar o policiamento; 17,3% (48) capacitação voltada para diversidade sexual e de gênero; 11,9% (33) respeito e proteção à pessoa trans; 8,7% (24) mais respeito nas abordagens policiais; 7,2% (20) investimento em segurança, equipamentos e recursos; 6,5% (18) a garantia dos direitos da população trans e aplicação da lei contra a transfobia; 6,5% (18) ampliação e valorização dos profissionais; 3,2% (9) desmilitarização da polícia militar; 2,5% (7) investimento em campanhas educativas; 2,2% (6) ampliação do diálogo com a sociedade civil e 1,1% (3) das respostas apontaram a contratação de pessoas trans na segurança pública; por fim, 13% (36) das respostas apontaram outros, tais como fiscalização de órgãos superiores.

**Figura 137 | Cite até três coisas importantes para melhorar nos serviços de segurança\* (%):**



**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar até três respostas que foram categorizadas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

## 5.8 Entrevistados(as) não transicionados(as) e que fizeram a "destransição"

Esta subseção apresenta dados selecionados das entrevistas realizadas com 5 indivíduos que se auto definiram como pessoas trans, mas que, por algum motivo, não se identificam como trans nas relações sociais, seja por não terem iniciado (ainda) o processo de transição, seja por terem realizado uma destransição<sup>26</sup>. Todos os dados apresentados a seguir estão incluídos e compõem os dados gerais desta pesquisa mostrados ao longo deste relatório, de forma agregada. Embora esse grupo represente apenas 3,4% do conjunto da população entrevistada, optou-se por evidenciar nesta seção algumas variáveis como idade, identidade de gênero, raça/cor, acesso à educação, acesso ao mercado de trabalho, renda, preconceito, violência, entre outras, com o propósito de denotar alguns aspectos de perfil e trajetória de vida, oportunizando um olhar voltado não somente para os indivíduos aqui apresentados, mas contribuir para o entendimento dos dados daqueles que já se encontram em processo de transição e se identificam como trans nas relações sociais, enriquecendo as discussões sobre os dados gerais da população da pesquisa.

De modo mais explícito, a preocupação da equipe de pesquisa foi evidenciar de forma separada alguns dados deste grupo, que compõe a população trans, que por sua trajetória diferenciada (de não apresentação como trans nas relações sociais), essa especificidade poderia impactar o conjunto dos dados apresentados inflacionando ou deflacionando algum aspecto importante evidenciado para o conjunto população trans.

Dito de outra forma, a preocupação foi evitar que a presença desse grupo no conjunto dos dados apresentados pudesse induzir que o leitor, ao olhar para os dados gerais de educação ou renda, por exemplo, tivesse margem para dúvidas se as pessoas que apresentaram um nível educacional ou renda maior são exatamente aquelas que compõe o grupo dos não transicionados e/ou que fizeram a destransição, tendo como pressuposto que a especificidade desse grupo, em seus processos de construção identitária, poderia conferir desigualdades sociais significativas dentro do conjunto das pessoas trans que fizeram parte da pesquisa. Os dados apresentados a seguir não confirmam essa suposta tendência, revelando pouco distanciamento do quadro geral observado.

**Tabela 4 | Idade**

Idade	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
19 anos	01	20,0%
30 anos	01	20,0%
44 anos	01	20,0%
51 anos	01	20,0%
60 anos	01	20,0%
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A tabela 04 sinaliza os/as entrevistados(as) divididos nas diferentes faixas etárias: 19 anos (1); 30 anos (1); 44 anos (1); 51 anos (1) e 60 anos (1).

<sup>26</sup>Ver nota explicativa n° 13 na seção "Metodologia" deste relatório.



A tabela 05 apresenta que do total das 5 pessoas entrevistadas, 60% (3) foram mulheres transexuais, tendo uma (1) entrevistada feito o processo de destransição; 20% (1) se autodeclarou travesti e 20% (1) homem transexual.

**Tabela 5 | Identidade de gênero**

Identidade de gênero	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Mulher transexual	03	60,0%
Travesti	01	20,0%
Homem transexual	01	20,0%
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Do total de 5 pessoas entrevistadas, 40% (2) se declararam brancas; 40% (2) preta e 20% (1) parda. Desse modo, a pesquisa identificou que 60% das pessoas entrevistadas nesse subgrupo são negras (somatório de pretas e pardas) (Tabela 06).

**Tabela 6 | Raça/cor**

Raça/cor	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Branca	02	40,0%
Preta	02	40,0%
Parda	01	20,0%
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Das 5 pessoas entrevistadas, a tabela 07 indica que: 20% (1) possui o ensino fundamental incompleto; 20% (1) o ensino médio incompleto; 40% (2) o ensino médio completo e 20% (1) especialização de nível superior - pós-graduação completo.

**Tabela 7 | Escolaridade\***

Nível de ensino	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Ensino Fundamental Incompleto	01	20,0%
Ensino Médio Incompleto	01	20,0%
Ensino Médio Completo	02	40,0%
Especialização de nível superior - Pós-graduação Completo	01	20,0%
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Ensino fundamental compreende regular de 8 anos e Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou supletivo do ensino fundamental; Ensino Médio compreende regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou supletivo do ensino médio.

A tabela 08 sinaliza que 60% (3) das pessoas entrevistadas já sofreram preconceito ou agressão na escola. Por outro lado, 40% (2) afirmou nunca ter passado pela situação.

**Tabela 8 | Já sofreu preconceito ou agressão na escola?**

Respostas	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Sim	03	60,0%
Não	02	40,0%
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 9 |** Quais os tipos de preconceito e/ou agressão que já sofreu na escola\*?

Tipos de preconceito e/ou agressão	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Xingamentos/piadas preconceituosas por parte dos colegas	03	50,0%
Xingamentos/piadas preconceituosas por parte dos profissionais de ensino	01	16,7%
Tapas/socos/empurrões	01	16,7%
Agressão com pedras	01	16,7%
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Dos tipos de preconceito e/ou agressão que já sofreram na escola, entre o total das respostas dos (as) entrevistados(as), tem-se: xingamentos/piadas preconceituosas por parte dos colegas 50% (3); xingamentos/piadas preconceituosas por parte dos profissionais de ensino 16,7% (1); tapas/socos/empurrões 16,7% (1) e agressão com pedras (pedradas) 16,7% (1) (Tabela 09)

**Tabela 10 |** Você já sofreu algum tipo de violência em sua família?

Respostas	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Sim	01	20,0%
Não	04	80,0%
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Sobre ter sofrido algum tipo de violência em família, 1 pessoa entrevistada (correspondendo a 20%) respondeu que sim; em contrapartida, 80% (4) pessoas entrevistadas responderam que não (Tabela 10).

A pessoa entrevistada apontou a violência verbal como resposta ao tipo de violência sofrida.

**Tabela 11 |** Possui alguma atividade ou trabalho remunerado?

Respostas	Quantitativo de entrevistado (as)	
	Número absoluto	Percentual
Sim	03	60,0%
Não	02	40,0%
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Das 5 pessoas entrevistadas, 60% (3) possuem alguma atividade ou trabalho remunerado; outros 40% (2) responderam que não (Tabela 11).

Entre as 3 pessoas entrevistadas que possuem alguma atividade ou trabalho remunerado, 66,7% (2) trabalham de carteira assinada e 33,3% (1) respondeu que não (Tabela 12).

Todas as 5 pessoas entrevistadas responderam já ter trabalhado de carteira assinada anteriormente.

Considerando os ganhos no mês passado (na ocasião da entrevista), das 3 pessoas que possuem alguma atividade ou trabalho remunerado, 66,7% (2) estão na faixa de mais de 1 até 2 salários mínimos (Mais de R\$ 937,00 até R\$ 1.874,00) e 33,3% (1) mais de 2 até 3 salários mínimos (Mais de R\$ 1.874,00 até R\$ 2.811,00)<sup>27</sup> (Tabela 13).

Das 5 pessoas entrevistadas, 60% (3) responderam já terem sido vítimas de violência e 40% (2) responderam não ter sido vítima de violência em outros espaços para além de escola, família, trabalho e serviços de saúde abordados em blocos anteriores nos dados gerais (Tabela 14).

**Tabela 12 | Em sua atividade principal trabalha de carteira assinada?**

Respostas	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Sim	02	66,7%
Não	01	33,3%
<b>Total</b>	<b>03</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 13 | Considerando todos os seus trabalhos, quanto recebeu no mês passado?**

Renda mensal	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Mais de 1 até 2 salários mínimos	02	66,7%
Mais de 2 até 3 salários mínimos	01	33,3%
<b>Total</b>	<b>03</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 14 | Já foi vítima de violência em outros espaços para além de escola, família, trabalho e serviços de saúde?\***

Respostas	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Sim	03	60,0%
Não	02	40,0%
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Os espaços citados anteriormente aqui considerados são citados nas questões de blocos anteriores apresentadas nos dados gerais que abordaram a violência sofrida na escola, família, trabalho e serviços de saúde.

<sup>27</sup> Destaca-se que as faixas de renda dos entrevistados deste subitem se inserem em dois dos maiores percentuais apresentados nos dados gerais (nas faixas de mais de 1 até 2 salários mínimos e mais de 2 até 3 salários mínimos), demonstrando que os ganhos dos não transicionados e daqueles que destransicionaram não é incompatível a população trans em geral retratada na pesquisa.

**Tabela 15 | De qual tipo de violência?\***

Tipos de violência	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Violência psicológica	02	40,0%
Violência verbal	02	40,0%
Violência física	01	20,0%
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A tabela 15 sinaliza o total das respostas das 3 pessoas entrevistadas no que se refere aos tipos de violências sofridas por elas em outros espaços, que foram: violência psicológica 40% (2); violência verbal 40% (2) e a violência física 20% (1).

**Tabela 16 | Onde ocorreram as agressões?\***

Local das agressões	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Comércio	01	33,3%
Via pública	01	33,3%
Espaço do poder público	01	33,3%
<b>Total</b>	<b>03</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

No que concerne aos locais onde ocorreram as agressões, as respostas sinalizam: comércio 33,3% (1); via pública 33,3% (1) e espaço do poder público 33,3% (1) (Tabela 16).

**Tabela 17 | Quem foram os agressores?\***

Agressores	Entrevistados (as)	
	Número absoluto	Percentual
Policia militar	02	66,7%
Pessoa desconhecida (sem nenhuma referência)	01	33,3%
<b>Total</b>	<b>03</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A tabela 17 apresenta as respostas referentes aos agressores das pessoas entrevistadas, que foram: policial militar 66,7% (2) e pessoa desconhecida (sem nenhuma referência) 33,3% (1).

## 5.9 Entrevistadas em privação de liberdade

Esta subseção apresenta dados selecionados das entrevistas realizadas com mulheres trans e travestis em privação de liberdade que responderam ao questionário na ocasião das visitas de nossa equipe aos aparelhos de detenção do Estado. Todos os dados apresentados a seguir estão incluídos e compõem os dados gerais, o propósito desta subseção (até pela situação singular que se encontram) é denotar alguns aspectos de perfil e trajetória de vida das entrevistadas, salientando que esta subseção não reproduz todas as perguntas feitas nas entrevistas realizadas com este grupo (sendo apenas um recorte dos dados) e não é a intenção esgotar a discussão nos dados que seguem e sim oportunizar um olhar voltado para as mulheres trans e travestis que se encontram em privação de liberdade.

A tabela 18 apresenta o número de entrevistadas em privação de liberdade e a cidade da entrevista. Na cidade de Serra, 50% (8) das entrevistadas eram internas do Centro de Detenção Provisória e outras 50% (8) eram da Penitenciária Estadual de Vila Velha 5, na cidade de Vila Velha. No total, tivemos 16 entrevistadas em privação de liberdade.

**Tabela 18 | Cidade da entrevista e número de entrevistadas**

Município	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Serra	08	50,0%
Vila Velha	08	50,0%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A tabela 19 sinaliza que as internas entrevistadas estão principalmente na faixa de 19 a 29 anos, representando uma parcela de 43,8% (7) na faixa de 19 a 24 anos; 31,3% (5) na faixa de 25 a 29 anos. Entre as demais, 6,3% (1) estão na faixa de 30 a 34 anos; 12,5% (2) na faixa de 35 a 39 anos e 6,3% (1) com mais de 40 anos.

**Tabela 19 | Faixa etária das entrevistadas**

Faixas etárias	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
19 a 24 anos	07	43,8%
25 a 29 anos	05	31,3%
30 a 34 anos	01	6,3%
35 a 39 anos	02	12,5%
Mais de 40 anos	01	6,3%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 20 | Identidade de gênero**

Identidade de gênero	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Travesti	13	81,3%
Mulher transexual	03	18,8%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A tabela 20 apresenta que do total de 16 internas entrevistadas, 81,3% (13) se autodeclararam travestis e 18,8% (3) mulheres transexuais.

**Tabela 21 | Raça/cor**

Raça/cor	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Parda	13	81,3%
Branca	02	12,5%
Preta	01	6,3%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dentre as 16 internas entrevistadas, 81,3% (13) se declararam pardas; 12,5% (2) brancas e 6,3% (1) preta. Desse modo, a pesquisa identificou que 87,5% são negras (somatório de pretas e pardas) (Tabela 21).

**Tabela 22 | Escolaridade\***

Nível de ensino	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Ensino Fundamental Incompleto	05	31,3%
Ensino Fundamental Completo	02	12,5%
Ensino Médio Incompleto	06	37,5%
Ensino Médio Completo	02	12,5%
Ensino Superior - Graduação incompleto	01	6,3%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Ensino fundamental compreende regular de 8 anos e Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou supletivo do ensino fundamental; Ensino Médio compreende regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou supletivo do ensino médio.

Das 16 internas entrevistadas, a maioria (75,1%) se encontra com a formação escolar incompleta; 31,3% (5) possuem o ensino fundamental incompleto; 12,5% (2) o ensino fundamental completo; 37,5% (6) o ensino médio incompleto; 12,5% (2) o ensino médio completo e 6,3% (1) possuem o ensino superior-graduação incompleto (Tabela 22).

**Tabela 23 | Já abandonou a escola pelo menos uma vez?**

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	12	75,0%
Não	04	25,0%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A maioria das internas participantes do estudo 75% (12), relataram que já abandonaram a escola pelo menos uma vez. Em contrapartida, 25% (4) entrevistadas nunca abandonaram a escola (Tabela 23).

A tabela 24 informa os principais motivos que levaram as entrevistadas a abandonarem a escola. Esta é uma pergunta que permite a marcação de até três respostas, somando um total de 14 respostas, de modo que foram: falta de interesse em estudar 21,4% (3); precisava trabalhar 21,4% (3); escola era longe de casa 14,3% (2); sofreu preconceito/agressão na escola 14,3% (2), dentre outras indicadas na tabela. Observe-se que dentre as 12 entrevistadas que abandonaram a escola, a maioria optou por registrar apenas uma resposta e apenas duas pessoas responderam mais de um motivo.

Observa-se que 35,7% (5) das respostas relacionam-se com dimensões estruturais e/ou internas à escola e, por outro lado, 35,7% (5) das respostas relacionam-se com dificuldades relativas às trajetórias individuais/familiares. Apenas 28,6% (4) respostas remetem para uma esfera de “opção” individual.

A tabela 25 sinaliza que 50% (8) das internas entrevistadas já sofreram preconceito ou agressão na escola. Por outro lado, 50% (8) afirmaram que nunca passaram pela situação descrita.

**Tabela 24 | Qual o motivo do abandono escolar?\***

Motivos para o abandono escolar	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Falta de interesse em estudar	03	21,4%
Precisava trabalhar	03	21,4%
Escola era longe de casa	02	14,3%
Sofreu preconceito/agressão na escola	02	14,3%
Envolvimento com drogas	01	7,1%
Problemas familiares	01	7,1%
Professora mandona	01	7,1%
Queria curtir a travestilidade	01	7,1%
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

**Tabela 25 | Já sofreu preconceito ou agressão na escola?**

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	08	50,0%
Não	08	50,0%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 26** | Quais os tipos de preconceito e/ou agressão que já sofreu na escola?\*

Tipos de preconceito e/ou agressão	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Xingamentos/piadas preconceituosas por parte dos colegas	07	63,6%
Xingamentos/piadas preconceituosas por parte dos profissionais de ensino	02	18,2%
Não poder usar o banheiro voltado para o gênero ao qual se identifica	01	9,1%
Tapas/socos/empurrões	01	9,1%
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

Dos tipos de preconceito e/ou agressão que já sofreram na escola, entre as respostas das entrevistadas, estão: xingamentos/piadas preconceituosas por parte dos colegas 63,6% (7); xingamentos/piadas preconceituosas por parte dos profissionais de ensino 18,2% (2); não poder usar o banheiro voltado para o gênero ao qual se identifica 9,1% (1); e tapas/socos/empurrões 9,1% (1) (Tabela 26).

**Tabela 27** | Você já sofreu preconceito em sua família por ser transexual ou travesti?

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	13	81,3%
Não	03	18,8%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A tabela 27 aponta que do total de 16 internas entrevistadas, 81,3% (13) já sofreram preconceito em sua família por ser transexual ou travesti; 18,8% (3) responderam não.

**Tabela 28** | Já sofreu algum tipo de violência em sua família?

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	12	75,0%
Não	4	25,0%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Sobre ter sofrido algum tipo de violência em família, 75,0% (12) das entrevistadas responderam que sim; em contrapartida, 25,0% (4) das entrevistadas responderam que não (Tabela 28).



A tabela 29 aponta os tipos de violências sofridas pelas entrevistadas no âmbito familiar. Dentre as 17 respostas coletadas, estão: violência física 41,2% (7); violência psicológica/verbal 41,2% (7) e violência sexual 17,6% (3).

A tabela 30 indica, dentre as que afirmaram já ter atuado como profissional do sexo, em qual faixa etária começou com a atividade. Do total de 11 respondentes, destacamos as faixas dos 12 a 14 anos com 36,4% (4) e dos 15 aos 17 anos, com 54,5% (6) que somam um total de 90,9%, enquanto 9,1% (1) respondeu dos 18 aos 20 anos.

Quanto à necessidade de atendimento médico nos últimos 6 meses (na ocasião da entrevista), observa-se um total de 81,3% (13) das entrevistadas afirmaram que precisaram de atendimento médico e 18,8% (3) que assinalaram não ter precisado (Tabela 31).

Entre as entrevistadas que precisaram de atendimento médico, 68,8% (11) responderam ter procurado o serviço médico na ocasião; uma pessoa (6,3%) indicou não ter procurado atendimento médico e outra pessoa (6,3%) não respondeu (Tabela 32).

A entrevistada que não procurou atendimento na ocasião, apontou como causa a negligência por parte da gestão do presídio.

**Tabela 29** | Quais tipos de violência você sofreu em sua família?\*

Tipos de violência	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Violência física	07	41,2%
Violência psicológica/verbal	07	41,2%
Violência sexual	03	17,6%
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta em que o entrevistado poderia indicar até três respostas que foram categorizadas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

**Tabela 30** | Em qual idade começou como profissional do sexo?

Faixas etárias	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
12 a 14 anos	04	36,4%
15 a 17 anos	06	54,5%
18 a 20 anos	01	9,1%
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 31** | Nos últimos 6 meses precisou de atendimento médico?

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	13	81,3%
Não	03	18,8%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 32** | Se sim, procurou atendimento médico?

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	11	68,8%
Não	01	6,3%
Não respondeu	01	6,3%
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 33 | Já teve dificuldades para ser atendida nos serviços de saúde?**

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	11	68,8%
Não	05	31,3%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

De acordo com a tabela 33, 68,8% (11) das entrevistadas responderam que já tiveram dificuldades no atendimento. Por outro lado, 31,3% (5) das entrevistadas disseram nunca ter dificuldades no atendimento dos serviços de saúde.

**Tabela 34 | Quais dificuldades?\***

Dificuldades relatadas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Demora no atendimento	05	41,7%
Negligência/Atendimento negado	04	33,3%
Ausência de profissionais/ profissionais qualificados	03	25,0%
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Trata-se de uma questão aberta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas categorizadas fornecidas pelas entrevistadas.

As dificuldades relatadas pelas entrevistadas que afirmaram já ter passado pelo atendimento nos serviços de saúde foram categorizadas, apresentando os seguintes resultados: 41,7% (5) a demora no atendimento; 33,3% (4) a negligência/ atendimento negado; 25% (3) a ausência de profissionais/ profissionais qualificados (Tabela 34).

As citações abaixo são algumas respostas literais registradas durante o processo de entrevista e expressam com mais nitidez a percepção das entrevistadas:

*Não me levaram para ser atendida.*

*Negação de consulta.*

*Falta de profissionais qualificados.*

*Falta de vagas (no local só existem três vagas por semana).*

*Os processos na instituição são falhos e demoram devido a burocracia.*

*Selecionam a pessoa pela gravidade da enfermidade.*

A tabela 35 indica se o nome social e a identidade de gênero são respeitados nas etapas de atendimento dos serviços de saúde (Cartão SUS, acolhimento, cadastros, triagens, consultas, exames e internações). Das internas entrevistadas, 56,3% (9) apontaram que são respeitados e 43,8% (7) responderam que seu nome social e identidade de gênero não são respeitados nas etapas de atendimento dos serviços de saúde.

Dentre as respostas das entrevistadas que não tiveram seu nome social e sua identidade de gênero respeitados nas etapas de atendimento do serviço de saúde, estão: em todas as etapas (5); triagem, atendimento e médico (1) e não respondeu (1).

Das 11 internas que afirmaram já ter tido pensamentos suicidas, 72,7% (8) já tentaram o suicídio, número bastante expressivo e preocupante (Tabela 36).

**Tabela 35** | Seu nome social e sua identidade de gênero são respeitados nas etapas de atendimento dos serviços de saúde?

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	09	56,3%
Não	07	43,8%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 36** | Já tentou suicídio?

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	08	72,7%
Não	03	27,3%
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 37 | Quantas vezes?**

Nº de vezes que tentou suicídio	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
1 vez	02	25,0%
2 vezes	03	37,5%
3 vezes	01	12,5%
4 vezes	01	12,5%
Mais de 5 vezes	01	12,5%
<b>Total</b>	<b>08</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Das entrevistadas que já tentaram suicídio, a maioria (75%) afirmou ter tentado mais de uma vez. As respostas registradas foram: 25% (2) possuem o histórico de uma tentativa; 37,5% (3) tiveram duas tentativas de suicídio; 12,5% (1) tentou suicídio por três vezes; 12,5% (1) teve quatro tentativas de suicídio; 12,5% (1) tentou mais de cinco vezes (Tabela 37).

**Tabela 38 | Já foi vítima de violência em outros espaços para além de escola, família, trabalho e serviços de saúde?\***

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	10	62,5%
Não	06	37,5%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Os espaços citados anteriormente aqui considerados são citados nas questões de blocos anteriores apresentadas nos dados gerais que abordaram a violência sofrida na escola, família, trabalho e serviços de saúde.

Do total de 16 internas entrevistadas, 62,5% (10) responderam já terem sido vítimas de violência em outros espaços para além de escola, família, trabalho e serviços de saúde abordados em blocos anteriores na apresentação dos dados gerais e 37,5% (6) responderam não ter sofrido violência para além dos já citados (Tabela 38).

**Tabela 39 | De qual tipo de violência?\***

Tipos de violência	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Violência verbal	07	43,8%
Violência física	07	43,8%
Violência psicológica	01	6,3%
Violência sexual	01	6,3%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

A tabela 39 sinaliza as respostas das 10 entrevistadas no que se refere aos tipos de violências sofridas por elas em outros espaços: violência verbal 43,8% (7); violência física 43,8% (7), violência psicológica 6,3% (1) e violência sexual com 6,3% (1).

No que concerne aos locais onde ocorreram as agressões, as respostas sinalizam: via pública 63,6% (7); comércio 27,3% (3) e na unidade prisional 9,1% (1) (Tabela 40).

A tabela 41 apresenta as respostas referentes aos agressores das entrevistadas, que foram: pessoa desconhecida (sem nenhuma referência) 61,5% (8); policial militar 15,4% (2); amigo/colega 7,7% (1); detentos da cela 7,7% (1) e trabalhador de transporte coletivo 7,7% (1). Destaque-se que o fato da categoria “pessoa desconhecida” aparecer com uma frequência de 61,5% pode ser um indicativo significativo do grau de transfobia existente na sociedade, uma vez que a violência não se caracteriza necessariamente por resultar de um conflito entre papéis sociais inseridos em um contexto específico.

A tabela 42 informa que, entre as 16 internas entrevistadas, 68,8% (11) responderam já ter passado por situação de violência especificamente em abordagem policial. Outras 31,3% (5) responderam nunca ter passado pela situação.

**Tabela 40| Onde ocorreram as agressões?\***

Locais onde ocorreram a violência	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Via pública	07	63,6%
Comércio	03	27,3%
Na unidade prisional	01	9,1%
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

**Tabela 41 | Quem foram os agressores?\***

Agressores relatados	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Pessoa desconhecida (sem nenhuma referência)	08	61,5%
Policial militar	02	15,4%
Amigo/colega	01	7,7%
Detentos da cela	01	7,7%
Trabalhador de transporte coletivo	01	7,7%
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*A questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas pelos entrevistados.

**Tabela 42 | Já passou por situação de violência especificamente em abordagem policial?**

Respostas	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Sim	11	68,8%
Não	05	31,3%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.  
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Tabela 43 | Qual tipo de violência?\***

Tipos de violência	Entrevistadas	
	Número absoluto	Percentual
Gritos e xingamentos	08	25,0%
Tapas e socos	08	25,0%
Uso de força excessiva	07	21,9%
Abuso de autoridade	06	18,8%
Outros	02	6,3%
Mãos em partes íntimas	01	3,1%
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Pesquisa sobre Homens Transexuais, Mulheres Transexuais e Travestis da RMGV.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

\*Essa questão permite a marcação de múltiplas respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas categorizadas fornecidas pelas entrevistadas.

Sobre o tipo de violência ocorrida em abordagem policial com as entrevistadas, as respostas foram: gritos e xingamentos 25% (8); tapas e socos 25% (8); o uso de força excessiva 21,9% (7); abuso de autoridade 18,8% (6); outros (como humilhação) 6,3% (2) e mãos em partes íntimas 3,1% (1) (Tabela 43).

Embora o questionário da pesquisa fosse predominantemente constituído de questões fechadas, algumas questões foram abertas e havia espaço para registro de observações. Nesse sentido, a partir das entrevistas realizadas com as mulheres trans e travestis em situação de privação de liberdade, foi possível destacar algumas respostas e observações sobre o cotidiano e vivências das internas, que informam aspectos importantes.

Muitas sinalizaram o desejo de manter ou dar início a terapia hormonal, o que se torna difícil na condição que elas vivenciam. Uma das internas que interrompeu a terapia afirma, por exemplo, que antes “se sentia mais delicada e feminina”. Foi afirmado também que algumas “se descobriram trans” dentro do presídio, mesmo na situação de privação de liberdade. Sem dúvida, a questão da possibilidade de início ou manutenção da terapia hormonal é extremamente relevante em termos de construção identitária, com possibilidade de impactos muito significativos em termos de saúde física e psicológica deste grupo.

A pesquisa identificou também que algumas internas conheceram seus parceiros dentro das detenções e com eles se “casam” (o que geralmente significa viver na mesma cela). Por causa dos relacionamentos estáveis, as internas fazem uso de preservativos nas relações sexuais (de acordo com as respostas registradas no questionário aplicado) entre um intervalo de uso de “nunca” a “de vez em quando”, o que aparece como um dado preocupante em termos de prevenção das IST’s. Vale destacar, no entanto, que elas afirmam estar mantendo uma rotina regular de exames de HIV/ISTs.

Algumas entrevistadas reportaram situações de seleção dos internos que necessitam de atendimento de saúde de acordo com a gravidade, incluindo também relatos de negação de atendimento, além de não acesso a determinadas especialidades. Acrescente-se também relatos de falta de distribuição de preservativos, gel e medicação.

Em relação à oportunidade de acesso à educação, embora haja a possibilidade de retorno aos estudos nas detenções, relatos dão conta de que algumas alas específicas não são contempladas.

Quanto ao uso do nome social, algumas relatam a não exigência do nome social nos atendimentos do presídio por parte das entrevistadas por temerem represálias, além de maus tratos por parte dos agentes penitenciários. Houve inclusive o relato acerca de uma interna que teve a cabeça raspada, como exemplo desse quadro de represálias.

# 6

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material produzido nesse estudo é extenso e encerra uma complexidade que dificilmente será esgotada nesse espaço. Serão salientadas nesta seção algumas observações gerais acerca da pesquisa, buscando estabelecer algumas correlações ou sinalizar perspectivas a partir dos dados observados. Espera-se que este estudo estimule diferentes atores a interpretar os dados expostos e que as informações produzidas subsidiem debates, assim como a articulação de atores e saberes diversos, com vistas a contribuir para a formulação de políticas públicas voltadas para a população trans.

Cada sujeito entrevistado nessa pesquisa apresenta singularidades e histórias que, devido ao caráter e a proposta do estudo, torna-se inviável de serem apresentadas em sua totalidade nesse relatório. Mas, ao mesmo tempo, os entrevistados possuem experiências similares em suas trajetórias que, dentro dos limites das estratégias metodológicas adotadas e do escopo desta pesquisa, foram relatadas e sintetizadas aqui.

No que concerne ao perfil dos(as) participantes dessa pesquisa, destacam-se: 34,7% (51) identificam-se como homem transexual, 36,7% (54) define-se como mulher transexual e 28,6% (42) afirmaram que são travesti; 71,4% (105) é heterossexual; 66,0% (97) são negros(as); 68% (100) dos(as) entrevistados(as) são jovens, pois estão na faixa etária de 15 a 29 anos.

Observou-se, portanto, um número pouco expressivo de pessoas trans de meia idade (cerca de 30% estão entre 30 a 59 anos) e apenas uma pessoa idosa foi computada na pesquisa. Este fato possivelmente tem uma relação direta com a baixa expectativa de vida desse grupo, conforme tem sido salientado pelos movimentos sociais LGBTTT que monitoram os dados de crimes e assassinatos de pessoas trans<sup>28</sup>. É preciso registrar aqui que, ao longo da produção desse relatório, a equipe de pesquisa foi informada do assassinato de uma das travestis entrevistadas nessa pesquisa. Fato triste que infelizmente corrobora para a tendência<sup>29</sup> de confirmação dessa correlação.

Quando as pessoas entrevistadas foram perguntadas sobre a idade em que se perceberam trans, o que chama atenção é que uma parcela significativa delas responderam que foi no período da infância/adolescência: 4,8% (7) foi na faixa etária de 0 a 4 anos; 15,11% (22) entre 5 a 9 anos e 24% (35) entre 10 a 14 anos; 34,2% (50) entre 15 a 19 anos. Essas informações apontam a necessidade de se considerar as especificidades do período da infância e da adolescência na formulação de políticas públicas voltadas para a população trans.

Em relação à escolaridade, a pesquisa apresentou resultados por faixas etárias (15 a 17 anos; 18 a 24 anos; acima de 25 anos). Em todas as faixas etárias observam-se níveis de escolaridade abaixo da expectativa para as idades consideradas. No entanto, observou-se também sujeitos que conseguiram fugir ao padrão prevalente no grupo e chegaram a níveis elevados de estudo, incluindo graduação, pós-graduação e uma pessoa na condição de mestrando(a), o que indica potencialidades significativas no âmbito educacional, apesar das dificuldades experienciadas.

Em relação aos sujeitos na faixa etária de 15 a 17 anos (7 entrevistados), nota-se que a maioria (57,1%) acessou o ensino fundamental, porém estão em defasagem escolar e não concluíram essa etapa de ensino.

No que concerne às pessoas entrevistadas que estão na faixa etária de 18 a 24 anos (57), observa-se que apenas 22,8% (13) concluíram o ensino médio e quase metade (45,7% - 26) dos indivíduos não concluíram esta etapa do ensino. Apenas uma pessoa nessa faixa etária concluiu o ensino superior.

Entre os indivíduos acima de 25 anos (82 entrevistados), 24,4% (20) possuem o ensino médio completo e 41,5% (34) não possuem ensino médio completo. Vale destacar, no entanto, que 8,5% (7) dos sujeitos na faixa etária indicada têm graduação completa e 4,9% (4) têm pós-graduação em nível de especialização completa e 1,2% (1) mestrado em andamento.

Ainda sobre aspectos relacionados à educação, nota-se que a maioria das pessoas entrevistadas (55,5%) já abandonou a escola pelo menos uma vez. Quando foram questionadas sobre os motivos que as levaram a abandonar a escola, as principais respostas foram: 31,3% (31) sofreu

<sup>28</sup> <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra>

<sup>29</sup> Afirma-se aqui “a tendência de confirmação da correlação” entre mortes precoces e baixa expectativa de vida da população trans, porque não se trabalhou nessa pesquisa a análise da referida correlação, como um dado empírico investigado.



preconceito/agressão na escola; 19,2% (19) falta de interesse em estudar<sup>30</sup>, 18,2% (18) precisava trabalhar. Complementando essa questão, os resultados do estudo indicam que 63,0% (92) dos(as) entrevistados(as) já sofreram preconceito ou agressão na escola. A maioria das respostas apontam que as agressões/preconceito se concretizam através de xingamentos/piadas preconceituosas por parte tanto dos colegas (48,2%) quanto dos profissionais de ensino (20,7%), o que destaca a importância de processos contínuos de reflexão sobre transfobia em diferentes espaços e, em especial, os escolares.

Quando os(as) participantes do estudo foram questionados(as) acerca do que eles(elas) consideram importante para melhorar as escolas, as principais respostas foram: mais respeito em relação à orientação sexual e identidade de gênero (61 respostas); melhorias do ensino e reformulação de metodologia e currículo (51); conclusão da discussão sobre o gênero e sexualidade na perspectiva dos direitos humanos (45); ampliação de investimentos, melhorias na alimentação e infraestrutura (35); formação continuada dos profissionais de ensino sobre gênero e sexualidade (34); uso do banheiro condizente ao gênero e garantia ao uso do nome social (inclusive em documentação) (16).

Conforme sinalizado anteriormente, os dados indicam que as pessoas trans têm sido constantemente violentadas<sup>31</sup> no espaço escolar, seja com agressões verbais, físicas ou mesmo com a não garantia do uso do banheiro condizente ao seu gênero e ao uso do nome social. Esses dados reforçam a necessidade do debate e discussão sobre gênero e sexualidade na escola. Além disso, é preciso incluir a temática na formação inicial e continuada dos docentes. Garantir essas questões na legislação educacional é um primeiro passo, mas não somente, para que as mesmas sejam implementadas na instituição escolar.

A identidade de gênero e a orientação sexual são consideradas direitos humanos, o que, por sua vez, ingressa essas questões no campo educacional. As Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, homologadas em 2012, fazem diversas referências a gênero e à orientação sexual e afirmam que todas as pessoas devem ter a possibilidade de usufruírem de uma educação não discriminatória, independente do seu sexo, orientação sexual e identidade de gênero, entre outras características (REIS e EGGERT, 2017).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio sinalizam que o Projeto Político Pedagógico deve conter: valorização e promoção dos direitos humanos **mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero**, raça e etnia, religião, **orientação sexual**, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência (BRASIL, 2012, art. 16).

Embora as questões relativas à identidade de gênero e sexualidade sejam mencionadas em alguns

<sup>30</sup> Vale pontuar que a afirmação de falta de interesse em estudar provavelmente relaciona-se a um contexto de falta de perspectivas educacionais, não devendo ser interpretada apenas a partir de uma perspectiva voluntarista de análise.

<sup>31</sup> Entende-se violência numa perspectiva ampliada. A não garantia dos direitos sociais e civis básicos, a agressão física, agressão verbal, dentre outras, por exemplo, são consideradas violências.

aparatos educacionais legais, abordar a temática ainda é um grande desafio, como se pode observar na polêmica gerada na proposta do último Plano Nacional de Educação (PNE)<sup>32</sup>.

Os dados da pesquisa apontam também que, dentre os(as) entrevistados(as) que não estudam, 78,0% (90) pretendem retornar os estudos. Quando os sujeitos desse estudo foram questionados acerca de quais curso de qualificação profissional tinham interesse, as respostas foram: na área da Saúde (39); Estética e Beleza (36); Administração e Empreendedorismo (23); Psicologia/Psicanálise (20); Artes (18); Ciências Humanas (17); Direito (16); Gastronomia e Culinária (14); Letra e Línguas (13), dentre outras. A diversidade de áreas profissionais mencionadas pelos sujeitos desse estudo é importante a medida que desmistifica uma ideia comumente difundida de que este grupo, majoritariamente, se interessa apenas por cursos de qualificação profissional voltados para a área de Estética e Beleza. Nesse sentido, faz-se necessário pensar em ofertas de cursos profissionalizantes voltados para esse segmento populacional que contemplem áreas diversas.

No que diz respeito às questões familiares, o material coletado indica que a maioria dos(as) entrevistados(as) consideram sua convivência familiar ótima (43,5%) ou boa (44,2%). Mas, por outro lado, 63,3% dos sujeitos relataram que já sofreram preconceito no âmbito familiar devido à identidade de gênero e 43,5% (64) já sofreram algum tipo de violência na família. Os tipos de violências sofridas, apontadas pelos entrevistados, foram: 42,9% (36) violência física; 45,2% (38) violência psicológica/verbal; 11,9% (10) violência sexual.

A família é a primeira instância socializadora e, portanto, cumpre um papel fundamental na formação dos indivíduos, mesmo depois de passada a fase da infância. Nesse sentido, a família deveria ser um espaço, *sui generis*, de afetividade e acolhimento. Contudo, observa-se que a experiência familiar da maioria dos entrevistados vai de encontro a essa perspectiva, conforme exposto nos dados do parágrafo anterior, o que pode impactar de forma negativa na subjetividade desses indivíduos e, logo, em suas relações sociais. Tendo em vista, portanto, a importância da família, faz-se necessário reflexões sobre como informá-la sobre as questões relacionadas à identidade de gênero e à sexualidade na perspectiva dos direitos humanos.

O material coletado sinaliza que a maioria dos(as) participantes da pesquisa (81,0%) nasceram no estado do Espírito Santo. Uma parcela significativa deles(as) residem atualmente nos municípios de Serra (31,3%) e Vitória (25,0%) e, em sua maioria, moram com familiares/parentes (51,3%). Cabe destacar que três entrevistados(as) não estão domiciliados(as), ou seja, estão em situação de rua. Logo,

<sup>32</sup> O Plano Nacional de Educação estabelece diretrizes, metas e estratégias para a política educacional em um período de 10 anos. A redação final do Plano, em seu artigo 2º, estabeleceu que “São diretrizes do PNE [...] III - a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual e na erradicação de todas as formas de discriminação” (BRASIL, 2012d). A menção a gênero no texto do PNE gerou uma série de audiências e debates sobre o Projeto de lei do PNE com manifestações contrárias a incluir debates sobre sexualidade e gênero nas escolas a partir da alegação de que o PNE estava implementando uma “ideologia de gênero”. De acordo com Reis e Eggert (2017, p. 17), “[...] o termo ideologia de gênero foi utilizado por quem defende posições tradicionais, reacionárias e até fundamentalistas em relação aos papéis de gênero do homem e da mulher”. Os posicionamentos contrários à inserção da temática de gênero no PNE e a difusão da ideia equivocada de “ideologia de gênero” repercutiu na elaboração dos Planos de Educação em níveis estaduais e municipais. Logo, em vários estados e municípios, como foi o caso da cidade de Vitória, o termo “gênero” foi suprimido do Plano Municipal de Educação.

as políticas públicas têm o desafio de pensar nas demandas das pessoas trans, em diferentes contextos, como é o caso da população em situação de rua e em situação de privação de liberdade.

Em relação à principal atividade de trabalho remunerada exercida pelos(as) entrevistados(as), o estudo aponta que 28,4% (29) declararam a ocupação de profissional do sexo/acompanhante; 17,6% (18) declararam a ocupação de profissional de estética e beleza; 8,8% (9) de profissional de culinária/gastronomia; 6,9% (7) de profissional de comércio e vendas; 4,9% (5) de professor(a)/instrutor(a); dentre outras.

Os dados da pesquisa sinalizam ainda que 37 entrevistados(as) exercem alguma atividade ou trabalho remunerado secundário. Desses, 27,0% (10) declararam a ocupação de profissional do sexo/acompanhante; 21,6% (8) de profissional de estética e beleza; 10,8% (4) de profissional de comércio e vendas, dentre outras.

Em relação aos indivíduos que se declararam profissionais do sexo, o que chama atenção é que, num total de 50 respondentes, 46% (23) afirmaram que começaram a exercer a profissão na faixa etária de 15 a 17 anos. Esse resultado evidencia a negligência do(a) jovem enquanto sujeito de direitos e traz elementos para se pensar sobre o que é ser jovem trans na sociedade. Garantir os direitos básicos para a juventude, enquanto fase da vida, já é um desafio, e se tratando de jovens trans, esses desafios tornam-se ainda maiores.

Obviamente a formulação de políticas públicas voltadas para qualquer grupo deve levar em consideração as demandas específicas dos diferentes segmentos identificados. Mas um dado que salta aos olhos é o quantitativo de jovens que compõe essa população: 68% (100) dos entrevistados são jovens, número bastante expressivo a ser considerado.

Observa-se que uma parcela significativa dos sujeitos participantes da pesquisa são profissionais do sexo/acompanhante ou profissionais de estética e beleza. Pode-se afirmar que essas atividades são, no geral, “socialmente aceitas” para esse segmento populacional. Contudo, conforme já salientado nesta seção, os(as) entrevistados(as) possuem interesse por diversas áreas de qualificação profissional para além daquelas que eles(as) exercem. Nesse sentido, chama atenção esse descompasso entre a realidade dos sujeitos e o que eles(as), majoritariamente, realmente desejam para suas vidas profissionais<sup>33</sup>. Reforça-se, portanto, a necessidade de ofertas de cursos profissionalizantes voltados para esse grupo que sejam de interesse dos sujeitos e, além disso, um acolhimento por parte de diversos setores profissionais.

Ainda sobre trabalho, o estudo indica que dentre as 102 pessoas entrevistadas que possuem trabalho remunerado, a maioria trabalha por conta própria (56,9%; 58) e 80,4% (82) relataram que trabalham

<sup>33</sup>Sabe-se que qualquer tipo de generalização pode gerar equívocos. Logo, partindo dessa premissa e tendo o devido cuidado para não cair num moralismo infundado, cabe salientar que possivelmente haja entre os/as entrevistados/as quem tenha optado ou deseje exercer a atividade de profissional do sexo/acompanhante ou mesmo profissional de beleza/estética. Mas, o que se levanta aqui é que quando a atividade exercida pelo sujeito não é uma escolha, mas sim uma falta de opção, tem-se um problema social.

sem carteira assinada. No geral, essa última informação (a despeito da existência de uma parcela expressiva que trabalha por conta própria) revela uma realidade de trabalho precarizado, visto que a carteira de trabalho tende a assegurar os direitos trabalhistas básicos.

Os resultados apontam também que 39% (57) dos(as) entrevistados(as) afirmaram já ter sofrido preconceito, discriminação ou algum tipo de violência em seu ambiente de trabalho devido à transexualidade e 37% (54) disseram já ter sofrido algum tipo de assédio ou perseguição no ambiente de trabalho por causa de sua transexualidade. Essas informações mostram que no âmbito do trabalho os sujeitos também são vítimas de transfobia, assim como ocorre em outros espaços de socialização, como na escola e na família, conforme já mencionado.

O material coletado aponta que a maioria dos(as) entrevistados(as) (72,2%) são usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Cerca de 43,2% (63) dos sujeitos relataram que já tiveram dificuldades no atendimento dos serviços de saúde, em geral. As dificuldades relatadas são: 30,4% (21) demora no atendimento; 21,7% (15) a negligência/atendimento negado; 15,9% (11) apontaram o preconceito como dificuldade; 11,6% (8) a dificuldade de conseguir especialista/ausência de profissionais; 11,6% (8) desrespeito ao nome social e ao gênero; 4,3% (3) a falta de profissionais qualificados.

Ainda em relação à saúde da população trans, destaque-se que do total de 147 entrevistados(as), 23,1% (34) responderam ter recebido um diagnóstico de depressão e 57,1% (84) afirmou já ter tido pensamento suicida. Dentre os(as) entrevistados(as) que já tiveram pensamento suicida, 53% (44) já tentaram o suicídio, sendo que destes quase 66% (29 pessoas) tentaram mais de uma vez. Números, no mínimo, impactantes. Entre as mulheres trans e travestis em situação de privação de liberdade as frequências observadas são ainda mais expressivas: 72,7% (8) já tentou suicídio e 75% (6) afirmou ter tentado mais de uma vez.

Quanto ao uso de preservativos, a análise segmentada por gênero revela diferenças significativas. Do total de 51 homens trans entrevistados, 54,9% (28) responderam nunca usar preservativos nas relações sexuais, enquanto, por outro lado, do total de 96 mulheres trans e travestis entrevistadas, apenas 12,5% (12) responderam nunca usar.

Quanto à percepção do risco de agressão física motivada por transfobia na cidade onde mora, cerca de 56% (82) dos(as) entrevistados(as) responderam considerar o risco alto ou muito alto. Por outro lado, em relação à percepção do risco de ser assassinado(a) por motivação transfóbica na cidade onde mora, cerca de 60% (89) dos(as) entrevistados(as) responderam considerar o risco alto ou muito alto.

Entre os(as) entrevistados(as) que afirmaram já ter sofrido agressão (47,6% - 70) (para além de escola, família, trabalho e serviços de saúde), 77,1% (54) não procuraram a polícia na ocasião, informação que denota o baixo grau de confiança que este grupo populacional tem nas instituições policiais.

Os dados da pesquisa confirmam um quadro complexo e preocupante que justifica a urgência de ações e, especialmente, de políticas específicas direcionadas a este segmento populacional. A pes-

quisa evidencia aspectos que dizem respeito às condições básicas da existência humana, ao direito de existir e de se assumir na sociedade de uma forma **diferente** do padrão socialmente considerado “normal” a partir de uma perspectiva binária e heteronormativa ainda prevalente. Observa-se, de modo genérico, que a alguns indivíduos ainda é negado direitos humanos básicos, como educação, saúde, trabalho, moradia, afirmação de sua identidade de gênero, entre outras dimensões abordadas.

Vale lembrar que as questões relacionadas à população trans extrapolam uma análise focada apenas em números e no quantitativo de indivíduos trans. Ademais, a cada indivíduo trans relaciona-se um grupo familiar mais amplo que vivencia junto com este indivíduo todas as dificuldades que permeiam o processo de construção da identidade trans, seja numa perspectiva de se solidarizar com as dificuldades, seja numa perspectiva de reforçar estigmas, reproduzindo e intensificando as normatizações construídas socialmente. Em ambos os casos, todos enfrentam dores e desafios que precisam, de algum modo, contar com o suporte das políticas públicas.

Um desafio importante que está posto é associar a cada dado evidenciado estratégias políticas de enfrentamento que, preferencialmente, sejam fruto da interlocução entre os diferentes sujeitos envolvidos. Trata-se de uma questão social que exige dos(as) gestores(as) e da população trans criatividade e disposição política para a formulação de políticas públicas qualificadas e condizentes com o quadro social identificado.

Conforme afirmado no início dessa seção, o material produzido nesse estudo é extenso e encerra uma complexidade que dificilmente será esgotada no âmbito das análises da equipe pesquisadora e/ou desse relatório. Não há aqui a pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação que o estudo enseja, muito menos de esgotar os desdobramentos que possam derivar do mesmo.

Espera-se que novos estudos possam ser realizados a partir dos dados aqui apresentados e, principalmente, que o relatório aqui exposto possa contribuir com o processo de compreensão e enfrentamento da questão social relacionada à população trans, subsidiando tanto o Governo quanto a sociedade civil. Os desafios são complexos e exigem um grande esforço de diálogo e articulação entre os diferentes sujeitos envolvidos, com vistas à superação de uma perspectiva transfóbica que ainda prevalece na sociedade.

Mas os relatos ouvidos, ao longo da pesquisa, indicam um grupo com força de superação e criatividade suficiente para encarar o desafio posto, de modo propositivo. Embora a pesquisa não tenha trabalhado com relatos individualizados, a equipe de pesquisa pôde ter contato - mesmo que breve - com várias histórias de vida que trazem em si potência, vigor, criatividade e muita coragem para a condução de mudanças. Afinal, como afirma o site da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)<sup>7</sup> este grupo tem a tradição de “resistir para existir, existir para reagir”.

# 7

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. Porto Alegre, Artmed, 2014.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. In: **Ágora**. Rio de Janeiro, 2006.

ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL MUNDIAL PARA A SAÚDE TRANSGÊNERO. **Normas de Atenção à Saúde das Pessoas Trans e com Variabilidade de Gênero (Standards of Care – SOC)** v.07. Disponível em [http://www.wpath.org/site\\_page.cfm?pk\\_association\\_webpage\\_menu=1351](http://www.wpath.org/site_page.cfm?pk_association_webpage_menu=1351) Acesso em: 08. Fev. 2018.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira. **Snowball (Bola de Neve)**: uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), P U C P R : C u r i t i b a , A n a i s , 2 0 1 1 . Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf) Acesso em: 27 de março 2018.

BARBOSA, Bruno César. “Doidas e putas”: usos das categorias travestis e transexual. In: **Revista Latino-americana**, n.14, ago., 2013.

BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. In: **Estudos Feministas**. Disponível em: <https://gedsfdusp.files.wordpress.com/2015/08/06-bento-berenice-transexuais-corpos-e-prc3b3teses.pdf> Florianópolis, 2003.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Garamond. Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. **O que é transexualidade**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 2008.

BENTO, Berenice. PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do gênero**: a politização das identidades abjetas. In: Estudos Feministas. Florianópolis, 2012.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Ed. Vozes. Petrópolis, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=17417&Itemid=866](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17417&Itemid=866). Acesso em: 06. Mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Estabelece o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26.Jun.2014. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal->

[144468-pl.html.Acesso em: 06. Mar. 2018.](#)

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. Introdução. In: LOURO, Guacira Lopes. Org. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003.

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Ed. Atlas. São Paulo, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Código Internacional de Doenças – CID 10**. Disponível em <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm> . Acesso em: 08 fev. 2018.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. **Ideologia de gênero**: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. Educ. Soc., Campinas, v. 38, n°. 138, jan.-mar., 2017.

ROCON, Pablo C. **Quando os corpos trans adentram o processo transexualizador**: experiências que conformam a transexualidade. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Vitória, 2018.

SCOTT, Joan W. **O enigma da igualdade**. In: Estudos Feministas. Florianópolis, 13(1), jan-abr., 2005.

SUPERIOR TRIBUNAL FEDERAL. STF reconhece a transgêneros possibilidade de alteração de registro civil sem mudança de sexo. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=371085> . Acesso em: 07 mar. 2018.

TOSTA, André Luiz Zanão. **Continuidades, rupturas e limites das identidades**: Travestilidades e outr@s trans mais. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT – NUH. **Direitos e violência na experiência de travestis e transexuais na cidade de Belo Horizonte**: construção de um perfil social em diálogo com a população. Relatório descritivo. Belo Horizonte, 2016.



**Lista com os nomes da equipe da pesquisa  
e participantes do GD**

**Equipe de Pesquisa**

*Coordenadora da Pesquisa*

Sandra Mara Pereira

*Bolsista Supervisor de Campo*

Cicero Frechiani Linhalis

*Bolsista Apoio Técnico Interno*

Pedro Roberto Castro Silva

*Bolsista Apoio Técnico – Digitação*

Niara Rocha Souza Chaves

*Pesquisadora da Coordenação de Estudos Sociais*

Thalita Matias Gonçalves

*Bolsistas Articuladores de Campo*

Carlos Eduardo Medeiros de Melo

Helloy Scárdua

Michelle Gama

*Bolsistas Agentes de Campo*

Catharina Romanny

Miguel Barbosa dos Santos

Pablo Santiago

Thamara Blair da Silva

**Participantes do Grupo de Discussão (GD POPTRANS)**

Ana Carolina Giuberti

André Luiz Zanão Tosta

Camilla Sianga Assis

Carlos Eduardo Medeiros de Melo

Cicero Frechiani Linhalis

Clotilde Frota Cosme

Cristina Moreira

Érico Jenz Santos

Fabiana Malheiros

Felipe Moura Andrade

Ismenia Novaes Barbosa

Júlio César de Moraes

Leonardo Rangel Nascimento

Maria Aidê Malanquiri

Michel Gonçalves

Michelle Gama

Murilo Lopes Teixeira

Natália Becher

Pablo Cardozo Rocon

Patrícia Malini

Pedro Roberto Castro Silva

Raysla Ferreira

Sandra Mara Pereira

Sthéfanie da Penha Silva

Thaís Alves Vieira

Thalita Matias Gonçalves

Victoria Pastore

Viviana de Paula Corrêa

Weliton Toledo

### Lista de siglas

ACARD	Associação Capixaba de Redução de Danos
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
CID	Código Internacional de Doenças
DSM	Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders
CDPS	Centro de Detenção Provisória de Serra
CES	Coordenação de Estudos Sociais
DST	Doença Sexualmente Transmissível
FAPES	Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo
GOLD	Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade
HIV	Human Immunodeficiency Virus
IBRAT	Instituto Brasileiro de Transmasculinidade
IJSN	Instituto Jones dos Santos Neves
IST	Infecção Sexualmente Transmissível
PEP	Profilaxia Pós Exposição
PEVV5	Penitenciária Estadual de Vila Velha 5
PNE	Plano Nacional de Educação
RMGV	Região Metropolitana da Grande Vitória
SEDH	Secretaria de Estado de Direitos Humanos
SEJUS	Secretaria de Estado da Justiça
SINE	Sistema Nacional de Emprego
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
SUS	Sistema Único de Saúde

**FAPEES**  
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESPÍRITO SANTO

Instituto Jones  
dos Santos Neves



**GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO**  
*Secretaria de Estado de  
Direitos Humanos*  
*Secretaria de Estado de  
Economia e Planejamento*

